

CHARLES W. KOLLER

PREGAÇÃO XPOSITIVA SEM ANOTAÇÕES

COMO PREGAR SERMÕES DINÂMICOS



MC
MUNDO
CRISTÃO

CHARLES W. KOLLER

PREGAÇÃO EXPOSITIVA SEM ANOTAÇÕES

Pregação sem anotações não significa pregação sem *preparo*, como poderiam sugerir as conhecidas expressões, de improviso e extemporâneo.

Pregação sem anotações não significa *preparo* sem anotações. Na verdade, anotações cuidadosamente elaboradas constituem a base da liberdade das anotações na pregação.

Pregação sem anotações não significa que não deve haver nenhuma anotação no púlpito. Comumente se aconselha o pregador a ter consigo essas anotações, sempre que prega: se alguma vez *precisar* delas, precisará delas *urgentemente*.

Pregação sem anotações não significa ficar livre do púlpito e, assim, *chamar a atenção* para o fato de que o orador está pregando sem usar anotações; esse desvio da atenção poderia custar tão caro como vestuário impróprio, gramática defeituosa e maneirismos que só servem para distrair a gente.

O material aqui apresentado foi desenvolvido através de anos de pesquisa, respiga, filtro e experiência no laboratório da sala de aulas. Fez-se todo o esforço para encontrar os processos mais seguros, mais simples e mais úteis para a eficiente pregação sem anotações. Gradativamente emergiram certos princípios comprovados, procedimentos práticos, um esquema homilético básico, e um sistema correntemente delineado de anotações para facilitar ao máximo a memorização, a retenção e a recordação.

ISBN 85-73250-90-9



9 788573 250909



EDITORA MUNDO CRISTÃO

PREGAÇÃO EXPOSITIVA

Sem anotações

CHARLES W. KOLLER



EDITORA MUNDO CRISTÃO
São Paulo

Koller, Charles W.

Pregação expositiva: sem anotações / Charles W. Koller; tradução: Odayr Olivetti – 6ª ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

Título original: Expository preaching without notes.
ISBN 85-7325-090-9

1. Cristianismo 2. Pregação 3. Teologia pastoral I. Título.

96-4600

CDD-251

Índices para catálogo sistemático:

1. Pregação: Cristianismo 251

Título do original em inglês
publicado pela Baker Book House:
EXPOSITORY PREACHING WITHOUT NOTES
Copyright © 1962 por Baker Book House
Grand Rapids, Michigan, E.U.A.

Tradução: Odayr Olivetti
1ª edição brasileira: fevereiro de 1984
2ª edição brasileira: abril de 1987
3ª edição brasileira: novembro de 1991
4ª edição brasileira: novembro de 1995
5ª edição brasileira: setembro de 1997
6ª edição brasileira: julho de 1999
Impressão: Imprensa da Fé, São Paulo

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO
Caixa Postal 21.257, CEP 04602-970 São Paulo, SP

Índice

Introdução	5
1. Conceito Bíblico de Pregação	9
2. Os Modelos de Apresentação da Escritura	16
3. A Primazia da Pregação Expositiva	24
4. Vantagens de Pregar sem Anotações	30
5. Importância da Estrutura	37
6. Fontes de Material para a Pregação	40
7. Recursos Homiléticos	46
8. Passos no Preparo de Um Sermão Expositivo	54
9. Dados Factuais Preliminares da Escritura	59
10. Análise da Passagem da Escritura	66
11. O Cerne do Sermão	71
12. Componentes Estruturais do Sermão	75
13. O Caminho para a Pregação Livre de Anotações	84
14. O Caminho para o Vigor Permanente	97
15. Elementos Essenciais de Um Eficiente Culto com Pregação	102
16. Os Apelos Básicos da Pregação Bíblica	107
17. O Vocabulário do Ministro	112
18. Sistemático Arquivamento do Material	116
Apêndice	123
Índice Remissivo	131

Introdução

Ainda não se disse nem se escreveu a última palavra no campo da homilética. A necessidade de novos estudos perdura, e o interesse jamais se desvanece. Após Phillips Brooks ter alcançado a fama de um dos maiores pregadores do mundo, continuou a receber aulas de homilética.¹ Muitos outros, depois de anos de vitoriosa experiência no púlpito, aumentaram a sua eficiência com o descobrimento de princípios estruturais que anteriormente se lhes haviam escapado.

Na área da pregação sem o uso de anotações, de há muito se sente certa necessidade, a que o curso, “Pregação Expositiva Sem Anotações”, visa a dar algumas respostas. Por mais de vinte anos os seus princípios distintivos têm sido ensinados aos último-anistas do seminário, todos os quais tinham tido pelo menos um ano de treinamento prévio em homilética, e muitos dos quais tinham estado pregando durante anos. Estes princípios têm sido ensinados não somente no Northern Baptist Theological Seminary, mas também num sempre crescente número doutras instituições. A reação à apostila, que foi publicada há alguns anos, foi suficientemente gratificante para garantir a esperança de que o curso poderia tornar-se útil para muitos outros se publicado na forma de livro. Espera-se que certos capítulos serão considerados particularmente proveitosos: Recursos Homiléticos (especialmente a “Palavra Chave” e a “Abordagem Múltipla”); O cerne do Sermão; O Caminho para a Pregação Livre de Anotações; e o Sistemático Arquivamento do Material.

Pregação sem anotações não significa pregação sem *preparo*, como poderiam sugerir as conhecidas expressões, de improviso e extemporâneo.

Pregação sem anotações não significa *preparo* sem anotações. Na verdade, anotações cuidadosamente elaboradas constituem a base da liberdade das anotações na pregação.

Pregação sem anotações não significa que não deve haver nenhuma anotação no púlpito. Comumente se aconselha o pregador a ter consigo essas anotações, sempre que prega; se alguma vez *precisar* delas, precisará delas *urgentemente*.

Pregação sem anotações não significa ficar livre do púlpito e, assim, *chamar a atenção* para o fato de que o orador está pregando sem usar anotações; esse desvio da atenção poderia custar tão caro como vestuário impróprio, gramática defeituosa e maneirismos que só servem para distrair a gente.

O material aqui apresentado foi desenvolvido através de anos de pesquisa, respiga, filtro e experiência no laboratório da sala de aulas. Fez-se todo o esforço para encontrar os processos mais seguros, mais simples e mais úteis para a eficiente pregação sem anotações. Gradativamente emergiram certos princípios comprovados, procedimentos práticos, um esquema homilético básico, e um sistema correntemente delineado de anotações para facilitar ao máximo a memorização, a retenção e a recordação.

O pregador pode estar bem certo de que, tendo dominado as técnicas sugeridas para extrair da Bíblia um sermão expositivo e para compô-lo para uma eficiente transmissão sem o uso de anotações, terá as técnicas para preparar e transmitir todos os outros tipos de sermão também. Ocasionalmente o pregador, com ou sem treinamento, topará com esboço excelente; mas, a menos que entenda bem o que fez, e como o fez, não conseguirá fazer que tais esboços tornem a surgir duas ou três vezes cada semana. Os princípios são poucos e relativamente simples, mas não são comumente exarados nos compêndios. Atender esta necessidade é o objetivo específico destas páginas.

Os processos aqui recomendados incluem a mesma preparação geral e particular requerida para a pregação com manuscrito.

Além disso, exige-se a maior exatidão no emprego das palavras e a máxima precisão na integração das partes do esboço. A exigência de concisão, com esboço de uma só página, indica uma ulterior disciplina para a vida toda, seguida de recompensas a vida toda.

Estes estudos refletem o auxílio recebido de inumeráveis fontes no decorrer dos anos. Quanto possível, estas fontes são identificadas e agradecidamente reconhecidas nestes capítulos nas notas de roda-

pé. Em acréscimo, o autor está em débito para com muitos outros, incluindo-se aquela longa sucessão de estudantes da "Senior Preaching", que ele sempre terá em grata e afetuosa lembrança.

Charles W. Koller

1

Conceito Bíblico de Pregação

A pregação é aquele processo através do qual Deus, mediante o evangelho, reconcilia os homens com a família humana e coloca-os perante Si. Isso é feito sem que a reconciliação seja a obra exclusiva. Desde que a pregação se origina no amor de Deus e seu desejo de reconciliar para chegar aos corações dos homens, a mensagem planejada para salvar a alma, obrigatória à sua tentativa estabelecer os padrões. Segundo que a Bíblia encoraja a pregação, a de que Deus se revela nas Escrituras. É um sermão para a morte eterna durante período de tempo subseqüente sendo sacro, e a pregação revela-se um novo tipo de amor da vida, um meio para salvar a alma e moralidade. Ser pregação é sempre a expressão de Deus vivo.

Deus revela a verdade e a verdade é a pregação. A pregação é a expressão da verdade e a verdade é a pregação.

Quarta da Manhã

1

Conceito Bíblico de Pregação

A pregação é aquele processo único pelo qual Deus, mediante Seu mensageiro escolhido, se introduz na família humana e coloca pessoas perante Si, face a face. Sem essa confrontação não é pregação verdadeira. Desde que a pregação se originou na mente de Deus e é o Seu recurso característico para chegar aos corações dos homens com a mensagem planejada para salvar a alma, obviamente é Sua prerrogativa estabelecer os padrões. Segue-se que a única concepção válida de pregação é a de que Deus se revelou nas Escrituras. É um infortúnio para a causa cristã quando padrões seculares substituem o modelo sacro, e a pregação torna-se um mero instrumento da cultura e um meio para ensinar ética e moral isoladamente das santas e autorizadas exigências do Deus vivo.

Observa-se claramente o conceito escriturístico de pregação como relacionada com o mensageiro, e com a mensagem.

Quanto ao Mensageiro

1. *Sua Vocação.* No Velho Testamento o pregador era “profeta”. Este título é derivado do grego *prophetes* que, por sua vez, é tradução livre do hebraico *nabhi*, significando “alguém que é chamado (por Deus), alguém que tem uma vocação (da parte de Deus)”. Assim, “o profeta era o homem que se sentia chamado por Deus para uma missão especial, em que a sua vontade se subordinava à

vontade de Deus, que lhe era comunicada por inspiração direta".¹ Era este chamamento que o diferenciava dos outros homens.

No Novo Testamento o pregador era um "apóstolo", "um enviado de Deus" (grego: *apostalmenos*), como João Batista (João 1:6), literalmente uma "dádiva de Deus". Em nove de suas epístolas, o apóstolo Paulo se identifica como um "chamado para ser apóstolo". Embora o pregador seja no máximo um "vaso de barro" (2 Co 4:7), por meio do qual Deus se revela a outros, é, não obstante, o ponto vivo de contato entre Deus e aqueles que Ele procura para salvar "pela loucura da pregação" (1 Co 1:21).

2. *Seu Caráter.* Como em nenhuma outra vocação, no ministério o caráter é decisivo. O Espírito Santo simplesmente não se identificará com os impuros ou não consagrados. "Purificai-vos, os que levais os utensílios do Senhor" (Is 52:11). Quão completamente Deus se identifica com os esforços dos Seus fiéis arautos demonstra-se no ministério de Samuel. "O Senhor era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do Senhor" (1 Sm 3:19,20).

Devemos lembrar que a frutuosidade ou esterilidade do ministério de um homem depende não tanto da sua capacidade natural, seu treinamento, sua habilidade, e seu esforço, como daquilo que o Senhor dá ou retira. "Depois que os pregadores pregaram eloqüentemente e demoradamente, quando os pecadores se inclinam, a maravilha operada, e somente por Deus, é tão grandiosa, como quando caiu Jericó."² As muralhas de Jericó não caíram pelos gritos de Israel, mas pelo sopro de Deus.

3. *Sua Função.* Em parte alguma a função do ministro é posta sob luz mais clara do que nas conhecidas palavras do apóstolo Paulo, que constituem o que talvez seja o mais importante de todos os 31.102 versículos da Bíblia para o ministro enquanto ministro: "De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus" (2 Co 5:20).

1. William F. Albright, *From the Stone Age to Christianity* (Da Idade da Pedra ao Cristianismo), Garden City, Nova Iorque: Doubleday & Co., Inc., 1957, p. 303.

2. Edward D. Griffin, *The Art of Preaching* (A Arte de Pregar), Boston: Impresso por T. R. Martin, 1825, p. 15.

O homem cujo ministério está embebido na atmosfera deste texto, jamais poderá errar demais, na doutrina ou no espírito. Ele não poderá ser objetiva ou emocionalmente desligado; ele é advogado de uma causa, com eternidades pesando na balança. Sob o fardo da sua mensagem, ele não se considerará como um tubo pelo qual a verdade flui para outros, mas como uma viva encarnação da verdade para a qual ele procura ganhar outros. Ele pode não ter a eloquência de uma língua pronta, mas terá a eloquência do coração. Seu interesse no estudo não será apenas para o preparo de sermões, mas, ainda mais, para o preparo do seu coração. E quando pregar, não será com débeis sussurros, mas com a vitalidade espiritual dos profetas e apóstolos, de quem é descendente direto.

Quanto à Mensagem

1. *Seu Conteúdo.* Toda verdadeira pregação repousa na afirmação básica: "Assim diz o Senhor!" Esta afirmação ocorre aproximadamente duas mil vezes nas Escrituras. Quando o pregador comunica fielmente a Palavra de Deus, fala com autoridade. Ele está dando uma coisa para a qual não há substituto. O homem não precisa da Palavra de Deus para que esta lhe diga o que será do seu corpo, mas precisa da Palavra de Deus para que esta lhe diga o que será da sua alma. O engenho humano não pode esquadriñar o futuro, nem resolver os problemas da eternidade. Para as respostas às suas indagações sobre a vida e o destino ele tem que, em sua completa incapacidade, olhar para além de si próprio. Ele não é capaz de achar a Deus com a sua humana sabedoria e o seu esforço. "Ninguém vem ao Pai senão por mim" João 14.6); e "ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxe" (João 6:44). É preciso que a Bíblia ilumine o caminho.

A Bíblia não é um registro de descobertas religiosas do homem. "É o registro da progressiva revelação que Deus faz de Si, pela palavra escrita, por Sua intervenção na natureza e na história, e finalmente por Sua penetração no mundo com o Deus-homem, Cristo Jesus."³ Nem mesmo o apóstolo Paulo podia alegar que tinha desco-

3. Lloyd M. Perry e Walden Howard, *How to Study Your Bible* (Como Estudar a Sua Bíblia), Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Co., 1957, p. 14.

berto a Deus. Diz ele de fato que a Deus "aprouve revelar seu Filho" (Gl 1:15,16), e que Deus nos desvendou "o mistério da sua vontade segundo o seu beneplácito..." (Ef 1:9). "Não é que Paulo foi suficientemente inteligente para descobrir o segredo; Deus é que foi suficientemente bom para fazê-lo conhecido."⁴

No Novo Testamento a pregação era essencialmente a simples proclamação dos fatos do Evangelho. Estes fatos se encaixam numa espécie de padrão que pertinentemente se tem denominado "o padrão apostólico", e que se reflete no Sermão de Pedro, no Pentecoste. Este inclui a identidade messiânica de Cristo, Sua vida sem pecado, Sua morte expiatória, Sua ressurreição corporal, e Sua soberania eterna. "A igreja apostólica via o Evangelho, as boas novas, o *euaggelion*, como cumprimento de profecia, e via a sua pregação como a continuação da obra dos profetas."⁵

2. *Seu Poder*. "A Palavra de Deus é viva e eficaz..." (Hb 4:12). O Evangelho de Cristo é "o poder de Deus para a salvação..." (Rm 1:16). A Palavra leva consigo o impacto de uma lançeta e, juntamente com este, o bálsamo que cura a alma. Tudo depende, porém, da fidelidade do pregador e da pureza e integridade do Evangelho comunicado, a que a promessa de poder está condicionada. Sem este suplemento divino, o som do sermão pode ser como o surgir de um forte vendaval, mas o seu poder espiritual será nulo. A palavra do homem não se transforma na Palavra de Deus por ser proclamada em alta voz ou com entonação piedosa.

"Eis que estou convosco", diz o Senhor Jesus em seguida às Suas instruções: "Ide... ensinando-os a guardar *todas as coisas* que vos tenho ordenado". Assim termina a Grande Comissão, e assim termina o Evangelho Segundo Mateus (Mt 28:20), Marcos avança mais um versículo e registra o cumprimento desta promessa: "E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra..." (Mc 16:20). O primeiro cumprimento em larga escala veio no Pentecoste. A Grande Comissão diz ao pregador o que fazer; Atos 2 diz-lhe como fazê-lo. Tudo é definidamente dado a conhecer: a mensagem, o "apelo", o batismo, instrução, comunhão, serviço, vitória! Mas quando o pregador de um evange-

4. George Barclay, *The Bible Speaks to Our Day* (A Bíblia Fala aos Nossos Dias), Filadélfia: Westminster Press, 1945, p. 84.

5. H. Grady Davis, *Design for Preaching* (Motivo para Pregar), Filadélfia: Muhlenberg Press, 1958, p. 109

lho menor deposita no altar a sua pobre oferenda, não há resposta de fogo do céu. E o pregador fica lastimosamente só no púlpito — visão para fazer chorar os anjos!

Para ter poder no púlpito, o pregador deve falar da experiência. A eloquência alcança as suas maiores alturas quando é “a eloquência da experiência cristã”.⁶ O pregador não pode transformar vidas por meio de “eloquente ouvir dizer”. Ele não pode partilhar o que não possui, nem revelar o que não viu. Não pode ganhar outros para uma fé com a qual ele próprio não se comprometeu plenamente. Como os apóstolos, ele deve ser capaz de testificar: “Nós cremos, por isso também falamos” (2 Co 4:13). Quando ele expõe “as Escrituras” (Lc 24:32) para o seu povo, deve estar em plena sintonia com o propósito e espírito da Bíblia. Deve reverenciá-la, amá-la, vivê-la, se há de partilhá-la proveitosamente com outros. “Assim será a palavra que sair da minha boca, não voltará para mim vazia” (Is 55:11). Sempre haverá quem ouça o ministro fiel que declara humilde e inteligentemente, e com evidente sinceridade e boa vontade: “Assim diz o Senhor!” Deus honra a Sua Palavra. Os pregadores podem tender a ficar desanimados quando vêem quanto da sua pregação passa sem receber atenção; mas muito pregador seria vigorosamente reanimado se pudesse saber tudo que vai pelos corações de um auditório aparentemente impassível quando expõe com fidelidade e zelo a Palavra de Deus. Até mesmo aquele ímpio rei Zedequias não passou sem ser afetado pela pregação de Jeremias. Conquanto tivesse consentido na perseguição do profeta, quando lhe chegou a trevesa hora da sua extremidade, ansiosamente perguntou a Jeremias: “Há alguma palavra do Senhor?” (Jr 37:17).

3. *Seu Objetivo.* Em geral, toda pregação bíblica tem por objetivo a persuasão para a vida da fé. “A pregação é um testemunho pessoal com o objetivo de comunicar fé e convicção.”⁷ O sermão é “o lugar de encontro da alma com Deus”⁸ e procura canalizar a graça de Deus para crentes e descrentes. Andrew W. Blackwood faz a observação de que Phillips Brooks, em cerca da metade dos seus 200

6. Raymond Calkins, *The Eloquence of Christian Experience* (A Eloquência da Experiência Cristã), Nova Iorque: The Macmillan Co., 1927).

7. James Wright, *A Preacher's Questionnaire* (Um Questionário do Pregador), Edimburgo: The Saint Andrews Press, 1958, p. 62.

8. Halford E. Luccock, *In the Minister's Workshop* (Na Oficina do Ministro), Nova Iorque: Abingdon — Cokesbury, 1944, p. 27.

sermões publicados, dirigiu-se a pessoas que buscavam a Deus; e na outra metade a pessoas que já O tinham encontrado. Spurgeon, em seus sessenta e três volumes de sermões, seguiu quase o mesmo curso, mantendo aproximadamente a mesma proporção.⁹

O sermão que visa à salvação "deve revestir-se de características edificantes; e o sermão pregado primariamente para a edificação dos ouvintes deve possuir características salvadoras".¹⁰ Salientar a conversão ou a nutrição cristã sem o outro aspecto seria como procurar produzir raízes sem frutos, ou frutos sem raízes. A fé e a ação, a verdade e o dever, devem andar de mãos dadas.

Em toda pregação bíblica Deus procura primariamente, mediante o Seu mensageiro, trazer o homem para a comunhão Consigo. O objetivo é, pois, não meramente infundir conhecimento, ou provocar pensamento, ou despertar as emoções, mas mover a vontade para uma resposta afirmativa. E a resposta que salva a alma é sempre, necessariamente, a resposta de uma pessoa a uma Pessoa. Uma fé válida, salvadora, não é apenas a aceitação de um "modo de VIVER", de uma filosofia, de um princípio ou conjunto de princípios. É a resposta da criatura ao seu Criador, do súdito ao seu legítimo Soberano, da alma ao Salvador. A única resposta salvadora é a de Saulo de Tarso: "Que farei, Senhor?" (Atos 9:6; 22:10). Esta resposta ao Cristo ressurrecto é a própria senha para entrada no reino de Deus. "Se alguém entrar *por mim*, será salvo..." (João 10:9). Não há outro caminho (Atos 4:12). Quando Jesus estava provando Pedro em sua fé, não disse: "Pedro, tu amas os meus princípios, a minha política administrativa, o meu programa?"; mas, "tu *me* amas?" (João 21:17).

Após a salvação, a ênfase é às "*coisas que acompanham a salvação*" (Hb 6:9). A necessária nutrição e motivação da vida cristã envolve os seguintes objetivos específicos:

(1) Consagração, com vistas a uma devoção e uma entrega a Cristo e à "vida separada" cada vez mais profundas. "Rogo-vos... que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo..." (Rm 12:1).

9. Andrew W. Blakwood, *The Preparation of Sermons* (A Preparação de Sermões), Nova Iorque: Abingdon Press, 1948, p. 27.

10. David R. Breed, *Preparing to Preach* (Preparando-se para Pregar), Nova Iorque: George H. Doran Co., 1911, p. 112.

(2) Doutrinação, “para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina...” (Ef 4:14).

(3) Inspiração, para aquecer o coração com “a alegria do Senhor” (Ne 8:10): para colocar na alma uma doxologia ou aleluia; para promover o espírito de louvor e ação de graças.

(4) Consolação. “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras” (1 Ts 4:18). “Consolai o meu povo” (Is 40:1), não é menos imperativo do que convocá-lo para o arrependimento ou levá-lo para a ação heróica ou sacrificial.

(5) Fortalecimento. Os crentes precisam ser confirmados e fortalecidos na fé, “fortalecidos... em toda a perseverança e longanimidade...” (Cl 1:11).

(6) Convicção. Moles conjecturas e opiniões sustentadas debilmente precisam amadurecer, transformando-se em convicções antes de poderem ser partilhadas proveitosamente. Os apóstolos falavam de convicção profunda quando diziam: “nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos” (Atos 4:20).

(7) Ação. “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes...” (Tg 1:22).

A pregação deve ter por finalidade comunicar “todo o desígnio de Deus” (Atos 20:27), em todos os níveis de maturidade e entendimento. Os jovens, os robustos, os ambiciosos, têm necessidades, como também os velhos, os fracos e os abatidos. Todos igualmente precisam ser conduzidos Aquele que é a Fonte de todo auxílio. A prova suprema de toda pregação é: Que acontece com o ouvinte? A João Batista foi concedido o mais alto tributo que jamais poderia vir a um ministro do Evangelho: Quando ouviram João, “seguiram a Jesus” (João 1:37)!

2

Os Modelos de Apresentação da Escritura

Na literatura homilética há uma desnordeante profusão de classificações de sermões e doutras formas de apresentação. Há classificações do ponto de vista do conteúdo, do ponto de vista do objetivo, e do ponto de vista da estrutura. Os termos não são definidos uniformemente, e há muita duplicação; mas é necessário que haja definições para tornar qualquer discussão inteligível. Há, na verdade, um modelo estrutural básico, além de modelos completamente fora de qualquer relação. A característica distintiva do modelo “Básico” é que a “Introdução” leva naturalmente à tese ou proposição, e o corpo do sermão é o desenvolvimento dessa tese.

Podem-se distinguir os seguintes modelos e processos.

O Modelo Básico

1. *Análise.* Este é o primeiro passo indispensável para o esboço de um sermão expositivo no Modelo Básico. É uma “folha de serviço” no sentido mais completo possível. A análise põe em relevo o esquema da passagem, revelando claramente a estrutura e a progressão do pensamento. Limita-se estritamente ao conteúdo da passagem, e à ordem bíblica do material contido. Não deve ser muito minuciosa; isso frustraria o seu propósito. (Discute-se mais completamente este passo num capítulo posterior.)

2. *Exposição*. Quando uma "Análise" é expandida pela interpretação e ilustração, torna-se uma "Exposição", um discurso bíblico. Esta inclui exegese da passagem, exegese baseada num intenso estudo das palavras e frases utilizadas, e leva em conta o contexto imediato e remoto e o substrato histórico e geográfico. Mas uma "Exposição" não faz aplicação ao ouvinte, e não leva nenhum impacto sermônico a clamar por uma resposta.

3. *Sermão Expositivo*.

(1) O "Sermão Expositivo" consiste de "Exposição" mais aplicação e persuasão (argumentação e exortação). Uma "Exposição" torna-se um sermão, e o mestre torna-se pregador, no ponto em que é feita uma aplicação ao ouvinte, com vistas a alguma forma de resposta, em termos de fé ou entrega.

(2) O "Sermão Expositivo" extrai os seus principais pontos ou o subtítulo dominante de cada ponto principal, do particular parágrafo ou capítulo ou livro da Bíblia de que trata.

Em se tratando de passagens ou capítulos didáticos, como 1 Coríntios 13, os pontos seriam obviamente generalizações ou verdades intemporais expressas no capítulo, e identificadas pelo versículo. Tratando-se de passagens narrativas, como a do Filho Pródigo, cada ponto principal tanto poderia ser uma generalização como uma particularização. O pregador poderia resolver tirar as lições da narrativa e usá-las como seus pontos principais, estabelecendo cada ponto com algum pormenor da história; ou poderia usar como pontos principais certas fases ou minúcias da história e destas partir para as lições que elas ensinam. Se o ponto principal é uma generalização, o subtítulo dominante seria uma particularização; e vice-versa.

(3) O "Sermão Expositivo" no modelo "Básico" faz uso de uma tese (proposição, idéia central, afirmação básica), na qual o sermão tem sua unidade e em torno da qual ele é organizado. Uma tese adequada é uma salvaguarda contra a divagação e a irrelevância. Sem ela, o sermão poderia ser como o vento que "sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai" (João 3:8). "Expressa ou latente, a proposição tem que existir; doutra forma, o pregador não pode falar o essencial."¹ E igualmente, para que

1. Austin Phelps, *The Theory of Preaching* (A Teoria da Pregação), revisto por F. D. Whittessell, Grand Rapids: Eerdmans, 1947, p. 57.

se ouça inteligentemente, uma indicação do projetado progresso do pensamento é essencial.

(4) O "Sermão Expositivo", em distinção da "Exposição", requer uma introdução e uma conclusão sermônicas.

4. *Sermão Textual*. O "Sermão Textual" é essencialmente igual ao "Sermão Expositivo", mas empregando uma passagem bíblica mais curta, em geral apenas um versículo ou uma ou duas sentenças. Como é geralmente concebido, envolve uma investigação mais intensa de uma passagem menos extensa. Mas muitas passagens que devem ser tratadas como uma unidade são de tal extensão que tornam praticamente impossível classificar a mensagem como quer textual, quer expositiva.

No "Sermão Textual", o texto pode ser analisado e resolvido em suas partes, e a estrutura do sermão pode basear-se em suas divisões naturais; ou o sermão pode ser construído sobre as implicações do texto como um todo. Um sermão baseado nas inferências válidas de um texto não é menos "textual" do que seria se se baseasse na *análise* do texto. Mas é preciso que não haja inferências *vãs*. "Tenha o particular cuidado de não firmar qualquer proposição, ou questão, que não esteja formalmente contido no seu texto, ou que não se infira por consequência próxima e fácil."²

Há muitos textos que são tão ricos de significado, com tanta verdade e tanta luz concentradas, que exigem manipulação individual. Mas o texto deve ser tratado como algo mais do que um mero trampolim ou ponto de partida. O pregador deve conduzir o seu povo *para o texto*, e não *para longe dele*. Por exemplo, aquela linha de João 8:57 ("Ainda não tens cinquenta anos...") não foi bem tratada quando foi desenvolvida num sermão sobre as peculiares vantagens do vigor e da oportunidade dos jovens, dos que ainda não têm "cinquenta anos". E que contexto rico foi passado por alto, contexto que trata da preexistência de Cristo (v. 58), Sua encarnação (v. 42), Sua relação de filiação para com Deus (v. 54)!

2. John Claude, *Essay on the Composition of a Sermon* (Ensaio sobre a Composição do Sermão), traduzido do francês, publicado em 1778, por Robert Robinson, Cambridge, Inglaterra; incluído em *The Young Preacher's Manual* (Manual do Jovem Pregador) por Ebenezer Poster, Nova Iorque: Jonathan Leavitt, 1829 p. 162.

F. B. Meyer³ sugere: "Quando se escolhe o texto-pivô, é desejável, quanto possível, tecer na estrutura do sermão todos os pontos principais do parágrafo circunvizinho". O método de D. W. Cleverley Ford⁴ é selecionar uma passagem da Escritura; depois, selecionar desta passagem um versículo que em alguma extensão resuma o todo; depois, achar um tema sugerido por este versículo, e expandi-lo para certo número de pontos, com aplicação. Geralmente o resultado é uma combinação de pregação textual e expositiva, com os pontos principais baseados nas implicações do texto, e não na análise deste.

5. *Sermão Tópico*. O "Sermão Tópico" tem todas as características essenciais do sermão "Textual" ou do "Expositivo"; mas não mantém nenhuma relação analítica com qualquer passagem particular da Escritura. Enquanto que o sermão "Textual" é elaborado de um texto, e o sermão "Expositivo" é a elaboração de uma passagem mais longa, o sermão "Tópico" é a elaboração de um tópico. Seja o tópico extraído de fontes bíblicas ou não bíblicas, o sermão "Tópico" não é necessariamente menos bíblico no conteúdo e no desenvolvimento do que o sermão "Textual" ou o "Expositivo".

Modelos Relacionados com o Modelo Básico

Em acréscimo ao "Modelo Básico", segundo o qual o sermão é desenvolvido *dedutivamente* da tese ou proposição, há outros modelos estruturais, segundo os quais o sermão é desenvolvido *indutivamente*. Aqui a tese, sem a qual não seria um verdadeiro sermão, é mantida ausente até à conclusão, o que na verdade é a inversão da tese. Ao que parece, os numerosos modelos estruturais encontrados na literatura homilética, sob muitas classificações, enquadram-se nas seguintes categorias conhecidas:

1. *Modelo da "Solução de Problema"*. Este modelo difere do "Básico" mormente em que as proporções de certas partes estruturais sofrem mudança. O modelo "Básico" poderia apresentar resumidamente o problema na introdução, juntamente com soluções sugeridas.

3. *Expository Preaching Plans and Methods* (Planos e Métodos da Pregação Expositiva), Londres: Hodder & Stoughton, 1912, p. 33.

4. *An Expository Preacher's Notebook* (Apontamentos de um Pregador Expositivo), Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960, p. 19.

das ou tentadas; e depois, com base numa tese ou proposição anunciada, exporia no corpo do sermão a solução aceitável. O modelo "Solução de Problema" expande a declaração do problema numa divisão principal, e igualmente a declaração de soluções inadequadas. Estas duas divisões principais recebem o mesmo grau e proporção da terceira divisão, que trata da solução aceitável. Esta abordagem pode ser muito eficiente quando o pregador propicia a participação do seu auditório na exploração de um problema e suas possíveis soluções, em vez de anunciar adrede a conclusão e prosseguir para estabelecer a sua validade.

O que é certo sobre o modelo "Solução de Problema", quanto à ênfase e à proporção, é semelhantemente certo sobre diversos modelos estreitamente relacionados: (1) O modelo "Necessidade e Satisfação", que trata de uma necessidade reconhecida; possíveis meios de satisfazer a necessidade; e a solução recomendada. (2) O modelo "Hegelian" (título derivado do nome do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-831).⁵ Este modelo salienta a relação "tese-antítese-síntese"; o ideal, o real, a reconciliação; ação, reação, luta, suspense, clímax, o conhecido enredo sobre o qual se diz que muitíssimos romances são construídos: "o rapaz encontra a jovem; o rapaz quer a jovem; o rapaz conquista a jovem". (3) O conhecido modelo "Natureza-Causa-Resultados-Remédio" é estruturalmente comparável ao anterior. É útil, se não for usado com demasiada frequência. Sabe-se de pregadores que têm "naturado, causado, resultado e remediado" os seus auditórios assíduos até o ponto de exasperação.

2. *Modelo "Narrativa"*. Este tipo de sermão é como uma exploração em que o pregador conduz o seu povo ao longo de um caminho de impressões cumulativas que levam a uma conclusão inevitável. Este foi o modelo predominante entre os apóstolos. O sermão de Pedro no Pentecoste é um exemplo preciso. Os apóstolos contavam a história do Evangelho; o Senhor confirmava "a palavra" (Mc 16:20); e a resposta às vezes espantava até os apóstolos. Com um auditório hostil à tese, esta pode ser a abordagem mais proveitosa. A tese não é divulgada até o fim da argumentação, embora o pregador mantenha a tese constantemente em mente enquanto o sermão avança.

O material do modelo "Narrativa" pode ser histórico ou geográfico. Se histórico, o pregador relaciona uma cadeia de circunstân-

5. Blackwood, *The Preparation of Sermons* (A Preparação de Sermões), p. 148.

cias (fatos, casos, incidentes, experiências, desenvolvimentos) que levam à verdade central que ele está procurando explicar. Este modelo é especialmente adaptável ao sermão biográfico, que é construído em torno de uma pessoa, e não de uma verdade central. Há duas abordagens: (1) Sob o primeiro ponto principal, extraem-se as lições; ou (2) Conta-se a história da vida, indicando cada fase por um ponto principal, seguido da lição derivada; ou inverte-se a ordem, primeiro estabelecendo as lições, como pontos principais, e depois desenvolvendo estes pontos com material oriundo das porções relacionadas da história.⁶

Modelos Não Relacionados com o Modelo Básico

Dois modelos que dificilmente poderiam ser classificados como sermões são suficientemente úteis para merecerem consideração, e suficientemente diversos um do outro para exigirem tratamento separado:

1. A *"Homilia"* Este modelo data da época das primeiras igrejas cristãs, em que se seguia a prática judaica predominante de explicar de forma popular as lições da Escritura lida nas sinagogas.⁷ Esta prática parece ter tido origem nos dias de Esdras, o escriba, que com outros se levantou e "Leram no Livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia" (Ne 8:8). Nela não se desenvolve um tópico ou uma proposição, diferindo do sermão principalmente em sua "predominância da explicação sobre o sistema". Ela segue a ordem natural do texto da Escritura, e visa meramente a ressaltar, mediante elaboração e aplicação, as sucessivas partes da passagem como esta se apresenta. Não há nenhum esforço para uma estrutura homilética. Só é necessário que os limites do texto para a homilia sejam determinados por certa unidade interna de pensamento, e que não se enterre nem se perca na discussão o fio dessa unidade.⁸

6. Ilion T. Jones, *Principles and Practice of Preaching* (Princípios e Prática da Pregação), Nova Iorque e Nashville: Abingdon Press, 1956, p. 111.

7. *International Encyclopaedia* (Enciclopédia Internacional), Nova Iorque: Dodd, Mead & Co., 1928, Vol. XI, p. 419.

8. A. Vinet, *Homiletics* (Homilética), traduzido para o inglês por Thomas H. Skinner, Nova Iorque: Newman & Ivison, 1853, p. 148.

2. A “*Lição Bíblica*”. Estreitamente relacionada com a “*Homilia*” vem a “*Lição Bíblica*”, assim chamada, que normalmente inclui a participação do auditório e igualmente não tem estrutura homilética. A lição da Escritura pode consistir de uma única passagem extensa, ou de versículos isolados e reunidos em torno de um tópico escolhido. F. D. Whitesell, em *The Art of Biblical Preaching*,⁹ discute as “*Lições Bíblicas*” como um possível processo para principiantes ou para certos tipos de grupos de estudo bíblico. O processo normal é preparar uma lista de referências bíblicas escolhidas, arrumadas nalguma ordem progressiva, sobre algum tema como “O Poder da Oração”; e então “falar sobre o tema, indo de uma passagem a outra, fazendo comentários, dando explicações e ilustrações”.

Andrew W. Blackwood, em *Preaching from the Bible*,¹⁰ dedica um capítulo a “A Lição Bíblica” como um método para os cultos de meio de semana. Grande parte da leitura da Bíblia é feita em conjunto, e o dirigente visa a levar o grupo a uma ativa participação na discussão.

Merrill F. Unger, em *Principles of Expository Preaching*,¹¹ associa o método da “*Lição Bíblica*” exclusivamente com os estudos tópicos. “O método da Lição Bíblica crava a atenção no tópico propriamente dito”.

Nas igrejas em que o método da “*Lição Bíblica*” é virtualmente desconhecido, o uso deste método em raras ocasiões pode ser muito eficiente. Um pastor demonstrou isto em seu esforço para recrutar membros para a prática do dízimo. Em dada manhã dominical, os seus diáconos distribuíram a todos os presentes um exemplar do Novo Testamento em que as passagens que sustentam a obrigação cristã de contribuir tinham sido marcadas. Daí o pastor, ao invés de pregar um sermão como sempre, dirigiu a congregação através das passagens bíblicas marcadas, com comentários e aplicações. A novidade do método atraiu as pessoas, e o resultado foi espantosamente bom.

*
* *

9. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House), 1950, pp. 39-44.

10. (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press), 1941. pp. 153-168.

11. (Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1955), p. 41.

Conquanto haja mérito nos vários métodos de apresentação da verdade bíblica, e novo vigor na mudança de um para outro de vez em quando, provavelmente o pregador fará bem em se apoiar mormente no padrão "Básico" através de todo o seu ministério.

3

A Primazia da Pregação Expositiva

A pregação expositiva é apenas um dos vários tipos de pregação que têm sido poderosamente utilizados e poderosamente abençoados por Deus. O estudo dos grandes sermões da literatura sacra revela tanta sobreposição entre estes tipos que torna impossível uma classificação estrita. Tampouco é essencial que qualquer dado sermão seja puramente tópico ou puramente textual ou puramente expositivo.

A pregação expositiva, conquanto sempre bíblica no conteúdo, nem sempre é segundo o modelo estrutural "Básico". "Muitas vezes o sermão é expositivo em sua natureza, mesmo que não o seja tecnicamente em sua estrutura homilética."¹ Mas, a fim de ser bem recebido, o sermão deve ter unidade, estrutura, objetivo e progressão; deve estar apoiado na autoridade bíblica, e deve ser apresentado inteligentemente. Não há dúvida de que a pregação expositiva seria muito mais popular do que é, se fosse mais geralmente bem feita.

A pregação textual tem muita coisa que a recomenda; da mesma forma a pregação tópica. Nenhum método deve ser empregado exclusivamente. Mas como o método predominante, para o ano completo de serviços ministeriais, a pregação expositiva tem maior potencial

1. Jeff D. Ray, *Expository Preaching* (Pregação Expositiva), Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1940, p. 46.

para a bênção e o enriquecimento do pastor e do povo. "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes (ou, na versão usada pelo autor, "alimentardes") a igreja de Deus..." (Atos 20:28). Este texto, tão amplamente utilizado nas ordenações, implica num generoso uso da Bíblia, um exemplar da qual geralmente é presenteado ao jovem ministro. E o que poderia ser mais apropriado, em vista da subnutrição espiritual que prevalece em nossos dias?!

A prédica expositiva alimenta a alma. Familiarizando os ouvintes com a verdade bíblica, o pregador acumula recursos espirituais muito além dos objetivos imediatos do sermão. Os nutricionistas estão usando a expressão, "bomba-relógio nutricional", com referência a deficiências nutricionais particulares que podem permanecer ocultas durante anos e então, de repente, se manifestam em grave enfermidade. Essa é a experiência dos espiritualmente subnutridos que, sob a pressão de uma perda ou catástrofe, repentinamente descobrem que a alma está fraca demais para sobrepor-se à tempestade.²

A prédica expositiva faz uso de mais numeroso material escriturístico do que de fato se dá geralmente com a prédica textual ou tópica. Mediante o conhecimento da verdade bíblica, Deus dá prontidão, direção e capacitação para o viver cristão. E a pregação expositiva, como método predominante, tem a probabilidade de provar-se mais útil do que os outros métodos para o desenvolvimento de um povo arraigado e firmado na Palavra de Deus. Somente quando o crente foi completamente doutrinado nas Escrituras Sagradas, está adequadamente fortificado na hora da tentação, e é capaz de dizer, como Jesus o fez no deserto: "Está escrito" (Mt 4:4,7,10)! Muitíssimos crentes bem intencionados estão entrando em aflição em nossa geração de generalizada ambigüidade moral porque não sabem o que "está escrito". Muitíssimos são como a mulher de que se disse que tinha só um defeito moral: Não conseguia distinguir entre o certo e o errado! Uma perene ênfase à pregação expositiva pode muito bem ser a nossa melhor resposta ao desafio do analfabetismo bíblico generalizado.

"Infelizmente, mesmo entre os estudantes de teologia e os ministros há generalizada ignorância do conteúdo da Bíblia. Esta é a

2. Kenneth J. Nettles, em *The Watchman-Examiner* (8 de janeiro de 1959), p. 32.

ruína do candidato a pregador.”³ Mas quando ele labuta para soerguer o ânimo frouxo do seu povo no treinamento bíblico e procura declarar “todo o desígnio de Deus” (Atos 20:27), ele próprio é o primeiro a lucrar com as riquezas que descobre. Vivendo assim dentro da Bíblia, ele está constantemente trazendo a si próprio e a seu povo sob o juízo da Palavra de Deus; e conforme amplia o seu alcance da verdade bíblica esta cobertura mais vasta propicia um equilíbrio salutar e ajuda a prevenir a desproporcionada ênfase a certas verdades, negligenciando outras. “Uma parte dos raios solares separada dos demais irá colorir a sua página de vermelho ou laranja ou violeta, mas se a plena luz do céu cair sobre ela, irá deixá-la um pulcro branco.”⁴

A “Pregação Tipo Problema” e a “Pregação Tipo Situação da Vida” são definidamente úteis, e não devem ser menosprezadas. Mas a pregação expositiva, com cobertura razoavelmente ampla da Bíblia, feita viva e relevante para a época atual, pode ajudar mais pessoas por tratar de muito mais vasta variedade de problemas e de situações da vida. Problemas demasiado delicados para serem manipulados topicamente, muitas vezes podem ser manipulados da maneira mais natural no transcurso da prédica expositiva; e problemas dos quais pode ser que o pregador não tenha nenhuma consciência, podem desse modo ser trazidos à luz da Escritura. Willard Brewing, após uma referência à pregação com vistas a algum problema particular, acrescenta que há outra espécie de pregação que pode ser “mais eficiente ainda, isto é, simplesmente ligar a Luz que cai sobre todo tipo de problema”. Ele se refere a Hebreus 4:12, onde se declara que “a palavra de Deus é... apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”. E ele junta a esta passagem da Escritura o pertinente comentário de John Hutton: “O Novo Testamento segura uma potente luz pela qual o homem pode ler até mesmo o menor sinal da sua alma”.⁵

Embora possa haver um problema em cada ouvinte, muita “Pregação Tipo Situação da Vida” não oferece a melhor classe de regime alimentar para uso constante. “Ela tende a tornar as pessoas

3. Henry Sloane Coffin, *Communion through Preaching* (Comunhão mediante a Prédica), Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1952, p. 13.

4. Griffin, *The Art of Preaching*, (A Arte de Pregar), p. 20.

5. Donald Macleod, *Here Is My Method* (Eis o Meu Método), Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Co., 1952, pp. 39, 46.

conscientes do problema, em vez de conscientes da Bíblia e conscientes de Deus.”⁶ A pregação pode tornar-se demasiado horizontal, “sabendo mais a psicologia que a religião, mais a auto-ajuda do que a Bíblia”.⁷ O pregador pode esgotar os “problemas” ou “situações”; ou pode ficar tão afeito à condição de pregador tipo problema, que pense nas pessoas primariamente em termos de problemas, negligenciando muitas áreas da verdade não relacionadas com aquilo. O caráter de pregação oportuna que freqüentemente constitui a força deste tipo de prédica parece tornar-se uma limitação sobre a extensão de sua vida. O sermão expositivo, por outro lado, pode ter a vantagem da intemporalidade, sem nada lhe faltar do ponto de vista da relevância para uma situação imediata. Ao lado da aplicação contemporânea, carrega autoridade que muitas vezes falta em sermões sobre temas contemporâneos, apenas com ocasionais e quicá vagas referências à Escritura.

Os recursos para a pregação expositiva são inexauríveis. Este tipo requer — e desenvolve — maior conhecimento da Escritura do que o que é necessário para outros tipos. Na mesma progressão, o pregador é desafiado por uma gama cada vez mais ampla de possibilidades com “interminável variedade à sua disposição”.⁸ Ele não só estará desenvolvendo sermões que tratam de parágrafos, mas de capítulos e de livros inteiros da Bíblia. Sermões de livros têm sido particularmente úteis para a apresentação dos livros mais curtos e menos bem conhecidos da Bíblia, ou para preparar uma igreja para uma série de sermões sobre dado livro. Uma excelente discussão deste tipo de sermão é a de Ilion T. Jones.⁹ Ele mostra como um esboço de sermão sobre um livro da Bíblia pode ser construído, agrupando o conteúdo do livro sob títulos como os versículos de um parágrafo ou capítulo seriam agrupados, e desenvolvendo cada divisão do mesmo modo. Primeiro, o ponto é estabelecido; depois é elaborado com material do livro; depois é aplicado. Um manuseio mais dramático do livro poderia ser discuti-lo sob os três títulos: o cenário histórico;

6. Whitesell. *The Art of Biblical Preaching* (A Arte de Pregar Bíblicamente), p. 22.

7. W. E. Sangster, *The Craft of Sermon Construction* (Perícia na Elaboração do Sermão), Filadélfia: Westminster Press, 1951, p. 132.

8. James S. Stewart, *Heralds of God* (Arautos de Deus), Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1956, p. 109.

9. *Principles and Practice of Preaching* (Princípios e Prática da Pregação), p. 109 e segtes.

o conteúdo; a mensagem. Isto daria mais tempo para o cenário histórico e para o material do qual se extrai a mensagem, e sintetizaria a mensagem numa série de breves e vigorosas afirmações de impacto no fim.

A pregação de um sermão ocasional sobre a Bíblia como um todo é recomendada por Corwin C. Roach,¹⁰ como um salutar exercício para o pregador. Em seguida a sermões sobre a Bíblia como um todo, ele classificaria sermões sobre os livros da Bíblia, como um meio de contrapor-se à tendência para a pregação fragmentária da Bíblia. Similarmente, Robert J. McCracken, salientando a pregação expositiva como um meio de fazer da Bíblia mais que um simples "compêndio de citações manejáveis", favorece a ocasional dedicação de um sermão à exposição de um livro inteiro da Bíblia.¹¹ Quer tratando de um parágrafo da Escritura, quer de um capítulo, quer de um livro inteiro, há necessidade de praticar "a bela arte da omissão"; doutra forma o sermão poderia chafurdar na abundância de material disponível.

Outro tipo eficiente de pregação expositiva é o da pregação sobre personalidades bíblicas. Faris D. Whitesell, em seu excelente livro sobre este assunto,¹² dá muitas razões para colocar este tipo de pregação em alta prioridade. Ele mostra que este é talvez o modo mais fácil de pregar a Bíblia, o que tem maior probabilidade de atrair as pessoas e prender sua atenção, e o que mais provavelmente será lembrado. E, quanto à novidade e variedade, há aproximadamente quatrocentas personalidades bíblicas dentre as quais escolher!

Na escolha de assuntos para a pregação biográfica, Andrew W. Blackwood sugere que "geralmente é melhor colocar a ênfase onde a Bíblia a coloca, no homem que está fazendo a vontade de Deus. Esta é a razão pela qual Gênesis, dos homens que nele ocorrem, dá mais atenção a José do que a todos os maus homens juntos.¹³ Com esta ênfase o ouvinte pode ser ajudado a ver-se na pessoa de outrem, e a encontrar para si a mesma bênção. Com isso tudo, deve-se

10. *Preaching Values in the Bible* (Méritos da Pregação Segundo a Bíblia), Louisville: The Cloister Press, 1946, p. 296.

11. *The Making of the Sermon* (A Elaboração do Sermão), Nova Iorque Harper & Brothers, 1956, p. 35.

12. *Preaching on Bible Characters* (Pregação Sobre Personalidades da Bíblia), Grand Rapids: Baker Book House, 1955).

13. *Preaching from the Bible* (Pregação Oriunda da Bíblia), p. 57.

lembrar que a Bíblia não foi dada para revelar as vidas de Abraão, Isaque e Jacó, mas revelar a *mão de Deus* nas vidas de Abraão, Isaque e Jacó; nem como uma revelação de Maria, Marta e Lázaro, mas como uma revelação do *Salvador* de Maria, Marta e Lázaro. É preciso lembrar também que a Bíblia geralmente oferece apenas esboços breves, incompletos, e qualquer uso da imaginação histórica deve ser estritamente compatível com os fatos registrados.

Ao tratar de personalidades que não devem ser imitadas, dois perigos devem ser evitados:¹⁴ Primeiro, descrevendo os seus defeitos, corre-se o risco de fazer um impacto meramente negativo. Um segundo perigo é a tentação de apresentar uma descrição deformada e injusta fazendo um ou mais defeitos agigantar-se desproporcionalmente. Um sermão completamente honesto tenderá a corrigir quaisquer distorções anteriores.

"O povo tanto tem precisão como desejo da Palavra de Deus."¹⁵ É o pregador que lhe dá verá os seus recursos se tornarem mais abundantes com cada sermão que ele prepara. Ele será "como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto" (Sl 1:3). "Por que ir às cisternas rotas do conhecimento deste mundo, quando esta permanente fonte da verdade divina produz rios da água da vida?"¹⁶

14. Frank H. Caldwell, *Preaching Angles* (Ângulos da Pregação), Nova Iorque: Abingdon Press, 1954, p. 61.

15. Sangster, *The Craft of Sermon Construction*, p. 27.

16. Faris D. Whitesell, *Evangelistic Preaching and the Old Testament* (A Pregação Evangélica e o Velho Testamento), Chicago: Moody Press, 1947, p. 184.

4

Vantagens de Pregar sem Anotações

Um exame da literatura homilética revela, ao lado de uma infinidade de variedades de conceitos e métodos, que em geral há razoável acordo em dois pontos: Primeiro, reconhece-se que a maioria das igrejas prefere a prédica sem anotações. Segundo, há acordo em que cada ministro precisa achar pessoalmente o método que melhor o habilite a conseguir essa liberdade das anotações no púlpito. Cada ministro desenvolver pessoalmente um método poderia envolver anos de desgastante experimentação, e uma alta porcentagem nunca chegaria a um método feliz.

A leitura dos sermões no púlpito tem os seus advogados.¹ Diz um expoente que “um razoável acúmulo de prática capacitará qualquer pessoa a ler um sermão com tanta liberdade como quando prega extemporaneamente”.² Mas sermões lidos eficientemente são tão raros que este processo pode ser praticamente eliminado, exceto para as circunstâncias mais extraordinárias. E apesar de que a leitura tem sido mais ou menos aceita em certos lugares, nunca foi popular para a média dos ouvintes.

Há, como sempre houve, ministros que pregam eficientemente com manuscrito ou com anotações abundantes no púlpito, como tam-

1. Charles L. Slaterry, *Present Day Preaching* (A Pregação nos Dias Atuais), Nova Iorque: Longmans, Green & Co., 1909, p. 21.

2. Bernard I. Bell, em *The Minister, The Method, and Message* (O Ministro, O Método e a Mensagem), de Harold A. Prichard, Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1932, p. 151.

hém há alguns que lêem os seus sermões integralmente; mas os mesmos pregadores seriam ainda mais eficientes se pudessem ficar livres de notas no púlpito: Ao que parece, evidentemente é este o *verdicto* da história.

Exemplos da Antiguidade

O eloqüente Cícero (106-43 A.C.), que "cativou Roma com a sua eloqüência oratória",³ tinha fortes convicções sobre encarar o auditório sem o entrave de um manuscrito. Ele teve treinamento completo em leis e oratória; e sua categoria como o maior orador da Roma antiga, e um dos seus mais ilustres estadistas e eruditos, qualifica-o como autoridade. Ele declarou: "Na alocação, em seguida à voz quanto à eficácia, vem a fisionomia; e esta é dominada pelos olhos. O poder de expressão do olhar humano é tão grande que, de certa maneira, ele determina a expressão do semblante todo".⁴

Dizem que alguns oradores antigos tinham memória tão disciplinada que às vezes dispensavam as anotações até na *preparação* das suas mensagens. Assim Quintiliano, o retórico romano, que teve uma carreira notável como professor de eloqüência (c. A.D. 35 — c. A.D. 97), deu instruções para *elaborar em pensamento* um discurso para proferir; e Cícero dizia que as orações são escritas, não para que *possam ser* proferidas, mas como *tendo sido* proferidas.⁵ A prática de preparar mensagens "por um processo de composição mental não é desconhecida no século vinte. Isso depende grandemente do preparo geral que vem pela muita leitura e vasta experiência. Assim, um texto ou tema escolhido reunirá junto de si uma riqueza de material acumulado que só precisa ser colocado em boa ordem."⁶

Andrew W. Blackwood lembra-nos que a pregação sem anotações foi o método de Jesus, dos profetas e dos apóstolos que, quan-

3. William A. Quayle, *The Pastor-Preacher* (O Pregador Pastor), Cincinnati: Jennings & Graham, 1910, p. 289.

4. John A. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermon* (Do Preparo e Pregação de Sermões), Nova Iorque: Harper & Brothers, 1944, p. 350.

5. Henry J. Ripley, *Sacred Rethoric* (Retórica Sacra), Boston: Gould, Kendall & Lincoln, 1849, p. 170.

6. Joseph Fort New, em *The Minister, The Method, and The Message* (O Ministro, O Método e A Mensagem), de Harold A. Prichard, p. 179.

do pregavam, falavam “de coração a coração e de olhos a olhos”.⁷ Na sinagoga de Nazaré, quando Jesus abriu “o livro” e começou a falar, todos tinham os olhos fixos nele (Lucas 4:17-21). Quão impróprio seria que Jesus tivesse os Seus olhos presos nas anotações! “O fato de que os poderosos arautos de Deus dos tempos antigos pregavam sem anotações deveria criar uma pressuposição em favor deste método agora.”⁸

Consenso dos Observadores Modernos

A pregação sem o uso de anotações tem sido vigorosamente defendida por escritores da nossa geração, bem como por escritores do século passado.

“Com as multidões, é o método popular. Sem dúvida, algumas igrejas foram educadas para a tolerância da leitura, mas é quase sempre uma aquiescência involuntária...”⁹

“Sem dúvida as pessoas em geral são mais cativadas pela alocação extemporânea, ainda que vitoriosa apenas em escala tolerável, do que pelos mais hábeis discursos com manuscritos.”¹⁰

“Os ouvintes, disto eu estou certo, preferem o que se chama pregação extemporânea, melhor e mais precisamente descrita como pregação anotada.... Quanto menor o papel e quanto menor a leitura feita no papel, menor a barreira para a comunicação....”¹¹

Pregar sem anotações “às vezes dá a um homem de parcas idéias e de pobres realizações... superioridade a outro homem com quem, tendo-se em consideração qualidades genuínas, ele não poderia agüentar comparação por um momento, mas que não tem a capacidade de dirigir-se livremente a um auditório”.¹²

7. *Expository Preaching for Today* (Pregação Expositiva para Hoje), Nova Iorque e Nashville: Abingdon—Cokesbury Press, 1953, p. 159.

8. Blackwood, *The Preparation of Sermons*, p. 194.

9. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, pp. 329, 330.

10. Wilder Smith, *Extempore Preaching* (Pregação Extemporânea), Hartford: Brown & Gross, 1884, p. 12.

11. Wright, *A Preacher's Questionnaire*, p. 68.

12. Ripley, *Sacred Rhetoric*, p. 173.

"Toda vez que se dá aos leigos a oportunidade de expressar-se, eles votam contra a leitura de sermões." "Praticamente todos os professores de oratória pública recomendam a alocução livre, sem restrição."¹³

Gilman, Aly e Reid, em seu excelente livro didático, *Fundamentals of Speaking*, declaram: "Os únicos oradores aos quais se deveria permitir o uso de anotações são os que não precisam delas".¹⁴

Quando o governador Alfred E. Smith estava em campanha pela presidência, começou lendo os seus discursos. Mas parou com isso abruptamente, imaginando que as pessoas perdiam o interesse quando viam o orador inclinado sobre o papel, e que poderiam pensar que ele estava com medo de dizer o que tinha de fato em mente.¹⁵

G. Campbell Morgan (1863-1942), "talvez o maior expositor bíblico dos tempos modernos ... sempre falava extemporaneamente".¹⁶

Charles H. Spurgeon (1834-1892), geralmente reconhecido como um dos grandes pregadores de todos os tempos, "pregava extemporaneamente, exceto quanto a cerca de meia página de notas que usava muito pouco".¹⁷

George W. Truett (1867-1944), não superado como pastor-evangelista em sua geração pregava com tremendo poder, sempre sem anotações. Por aproximadamente quarenta e cinco anos ele serviu como pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, que ele edificou partindo de uma pequena e problemática congregação, chegando a um rol de aproximadamente 9.000 membros, fazendo dela a maior igreja de batistas brancos do mundo. Durante a segunda metade do seu ministério, ele ficava ausente do seu púlpito cerca da metade do tempo; ele "pertencia ao mundo"; mas o impacto espiritual do seu ministério manteve a vida da igreja em vigoroso impulso até o fim. Os que o ouviram dificilmente poderiam imaginá-lo pregando doutro modo que sem anotações.

13. Jones, *Principles and Practice of Preaching*, pp. 194, 202.

14. Gilman, Aly, e Reid, *The Fundamentals of Speaking* (Os Elementos Fundamentais da Oratória). Nova Iorque: The Macmillan Co., 1951, p. 127.

15. *Ibid.*, p. 126.

16. Whitesell, *The Art of Biblical Preaching*, pp. 150, 151.

17. *Ibid.*, pp. 156-158.

Testemunho da Experiência

Clarence E. Macartney, famoso autor de muitos livros populares de sermões, pregava sem anotações desde o seu penúltimo ano do seminário, e desde aquele tempo “nunca pregou com um manuscrito ou com anotações de qualquer espécie no púlpito”. Em seu livro, *Preaching without Notes*,¹⁸ ele declara, após quarenta anos de pregação, que “a tempo e fora de tempo, ano após ano, e para as igrejas comuns, não se pode questionar que o sermão que faz o máximo bem é o sermão pregado sem anotações”.

O deão Charles R. Brown, nas Conferências Lyman Beecher de 1922-23,¹⁹ declara: “O homem que prega sem manuscrito alcança níveis de júbilo em sua prédica que estou certo de que o pregador com manuscrito não conhece”. Mas, “Em minha prática pessoal”, diz o Dr. Brown, “embora eu nunca use um manuscrito para pregar, há cinco sentenças do meu sermão que eu sempre escrevo antes e sei de cor — a primeira e as quatro últimas”.

Fred Townley Lord,²⁰ ex-presidente da Aliança Batista Mundial, teve isto para dizer: “Eu sempre me senti mais feliz olhando para uma congregação do que olhando para um manuscrito. Vim a saber que a maneira direta de discursar e o contato direto com o auditório tinham mais valor do que um estilo literário bem trabalhado”.

Faris D. Whitesell,²¹ destacado pregador e professor de evangelização, diz: “Se alguma vez alguém precisa de soltura e liberdade na pregação, é quando está entregando uma mensagem evangelística. Olhe as pessoas diretamente nos olhos o tempo todo, fale com sinceridade, e pregue com um vigoroso senso de missão e de urgência”.

John Wesley²² dizia: “Olhe os seus ouvintes decentemente, um após outro, como fazemos na conversação familiar”.

18. (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1946), pp. 145, 160.

19. *The Art of Preaching* (A Arte de Pregar), Nova Iorque: The Macmillan Co., 1944, pp. 87, 113.

20. *My Way of Preaching* (Meu Método de Pregar), editado por Robert J. Smithson, Londres: Pickering & Inglis, Ltd., p. 92.

21. *Evangelistic Preaching and the Old Testament*, p. 50.

22. *John Wesley on Pulpit Oratory* (John Wesley Sobre a Oratória do Púlpito), revisto e ampliado por Ross E. Price, Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1955, p. 19.

Harold J. Ockenga,²³ renomado pastor da histórica igreja de Park Street, em Boston, Massachusetts, prega sem anotações há mais de trinta anos, e energicamente recomenda este método, baseado numa preparação compreensiva e na elaboração cuidadosa de esboços dos sermões.

Confirmação do Laboratório

"Os psicólogos, dirigindo testes em condições de laboratório, descobriram que as pessoas lembram aquilo que é lido para elas, com quarenta e nove por cento de eficiência. A retenção aumenta para sessenta e sete por cento quando o pensamento é expresso, não mediante leitura, mas mediante transmissão verbal direta. Nós queremos que a nossa mensagem seja lembrada."²⁴

O olho é "um órgão de linguagem", e é necessário em toda comunicação. Juntamente com a comunicação espiritual, ele irradia também uma energia física, como o faz o "olho elétrico" que abre a porta da moderna estação ferroviária ou supermercado. Halford E. Luccock fala da exibição de uma invenção chamada "look-at-meter", que demonstrou dramaticamente este fato. Neste delicado aparelho, mesmo um casual vislumbre era suficiente para deixar a lâmina sensível.²⁵ O Velho Marinheiro de Samuel T. Coleridge "mantém-no retido com seus olhos brilhantes". Os oradores vêm fazendo isso desde o princípio do tempo. Quando os candidatos Nixon e Kennedy, naqueles cruciais aparecimentos na televisão, faziam os seus supremos apelos ao país, com a presidência dos Estados Unidos em jogo, falavam sem anotações. Por quê? Quanto mais os apelos do ministro de Jesus Cristo, com eternidades em jogo, devem ser feitos sem o impedimento das notas!

"Há poder no olhar, não menor que na voz, para transmitir todas as variedades da emoção — indignação, surpresa, determinação, atração."²⁶

23. *How to Prepare a Sermon* (Como Preparar um Sermão), Christianity Today, 13 de out. de 1958, pp. 10-12.

24. John N. Booth, *The Quest for Preaching Power* (A Busca de Poder ao Pregar), Nova Iorque: Macmillan Co., 1943, p. 222.

25. Luccock, *In the Minister's Workshop*, p. 198.

26. Wilder Smith, *Extempore Preaching* (Pregação Extemporânea), Hartford: Brown & Gross, 1884, p. 128.

"São o olhar, a entonação, o pensamento vivo do orador que comovem e persuadem o ouvinte."²⁷

"O contato visual entre o pregador e o ouvinte deve ser tão íntimo e contínuo quanto possível. Isto não somente ajudará a dirigir a atenção do ouvinte; nuances de significado são transmitidas, nuances que doutro modo se perderiam."²⁸

David R. Breed²⁹ fala dos "olhos emancipados" do pregador livre das anotações, e do poder adicional que isto lhe dá na entrega da sua mensagem.

Robert E. Speer insistia em que o orador mantivesse os olhos fixos no auditório. "Às vezes há mais poder no seu olhar do que você pode imaginar."³⁰ O orador pode atrair a atenção de um inquieto membro do seu auditório simplesmente olhando para ele, e assim trazê-lo à tranquilidade e à atenção.

Salientando a importância da conclusão do sermão, Ilion T. Jones enumera muitos "não" enfáticos. Um deles é: "Nem uma vez rompa o contato visual com as pessoas... mantenha-se completamente livre de manuscritos ou anotações".³¹ Obviamente, o que contribui para ter-se poder nos momentos de encerramento do sermão, contribuirá para ter-se poder no transcurso do sermão todo.

27. F. Barham Zincke, *The Duty and Discipline of Extemporaneous Preaching* (O Dever e a Disciplina da Pregação Extemporânea), Nova Iorque: Charles Scribner & Co., 1867, p. 15.

28. Webb B. Garrison, *The Preacher and His Audience* (O Pregador e os Seus Ouvintes), Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Co. 1954, p. 236.

29. *Preparing to Preach* (Preparando-nos para Pregar), p. 322.

30. *How to Speak Effectively without Notes* (Como Falar Eficientemente sem Anotações), Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1928, p. 17.

31. *Principle and Practice of Preaching*, p. 167.

5

Importância da Estrutura

As especificações estruturais de um bom sermão são comparáveis às especificações pelas quais o índio primitivo modelava as suas flechas. Ele compreendia que a sua sobrevivência poderia depender da excelência da sua flecha. Portanto, a seta devia ser absolutamente reta, para não oscilar em vô; a ponta devia ser suficientemente aguda para penetrar; as penas deviam ser na quantidade exata para manter firme a flecha no vô, de modo que não retardassem o seu vô nem enfraquecessem o seu impacto. Semelhantemente, o sermão deve ter um pensamento claro que o percorra em toda a sua extensão, uma ponta aguda no fim, e precisamente as “penas” suficientes para vencer a atmosfera pela qual ele tem que passar em direção ao alvo.

Em grande parte, pregar sem o uso de anotações é questão de estrutura. Assim é o poder no púlpito. Se bem que alguns dos nossos grandes pregadores têm tido sucesso sem adequada estrutura em seus sermões, seu sucesso se deve à compensação de fatores extraordinários. Mente penetrante, imaginação viva, amplitude de conhecimento, experiência e observação, e intensidade de sentimento, juntamente com talento oratório nato, podem exercer um poderoso impacto. Mas uma eficiência maior ainda poderia ser conseguida se também houvesse excelência estrutural. Sem boa estrutura, uma mensagem real pode evidenciar-se obscura e fraca. “Naturalmente, é possível encher vinte minutos ou mais de matéria sermônica sem forma e, contudo, não inteiramente vazia.”¹ Mas uma boa estrutura aumentará imensu-

1. Sangster, *The Craft of Sermon Construction*, p. 62.

ravelmente o poder do sermão, e bons hábitos homiléticos constituem inapreciável recurso para os ocupantes dos púlpitos.

Um esboço que se saliente com clareza e agudeza é o primeiro grande passo para a liberdade no púlpito. E não há necessidade de que ele seja desagradavelmente anguloso. Elaborado ou revestido apropriadamente, ele pode ter beleza, como também poder. Como uma autoridade o expõe, "jamais um bom esboço é a causa de fracasso num sermão".² Conquanto só a técnica não garanta um bom sermão, a falta de técnica torna altamente improvável um bom sermão. A boa estrutura pode fazer a diferença entre a futilidade e a eficiência de um sermão e, com os anos, pode elevar um pregador da mediocridade para a excelência.

Uma boa estrutura é útil não somente para o pregador, dando-lhe noção de tempo, de desenvolvimento e de proporção, mas também para o auditório. O ouvir inteligente requer que o curso do pensamento fique claro para o ouvinte. Donald G. Miller, em *The Way to Biblical Preaching*,³ protesta contra aquela "seita de enganadores sermônicos da nossa época, cujo objetivo parece ser o de ocultar ao ouvinte os pontos em que se faz um progresso". Transições claras e suaves são um sinal de excelência de um sermão, e uma prova de pensamento claro da parte do pregador. Clareza de expressão não é incompatível com profundidade; realmente se pode dizer até que ambas têm afinidade entre si; e realizar a simplicidade é deveras um triunfo.

A espécie de esboço estruturalmente própria para a memorização, a retenção e a recordação não se consegue sem esforço, mas vale tudo que custa. Tem-se dito com acerto que muita pregação infeliz se deve à "transpiração suprimida".⁴ Todavia, não basta um esboço excelente, embora construído com a precisão de um relógio suíço, e embora seja uma realização literária da mais alta classe. "As principais fontes de poder na pregação são espirituais. Daí, acham-se muito além do alcance da homilética."⁵

2. H. E. Knott, *How to Prepare a Sermon* (Como Preparar um Sermão). Cincinnati: The Standard Press, 1927, p. 23.

3. (Nova Iorque: Abingdon Press). 1957, p. 94.

4. G. Campbell Morgan, *Preaching* (A Pregação), Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1937, p. 14.

5. Blackwood, *Preaching from the Bible*, p. 182.

A excelência da estrutura não pode compensar a ausência do Espírito Santo. Sem a direção e a capacitação do Espírito Santo, o pregador por mais habilidoso que seja nas técnicas homiléticas, seria tão-somente "um carpinteiro homilético", produzindo e pregando sermões "de pau".

A boa qualidade estrutural não pode outorgar aquela vida de santidade que é essencial para ter-se poder no púlpito. Há uma eloquência dos lábios, e uma eloquência do coração. Sobre Arão está registrado: "Ele fala fluentemente" (Êx 4:14); mas não se vê mensagem de Arão nas Escrituras. Por outro lado, Moisés considerava-se como não eloquente "pesado de boca e pesado de língua" (Êx 4:10). Mas de Moisés temos uma herança de mensagens cheias de poder, que refletem a eloquência do coração.

A técnica não pode suprir a falta de conteúdo. Com tudo o que se está dizendo em nossa geração sobre "*comunicação*" e sobre "*relevância da pregação*", primeiro tem que haver alguma coisa para *comunicar*, alguma coisa para *tornar relevante*. "É mais importante ter desajeitadamente algo que dizer do que habilmente nada dizer."⁶

Um sermão preparado primorosamente permanecerá sem vida e sem poder, enquanto o pregador não se atirar de corpo e alma à mensagem. Numa transmissão assim, o sermão fica sendo muito mais que a soma das suas partes, e o pregador fica sendo mais que a soma dos seus talentos, do seu treinamento, da sua experiência, e do esforço despendido. Seu amor por seu povo, sua devoção ao seu Senhor, seu alto senso de vocação, mais o acompanhamento do Espírito Santo, tornam invencível o pregador, pois Deus cumpre a antiga promessa: "Aos que me honram, honrarei", diz o Senhor (1 Sm 2:30).

6. Webb B. Garrison, *Creative Imagination in Preaching* (Imaginação Criadora na Pregação), Nova Iorque: Abingdon Press, pp. 79, 80.

6

Fontes de Material para a Pregação

O pregador não manterá por muito tempo o interesse do seu povo se pregar somente “da plenitude do seu coração e da vacuidade da sua cabeça”. O pastor deve contar com a probabilidade de ter que preparar cerca de cento e cinquenta mensagens por ano, inclusive os domingos, as quartas-feiras, os ofícios fúnebres e as ocasiões especiais. Isto acumula enorme produção. A única salvaguarda contra a pobreza de pensamento é o constante contato com as fontes de material para pregação e o constante reabastecimento nessas fontes. Acumular recursos é questão de anos de persistente esforço e meditação. Os sermões são desenvolvidos de maneira mais ou menos inconsciente, e não há substituto para a prolongada preparação geral que está por trás da preparação específica imediata.

A perene renovação no púlpito requer um adequado substrato de preparo indireto como também direto, e isto requer materiais adequados. Lester Harnish dá a excelente sugestão de que o ministro possua uma biblioteca que lhe custe pelo menos o que lhe custa o carro que ele dirige, e passe quatro horas por dia, cinco dias por semana, em concentrada leitura e estudo.¹ J. H. Jowett deu pitoresca expressão à mesma necessidade: “Precisamos cultivar grandes fazendas; teremos então celeiros bem providos, e não seremos impacientes respigadores a catar magras espigas em terreno acanhado e mal cultivado”.²

1. *We Prepare and Preach* (Preparamo-nos e Pregamos), editado por Clarence S. Roddy, Chicago: Moody Press, 1959, p. 65.

2. *The Preacher: His Life and Work* (Nova Iorque: Richard R. Smith, Inc., 1930), p. 121. Em português: *O Pregador: Sua Vida e Obra*, tradução de O. Olivetti, Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, 1969, p. 81.

Uma crítica comum à pregação tópica é que fica muito distante da Escritura, muito distante da autoridade. Uma crítica comum à pregação expositiva é que fica muito distante do povo, muito distante da vida moderna. A pregação expositiva pode tender a demorar-se demais no outro lado da Ilha de Patmos, e a pregação tópica pode tender a demorar-se demais neste lado de Pearl Harbor. Deve-se encontrar um equilíbrio apropriado, e se pode encontrar, recorrendo às fontes disponíveis.

1. *A Escritura.* A Bíblia é o grande e inexaurível reservatório da verdade cristã. Sua leitura diária garantirá ao pregador um infalível suprimento de temas para o púlpito, para a edificação do seu povo, e uma abundante fonte de material ilustrativo. Uma autoridade³ recomenda só um *livro de ilustrações*, a saber, a Bíblia. O pregador da Bíblia freqüentemente ficará espantado com o que descobre na pesquisa das Escrituras, e com as numerosas vezes em que as pessoas exclamarão, "Isso está na Bíblia?"

Particularmente no Velho Testamento há muitos incidentes que emprestariam frescor à pregação corriqueira, por serem tão pouco conhecidos.

Como, porém, o pregador pode recorrer a fontes com as quais não está familiarizado? Para alguns, a Bíblia é uma mina de ouro largamente inexplorada. Sabe-se de homens que fizeram o curso de seminário completo sem terem estudado a Bíblia toda ou sem a terem lido de capa a capa uma vez sequer. "Um professor de seminário aconselhou os membros de uma classe do primeiro ano a com certeza lerem a Bíblia inteira durante os três anos do seu treinamento. . . Quando a classe se formou, nenhum dos seus membros tinha lido a Bíblia toda, enquanto no seminário."⁴

O pregador fará bem em utilizar material da Escritura antes de buscá-lo fora dela. Explique a Escritura com a Escritura. O melhor comentário da Bíblia é a própria Bíblia. Os apóstolos eram poderosos, em parte pela intimidade com que usavam o Velho Testamento. Roger Nicole acentua que "Mais de dez por cento do texto do Novo Testamento é feito de citações do Velho Testamento ou de diretas

3. Rhoades, *Case Work in Preaching*, p. 89.

4. Simon Blocker, *The Secret of Pulpit Power* (O Segredo do Poder no Púlpito), Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1951, p. 23.

alusões a ele. As palavras de Jesus registradas revelam uma porcentagem parecida”.⁵

Declarar “todo o desígnio de Deus” incluem o Velho e o Novo Testamentos, história e profecia, os Salmos de louvor e o Livro de Lamentações, teologia, ética, etc. Isto envolverá cuidadoso estudo exegético de passagens, não por curiosidade intelectual, mas para discernir a mente de Deus; não como uma obra de meros artifícios literários, mas como uma verdade salvadora transmitida por intermédio de canais humanos. As referências marginais e as passagens cognatas devem ser consultadas; uma boa concordância é indispensável; e é preciso que haja generoso uso de um dicionário da Bíblia, e de um bom comentário, e completa dependência do Espírito Santo, o Mestre Supremo, que “vos guiará a toda a verdade” (João 16:13).

2. *A História.* A familiaridade com a história dos reinos e impérios relacionados com o povo de Deus em ações recíprocas nos tempos bíblicos aumentará imensuravelmente a compreensão das Escrituras. E a história posterior revelará a relevância da verdade bíblica para as gerações subseqüentes. “A história é o grande intérprete da Providência e também das Escrituras.”⁶ E visto que a história tem seu modo de repetir-se, derrama luz sobre o presente e também sobre o futuro. Numa reunião em que um dos oradores tinha insistido repetidamente em que os fatos fossem olhados de frente, um membro mais velho replicou: “Sim, devemos olhar os fatos de frente; mas não *compreenderemos* plenamente os fatos, enquanto não os virmos também de trás”. Algumas das poderosas mensagens de Moisés, — Josué e Samuel foram reforçadas com referências à história, revelando um recurso vigoroso que bem poderia ser imitado hoje.

3. *Literatura Alheia à Escritura e à História.* Um equilibrado programa de leitura deve incluir, em acréscimo às leituras de devoção, alguma biografia, poesia, ficção, arqueologia, estudos nas artes e ciências, e outra leitura geral. O que não se deve omitir é o hinário, onde se pode achar grande parte da mais bela e mais proveitosa poesia do mundo. Em acréscimo aos livros, haja revistas e jornais. Um digesto semanal dos acontecimentos comuns, nacionais e mundiais, seria útil. Mas em toda a sua leitura o ministro deve ser extre-

5. *Revelation and the Bible* (A Revelação e a Bíblia), editado por Carl F. H. Henry, Grand Rapids: Baker Book House, 1958, p. 138.

6. Breed, *Preparing to Preach*, p. 134.

mamente seletivo; lembrando que o tempo é precioso e que a leitura de qualquer livro ou revista ou artigo exclui a leitura de alguma outra coisa que poderia ser mais valiosa.

4. *A Experiência.* A pregação é, no máximo, o partilhar da profunda experiência pessoal. Os apóstolos falavam livremente da sua experiência pessoal, e o testemunho deles foi abençoado poderosamente. "Nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos" (Atos 4:20). Mas "nenhuma doutrina que não se renove na experiência pode viver no intelecto".⁷ O testemunho eficaz no púlpito requer um substrato de experiência em constante processo de renovação. Mas que o pregador esteja certo de que a experiência que ele relata é verdadeira, que é de fato sua, e que ele não é o herói da sua história. Ocasionalmente o pregador pode ser tentado a fazer uso daquela expressão de mau aviso no púlpito: "Perdoai-me uma referência pessoal". Esta desculpa nunca se justifica. Se o pregador está partilhando uma experiência com a humilde e sincera intenção de esclarecer ou reforçar uma verdade para torná-la mais proveitosa para os seus ouvintes, ele não precisa ser perdoado. E se a referência pessoal de algum modo visa a glorificar o pregador isto *não deverá* ser-lhe perdoado, e *não* o será.

Algumas das experiências mais enriquecedoras vêm através da observação do mundo que nos cerca, e através da conversação, pela qual entramos na experiência de outros. As parábolas de Jesus refletem vigilante observação dos processos na natureza e os comportamentos de humanidade bem como as necessidades do coração humano reveladas por meio da conversação.

5. *A Imaginação.* A monotonia é a ruína de muita pregação. A imaginação pode tornar vívido um sermão doutro modo monótono, trazendo à luz realidades ocultas, enquadrando fatos conhecidos em novos relacionamentos, enxergando semelhanças e implicações que escapam ao observador casual. Assim se faz com que as antigas Escrituras vivam. Uma vívida imaginação histórica é um real dom de Deus. Mas, no exercício deste dom, é preciso que o pregador se assegure de que toda especulação, todos os pormenores conjecturais e jogos com a fantasia sejam identificados como tais, para os seus ouvintes.

7. Halford E. Luccock, *Communicating the Gospel* (Comunicando o Evangelho), Nova Iorque: Harper & Brothers, 1954, p. 72.

E que o pregador tenha cuidado com a inteligência! “É impossível ao mesmo tempo você criar a impressão de que você é inteligente e de que Jesus é maravilhoso”.⁸

A imaginação pode expressar-se de várias maneiras:

(1) *Visualização*. É a representação concreta de incidentes com a dramática inserção de detalhes interessantes e significativos geralmente passados por alto.

(2) *Suposição*. Uma ilustração hipotética pode ser não menos eficiente e benéfica do que um incidente verdadeiro, desde que o pregador deixe claro o que ele está fazendo.

(3) *Parábola*. Este foi o recurso didático favorito de Jesus, o Mestre por excelência. Quarenta das Suas parábolas estão registradas nos evangelhos. A parábola ainda é um recurso útil, com a condição de que não haja confusão entre fatos e ficção.

(4) *Figuras de Linguagem*. Mais de vinte figuras de linguagem foram reconhecidas pelos retóricos do passado mas somente umas poucas ainda estão em uso comum. Uma delas é o *símile*. Dizer que o rio Hudson é como o Reno seria uma comparação literal, não uma figura de linguagem. Mas quando o orador diz, “O rio Hudson flui como a marcha do tempo”, isso é um *símile*. Aqui é dado um elemento imaginativo, elevando o rio à comparação com uma coisa que está inteiramente fora dos seus domínios. Uma *analogia* é um *símile ampliado*, sendo edificada não sobre a semelhança de duas coisas, mas sobre a semelhança das suas relações. Uma *metáfora*, por outro lado, é um *símile abreviado*. O *símile* declara, “Deus é como uma rocha”; a *metáfora* diz, “Deus é uma rocha” (Sl 71:3). Os ensinamentos de Jesus estão repletos de metáforas, tais como: “Vós sois o sal da terra... a luz do mundo” (Mt 5:13,14); o “argueiro” no olho; “pérolas” aos porcos (Mt 7:4,6).

Mais uma figura de linguagem eficientemente usada por Jesus e por muitos outros é a *personificação*, pela qual se atribui personalidade a objetos impessoais ou abstrações: “as árvores... baterão palmas” (Is 55:12); “as próprias pedras clamarão” (Lc 19:40). Estreitamente relacionada há outra figura de linguagem, a *apóstrofe*, na

8. Citado do Diretor Denny, por James Wright da Escócia, em *A Preacher's Questionnaire*, p. 12.

qual o orador deixa o seu auditório e se dirige a um objeto imaginário ou a uma idéia abstrata ou a uma pessoa ausente: "Ai de ti, Betsaida!..."(Mt 11:21).

O judicioso emprego da imaginação pode acrescentar frescor, beleza e eficiência ao sermão. Se excessivo, o exercício da imaginação pode atrair atenção para si e tornar-se um real obstáculo à eficiência da mensagem. E o supremo interesse do homem de Deus é a *mensagem!*

7

Recursos Homiléticos

Os recursos homiléticos aqui representados são usados consciente ou inconscientemente pela maioria dos pregadores grande parte do tempo. Eles passam a ser imensamente mais úteis, se reconhecidos e compreendidos. São igualmente úteis no desenvolvimento da tese do sermão, ou no desenvolvimento dos seus pontos principais; e ajudam a responder a conhecida pergunta: "Como coloco carne sobre os ossos do meu esboço?"

1. Os Seis "*Processos Retóricos*".

(1) *Narração*. A introdução do sermão consiste primariamente da narração (ou afirmação) de fatos bíblicos ou substrato histórico, ou de circunstâncias comuns relacionando uns aos outros, o orador, os ouvintes, a ocasião, o assunto, e a tese.

(2) *Interpretação*. Esta pode ter seguimento a título de paráfrase, definição, ampliação, ou descrição (comparação, contraste, associação). Um procedimento adicional poderia ser com "as sete interrogações" (discutidas mais tarde). Ou, o desenvolvimento poderia ser pela análise da proposição ou de qualquer dos pontos principais, em lógica progressão (causa para efeito, concreto para abstrato, geral para específico, conhecido para desconhecido — ou vice-versa). Ainda outro desenvolvimento poderia ser por progressão cronológica, ou de acordo com lugares ou pessoas.

(3) *Ilustração*. Aqui todas as "fontes de material para a pregação", previamente discutidas, entram em jogo. Neste ponto o pregador será grato aos materiais acumulados que ele juntou em papéis

avulsos para uso imediato. (Quanto a um sistema de fichas tão simples e prático que encoraje o seu uso perpétuo, veja o capítulo que trata do "Sistemático Arquivamento do Material".

(4) *Aplicação*. Muitas vezes a verdade pode ser aplicada mais eficientemente ao ouvinte por insinuação do que por afirmação direta. Muitas vezes uma ilustração bem escolhida é o meio mais eficaz. A aplicação pode envolver o ouvinte conforme o sermão avança, ou pode ser retida até a conclusão.

(5) *Argumentação*. Usar argumentação não significa tornar-se polêmico ou exibir espírito contencioso. Em geral, os ouvintes são razoáveis e mais ou menos inclinados a seguir uma apresentação lógica. Assim, há lugar para arrazoados, com espírito benévolo, e para refutação, introdução de provas, corroboração pelo testemunho doutras fontes.

(6) *Exortação*. Qualquer que seja a exortação que possa ter havido durante o transcurso do sermão, a conclusão deve conduzir a mensagem a um ponto focal e convidar o ouvinte a algum tipo de resposta. A formulação e a transmissão da conclusão desafiam o pregador a seu máximo em elegância, tato e bom gosto. Ele está falando por um veredicto, e a prova do seu sermão é a reação que o pregador obtém da pessoa que está no auditório. (Veja o capítulo que trata dos "Sete Apelos Básicos da Pregação Bíblica".

2. *As Sete Interrogativas* (Promessas e Advérbios). Depois da tese ou proposição propriamente dita, provavelmente o ponto mais crítico do esboço de um sermão é o ponto em que a tese se resolve em partes que se tornam as principais divisões do sermão. Neste ponto, a "interrogativa" pode ser sumamente útil. É o elo de ligação pelo qual se passa da tese para os pontos principais do sermão. O processo consiste simplesmente em "levantar a pergunta mais relevante que a tese deixa sem responder, e deixar que os pontos que se seguem respondam a pergunta".¹

(1) *Quem?* (Introduzindo uma seqüência de pessoas para serem enumeradas, identificadas, classificadas ou incluídas na aplicação de algum princípio), ou *quem*, emparelhando com uma das pro-

1. John Malcus Ellison, *They Who Preach* (Aqueles Que Pregam), Nashville: Broadman Press, 1956, p. 69.

posições: a, de (origem), para contra, por, com, através, em, sobre, sob, detrás, de (possessivo), antes, depois.

(2) *Que? Qual?* (Introduzindo uma seqüência de coisas, escolhas, ou alternativas).

(3) *O quê?* (Introduzindo uma seqüência de significados, implicações, definições, particularidades, características, inclusões, ou exclusões), ou *o quê, (o qual, a qual)*, ao lado de uma das preposições acima.

(4) *Por quê?* (Introduzindo uma seqüência de razões ou objetivos).

(5) *Quando?* (Introduzindo uma seqüência de tempos, fases, ou condições).

(6) *Onde?* (Introduzindo uma seqüência de lugares), ou *Donde?* (Lugar, origem, fonte, causa?), ou *Aonde? Para onde?* (Lugar, meta, resultado, extensão, conclusão?).

(7) *Como?* (Introduzindo uma seqüência de modos e meios).

Ao desenvolver-se uma tese, pode-se aplicar uma "interrogativa" ao sujeito da tese, ou ao predicado, ou ao objeto do verbo, ou ao objeto de uma preposição numa frase modificadora. Embora geralmente a "interrogativa" não seja expressa no sermão, está sempre ali, na medida em que toda afirmação é, com efeito, uma resposta a uma interrogação.

3. *A Palavra Chave.* Um dos recursos homiléticos mais úteis é a "Palavra Chave". Se houver unidade estrutural num sermão, haverá uma "Palavra Chave", não necessariamente expressa ou reconhecida, que caracteriza cada um dos principais pontos, e mantém unida a estrutura. A necessidade de uma "Palavra Chave" que tal pode ser ilustrada por um exemplo extremo. Conta-se que um pregador dos dias dos pioneiros introduziu um dos seus sermões como se segue: "Meu texto é: Adão, 'Onde estás?' Meu sermão tem três pontos: Primeiro, Onde estava Adão? Segundo, Por que Adão estava onde estava? E terceiro, Algumas observações sobre o batismo". Obviamente, ele não tinha submetida a sua estrutura à prova da "Palavra Chave".

O valor de uma tese bem talhada e de uma "Palavra Chave" que se encaixe exatamente em cada uma das principais divisões, dificilmente poderá ser apreciado com exagero. A "Palavra Chave"

abre um corredor que desce por toda a extensão da estrutura do sermão, com acesso direto da entrada da frente a cada cômodo, em vez de deixar o pregador e os seus ouvintes vagando incertos de quarto em quarto. Ela é fundamental para aquela espécie de estrutura homilética que melhor se presta para a pregação sem anotações.

Uma "Palavra Chave" é sempre um substantivo ou um substantivo verbal ou um adjetivo. Exemplos:

(1) Substantivo: atributos, obstáculos, causas, meios.

(2) Substantivo verbal: princípios, recusas, inferências, compromissos, expectativas, descobrimentos.

(3) Adjetivo substantivado: atualidades, fraquezas.

Uma "Palavra Chave" é sempre o plural.

Uma "Palavra Chave" deve ser usada com absoluta precisão; doutro modo não tem valor.

Uma "Palavra Chave" deve ser específica. "Coisas", por exemplo, é demasiado geral. Usar um termo amplo assim como "Palavra Chave" para os pontos de um esboço é como usar uma cesta em que cabe uma arroba ou um carrinho de mão para transportar três maçãs.

A série de possíveis palavras chaves é praticamente ilimitada. A seguinte breve lista é dada apenas como sugestão, e poderia ser ampliada enormemente com o uso de um dicionário de sinônimos.

abordagens	aspectos	chamamentos
abusos	aspirações	começos
acordos	asserções	comparações
acusações	assuntos	compensações
admoestações	atitudes	compromissos
advertências	atributos	compulsões
afirmações		conceitos
alegrias	barreiras	concepções
alvos	benefícios	concessões
alternativas	bênçãos	conclusões
ameaças		condições
ângulos	caminhos	consequências
aquisições	características	contrastes
áreas	causas	convites
argumentos	certezas	correções

costumes	exemplos	inferências
credenciais	exigências	injunções
crenças	exortações	insinuações
crítérios	expectativas	inspirações
críticas	experiências	instigações
culpas	expressões	instruções
		instrumentos
dádivas	facetas	interrogativas
débitos	falhas	intimações
decisões	faltas	itens
declarações	fardos	
defeitos	fases	julgamentos
defesas	fatores	justificações
deficiências	fatos	
definições	favores	lições
denúncias	fianças	lealdades
desafios	finalidades	
descobrimientos	formas	males
descobertas	forças	manifestações
destinos	fracassos	marcas
detalhes	fraquezas	meios
deveres	frases	melhoramentos
diferenças	funções	métodos
direções	fundamentos	mistérios
diretivas		modelos
discernimentos	ganhos	modos
disciplinas	generalizações	momentos
distinções	graças	motivos
dons	graus	movimentos
doutrinas	grupos	mudanças
elementos	habilidades	necessidades
enganos	hábitos	negações
erros		níveis
especificações	idéias	noções
esperanças	imperativos	notas
essenciais	implicações	
estimativas	impressões	objeções
estímulos	impulsos	obrigações
estipulações	incentivos	observações
eventos	incidentes	obstáculos
evidências	incitações	oferecimentos
exclamações	indícios	ofertas

omissões	qualificações	solicitações
opiniões	qualidades	sucessos
oportunidades	questões	sugestões
origens		superlativos
	razões	suposições
particularidades	reações	surpresas
passos	realidades	sintomas
pecados	realizações	
peculiaridades	recompensas	temas
penalidades	recursos	temores
penhores	recusas	tendências
pensamentos	reflexões	teorias
percepções	regras	testemunhos
perdas	reivindicações	testes
perigos	remédios	tópicos
permutas	requerimentos	totalidades
pistas	reservas	traços
pontos	responsabilidades	transigências
possibilidades	respostas	urgências
práticas	restrições	usos
prejuízos	resultados	
premissas	revelações	valores
prerrogativas	riscos	vantagens
princípios		verdades
prioridades	salvaguardas	violações
probabilidades	satisfações	virtudes
problemas	segredos	vozes
processos	seguranças	
profecias	sinais	zelos

A “Palavra Chave” geralmente envolve o uso de um “Verbo Transicional”, que é sempre um verbo “transitivo”, que requer um objeto, ou um verbo emparelhado com uma preposição que requer um objeto. Num ou noutro caso, o objeto é a “Palavra Chave”. Os seguintes “Verbos Transicionais” são colocados em combinações naturais com “Palavras Chaves”, para demonstrar o seu uso normal.

“Este texto *levanta* . . . *questões*.”

“O Senhor *faz* . . . *promessas*.”

“O apóstolo *comunica* . . . *débitos*.”

"O profeta *fala de . . . razões.*"

"A situação *clama por . . . respostas.*"

"A fidelidade *leva a . . . satisfações.*"

Outras sugestões mais de possíveis "Verbos Transicionais":

acentua	enumera	merece	revela
anuncia	estipula	nomeia	sugere
apresenta	exemplifica	nota	supre
antecipa	exige	oferece	chama a atenção para
concede	expõe	proclama	precisa de
declara	expressa	produz	resulta em
descreve	identifica	pronuncia	traz à luz
deseja	implica		
ensina	indica		
	introduz		

4. *A Abordagem múltipla.* Este recurso singelo tem sido iluminador e um fator na experiência homilética de muitos jovens ministros, como também de ministros mais velhos.

Aborde a passagem primeiro do ponto de vista do leitor, para notar a mensagem ou as lições óbvias. Depois aborde a passagem do ponto de vista de cada pessoa ou grupo de pessoas envolvidas, incluindo-se Deus e Cristo e o Espírito Santo. O que a passagem revela a cada qual ou acerca de cada qual? O que cada um diz, ou faz, ou pensa, ou tenciona, ou aprende, ou descobre, ou experimenta?

Pregadores que, após preparar um sermão sobre uma dada passagem, achavam que tinham quase esgotado as suas possibilidades homiléticas, puderam, com relativa facilidade, encontrar vários outros esboços na mesma passagem, por meio da "abordagem múltipla". Uma classe de seminaristas quartanistas, do curso de homilética, estava tendo dificuldade em produzir um esboço de sermão sobre um capítulo designado, que casualmente era Atos 7. Encaminhados à "abordagem múltipla", os mesmos estudantes foram capazes de produzir em classe, em poucos minutos, três ou quatro esboços aceitáveis. Daí em diante, a designação de vários esboços de determinada passagem passou a ser um lugar comum. As seguintes abordagens do capítulo foram sugeridas, com possíveis desen-

volvimentos indicados, e com abundância de material bíblico no capítulo para recheiar cada divisão.

Do ponto de vista de Estêvão: Ele levava as *marcas* de uma boa testemunha de Jesus Cristo: I — Ele Conhecia o Seu Senhor; II — Ele Dava Testemunho do Seu Senhor; III — Ele Imitava o Seu Senhor (particularmente na hora de sua morte).

Do ponto de vista dos que apedrejaram Estêvão: Pessoas que têm uma forma da piedade podem ser culpadas de graves *pecados*, continuando os pecados dos seus pais: I — Quebrando a Lei de Deus (v. 53); II — Resistindo ao Espírito de Deus (v. 51); III — Rejeitando o Filho de Deus (v. 52).

Do ponto de vista de Israel, incluindo-se os seus antepassados: Negligenciar as oportunidades espirituais pode levar a abandonar a Deus, em três *estágios*: I — Indiferença à Sua Bondade (libertações por meio de José, Moisés, Josué não resultaram em fé); II — Provocação dos Seus Líderes (Moisés e os profetas); III — Rejeição do Seu Filho.

Do ponto de vista de Deus: *Obstáculos* que a graça de Deus tinha que vencer ao trazer salvação ao Seu povo: I — Fome na Terra da Promessa; II — Escravidão na Terra do Refúgio; III — Morte dos Líderes de Deus; IV — Infidelidade do Povo de Deus.

8

Passos no Preparo de um Sermão Expositivo

1. Junte os *Dados Preliminares* (dados preparatórios, factuais) essenciais para a compreensão da passagem. A fonte primária é a Bíblia, de preferência com referências e notas marginais, e com datas prováveis indicadas nos começos dos capítulos. A próxima em importância é a Concordância da Bíblia, depois o Dicionário da Bíblia, o Atlas da Bíblia, e Comentários da Bíblia. Tome nota de toda e qualquer coisa importante para a pregação que possa aparecer nos fatos assim reunidos.

2. Faça uma breve *Análise* da passagem da Escritura, para descobrir o modelo estrutural. Nas passagens didáticas (em distinção das passagens narrativas), muitas vezes se pode desenvolver um esboço da Análise, dando-lhe um título, uma introdução e uma conclusão, e elaboração mediante os "Processos Retóricos".

Uma análise cuidadosa geralmente refletirá o principal impacto, a ênfase primária, da passagem. Mas a mesma passagem pode carrear implicações secundárias, não menos dignas de desenvolvimento para sermão. Em muitas passagens seria difícil determinar qual a ênfase primária e qual a secundária. Assim, uma dada passagem da Escritura pode ser multifacetada e pode prestar-se a vários empregos legítimos.

3. Se a Análise não sugere nenhum esboço de sermão, dê os seguintes passos para um *Esboço de Sermão*:

(1) Pergunte: Que lições ou verdades intemporais estão expressas ou implícitas, ou não sugeridas na passagem?

(Tome a “abordagem múltipla” e explore a passagem traçando através dela o curso de cada pessoa nela presente, notando o que a passagem revela a cada uma ou sobre cada uma.)

Em algumas passagens narrativas o elemento didático é proeminente (Dt 6:6-9), com claras expressões de uma verdade intemporal. Onde não estiverem *expressas* verdades intemporais, procure verdades intemporais *implícitas*. Em muitas passagens narrativas, pode haver mais verdades implícitas do que explícitas. Ou, pode haver verdades que não são nem explícitas nem implícitas, mas apenas sugeridas. Além de *inferências* válidas que se podem deduzir, podem ser feitas *observações* apropriadas; ou, pode haver uma ocasional possibilidade de derivar um pensamento proveitoso mediante “*sugestão retórica*”, como na passagem, “e [tomai] um pouco de mel” (Gn 43:11), que poderia tornar-se o cabeçalho de um sermão tópico. Mas quando se extrai um pensamento por “*sugestão retórica*”, é necessário que o pregador deixe isto claro aos seus ouvintes, para não ser acusado de ignorância ou desonestidade. Obviamente, aquilo que é extraído mediante “*sugestão retórica*” não é *exposição*. Descriçadamente manejado, poderia tornar-se *imposição*.

Se uma verdade não estiver claramente explícita, nem inconfundivelmente implícita, há necessidade de cuidado especial. Como o expõe Stuart Chase, em “*Tips on Straight Thinking*”, um ou dois exemplos podem não ser suficientes para estabelecer uma generalização válida. “*Raciocinar com exemplo*”, mesmo nos dias de Aristóteles, era colocado no “alto de sua lista de falácias que levavam mentes incultas a conclusões falsas”.¹ Ao deparar com um único exemplo, pergunta: Até que ponto isso é típico? Prova o ponto ou simplesmente o ilustra? Há material suficiente para garantir inferência razoável? O trem sempre parte depois de apitar, mas isso não prova que o apito deu partida à máquina.

(2) Caracterize com uma “Palavra Chave” a primeira lição ou verdade intemporal que se sugere por si mesma.

(A Palavra Chave fornece o pensamento para a transição da Tese para cada um dos pontos principais de um dado esboço.)

1. Reader's Digest, Junho de 1954, p. 121.

(3) Veja pontos paralelos ou lições que respondam à mesma Palavra Chave.

(Estes são os seus pontos principais, os seus "Algarismos Romanos".)

(4) Veja o princípio comum que estes pontos paralelos estabelecem e pelo qual estes pontos são mantidos unidos.

(Estes pontos são a sua Tese, Proposição, Afirmação Básica, Enunciado ou Idéia Central.)

(5) Identifique o seu Assunto; e formule o Título ou Tema adequado à mensagem.

(O assunto do sermão não é necessariamente o título ou tema do sermão. Assim, o título ou tema poderia ser: "A Suprema Bem-aventurança"; o assunto poderia ser: "Contribuição"; e a tese poderia ser: "É mais bem-aventurado dar que receber". O assunto é aquilo sobre o que o pregador vai falar; a tese indica o que ele vai dizer a respeito.)

(6) Prepare uma Introdução e uma Conclusão.

(7) Desenvolva o esboço com o auxílio dos "Recursos Homiléticos".

Um empenhado estudo de cada versículo é essencial, à luz do seu contexto, tanto imediato como remoto, e com cuidadosa discriminação entre a linguagem literal e a figurada. O ministro precisa saber o que o texto quer dizer e pregar o que ele diz.

Os seguintes exemplos do Novo e do Velho Testamentos ilustrarão "abordagem múltipla" e o emprego da "palavra chave".

Exemplo — Atos 8:26-40

Do ponto de vista de Filipe.

Condições para o testemunho eficiente:

- I. Deve ajustar-se à direção do Espírito (v. 26, 27, 29, 30).
- II. Deve proceder com tato (v. 30).
- III. Deve usar as Escrituras (vv. 32-35).
- IV. Deve apresentar Jesus (v. 35).
- V. Deve completar o trabalho (vv. 37, 38).

Do ponto de vista do etíope.

Passos para a salvação:

- I. Deve estar aberto para a verdade (vv. 28, 31).
- II. Deve entender (v. 30).
- III. Deve crer (v. 37).
- IV. Deve obedecer (v. 38).

Do ponto de vista do Espírito Santo.

Direções do Espírito Santo:

- I. Levou Filipe ao local (v. 26, 29).
- II. Levou Filipe ao homem (vv. 29, 30).
- III. Levou Filipe a uma passagem bíblica apropriada (v. 35).
- IV. Levou Filipe a um feliz resultado (v. 39).

Do ponto de vista de qualquer pessoa que busca a salvação.

Auxílios no trajeto para a salvação:

- I. O Espírito Santo (v. 29).
- II. As Escrituras Sagradas (vv. 28-33).
- III. O conquistador de almas (vv. 30, 35, 37, 38).

Exemplo — 1 Samuel 12

Do ponto de vista de Samuel (Sermão Inspirativo).

Tese: A eloquência de Samuel era resultado das *qualidades* espirituais que contribuem para o poder espiritual:

- I. Sua integridade de caráter (v. 4).
- II. Sua fidelidade à sua vocação (arrazoando com eles — v. 7; reprimendo — v. 17; exortando — v. 20; advertindo — v. 25; consolando — v. 22).
- III. Sua dedicação ao seu povo (v. 23).

Do ponto de vista de Saul (Sermão de Ordenação).

Tese: Mostram-se a Saul três *fatores* que um líder do povo de Deus deve levar em conta, ponderando e orando:

- I. O homem que ele segue (piedoso — v. 5; poderoso na oração — v. 18).
- II. O povo que ele lidera (esquecediço — v. 9; obstinado — v. 12; castigado — v. 19).
- III. O Deus a quem ele serve (justo — v. 7; bondoso — v. 8; fiel — v. 22).

Do ponto de vista de Deus (Sermão de Apelo à Consagração)

Tese: Deus faz quatro *manifestações* da Sua graça, que reclamam a nossa consagração:

- I. Ele permite o que não deseja (v. 13).
- II. Ele nos livra de perigos (v. 11).
- III. Ele nos adverte quando nos desviamos (v. 18).
- IV. Ele nos anima quando estamos sob disciplina (v. 22).

Do ponto de vista do povo de Samuel (Sermão Evangélico).

Tese: Deus estende quatro tipos de *ajuda* aos que gostariam de salvar-se:

- I. O exemplo de toda vida piedosa (v. 3).
- II. A instrução de todo mestre fiel (v. 7).
- III. A advertência de toda visitação divina (v. 18).
- IV. A intercessão de todo crente que sente o fardo que leva (v. 23).

9

Dados Factuais Preliminares da Escritura

Para pregar inteligentemente sobre uma passagem da Escritura, o pregador deve conhecer bem certos fatos relevantes que circundam grandemente a passagem. Não se segue que ele deva detalhar no sermão os seus achados. Eles fornecerão um cenário de fundo e, por vezes, brilharão através do sermão; mas seu principal valor é dar ao ministro uma firme compreensão da passagem. A anfitriã que serve uma deliciosa refeição às suas convidadas não poderia fazê-lo sem uma inteligente compreensão dos ingredientes e dos processos envolvidos, mas dificilmente se agradariam as convidadas com um recital de todos os fatos que estão por trás da refeição.

Um adequado cenário de fundo para o trato de uma passagem bíblica incluiria pelo menos os seguintes dados (factuais, preparatórios):

1. *O Orador ou Escritor.*

(1) Quem disse as palavras do texto? Foi Deus, um profeta, um apóstolo, um santo, um tolo, o diabo? “Devemos distinguir entre o que a Bíblia registra e o que ela aprova... A Bíblia não aprova, de tudo que registra, mais do que um editor aprova de tudo que publica em seu jornal.”¹

1. Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation* (Interpretação Protestante da Bíblia), Boston: W. A. Wilde Co., 1956, p. 171.

(2) Que tipo de pessoa? Qual era o seu caráter, a sua idade, a sua condição? A poderosa eloquência de Moisés, em Deuteronômio, torna-se ainda mais extraordinária quando se vê que o orador era um idoso veterano, de 120 anos de idade, que levava sobre si uma das mais pesadas responsabilidades do mundo, durante quarenta anos, e que se considera a si próprio homem “pesado de boca, e pesado de língua” (Êx 4:10). Semelhantemente, o discurso de despedida de Josué foi proferido à idade de 110 anos. E Daniel, quando foi atirado à cova dos leões, não era o jovem rapaz visualizado por alguns, mas um homem de noventa anos, ainda enfrentando riscos por seu Senhor. Tampouco o apóstolo Paulo, em Romanos 7, era um recém-convertido enfrentando os primeiros contra-ataques de Satanás, mas um experimentado veterano da Cruz, tendo que lutar ainda com a sua velha natureza.

(3) Quais eram os antecedentes do orador; seus antepassados; seu preparo; sua experiência?

(4) Qual a sua relação com as pessoas a quem se dirige?

2. Os Destinatários.

(1) Quem? (Identidade e Posição).

(2) Que espécie de pessoas, no sentido espiritual — crentes; incrédulos; apóstatas?

(3) Alguma coisa digna de nota acerca da sua situação — social, econômica, politicamente?

3. A Data.

(1) Quando? (Data exata ou aproximada, definida ou tentativa.)

(2) Qual a significação na época, com relação a outros eventos? (Contemporâneos ou diversamente sugeridos.)

Muitos incidentes bíblicos ganham vida quando vistos em seu cenário histórico. A localização no tempo muitas vezes amplia a visão. Significa algo descobrir que durante o cativeiro babilônico, enquanto Daniel permanecia na pagã Babilônia como um monumento vivo ao Deus vivo, Ezequiel ministrava consolo aos inditosos exilados “junto ao rio Quebar”, e Jeremias ministrava aos desconsolados sobreviventes em meio às ruínas de Jerusalém. E o final e comovente apelo de Oséias ganha maior significado quando a gente

se lembra de que em três anos ele foi seguido pelo trágico cumprimento dos juízos dos quais ele estava advertindo o seu povo.

Uma Bíblia com datas prováveis indicadas nos cabeçalhos dos capítulos pode ser sumamente útil. Conquanto nenhuma cronologia possa ter a pretensão de ser completamente exata, as datas prováveis têm, de fato, valor na disposição e relação dos fatos da história sagrada.

4. O Lugar.

(1) Onde? (Local exato ou aproximado, definido ou tentativo.)

(2) Alguma significação ligada ao lugar? (Alguma coisa singular ou digna de nota, quem sabe desenvolvendo-se doutros eventos relacionados com o mesmo lugar, ou vizinhança, antes ou depois?)

É significativo que Moisés deteve o seu povo em Bete-Peor, "Casa da Abertura", assim chamada porque se localizava diante de uma fenda entre as montanhas, e ali derramou o coração naqueles apelos de despedida registrados em Deuteronômio. Ali, diante do que virtualmente era uma passagem literal para a Terra Prometida, ele dirigiu o seu povo numa série de "reuniões de avivamento" para prepará-los espiritualmente para a sobrevivência e a felicidade depois de entrarem lá.

Josué, como Moisés, exerceu grande sabedoria ao instalar a sua assembléia final do povo de Israel. O lugar, Siquém, tinha vida, graças a sagradas lembranças. Ali perto estava o local onde estivera o altar de Abraão; ali perto estava a fonte de Jacó e, mais tarde, também o túmulo de José. Mais importante que tudo, ali Josué tinha reunido o seu povo uma vez antes, para aquele inolvidável culto de dedicação que se seguiu à conquista de Canaã. Agora, vinte e cinco anos são passados; Josué está com 110 anos de idade e no fim dos seus dias; e Israel acha-se num lamentável estado de apostasia. Depois de Josué ter derramado o coração naquele apelo de despedida, a reação foi empolgante! Entre os mais importantes fatores que contribuíram para isso deve estar a escolha do local feita por Josué.

Onde estava o apóstolo Paulo quando jubilosamente escreveu sobre sermos abençoados "com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais"? Estava detido numa prisão, sem saber se alguma vez voltaria à liberdade! A uma exposição de Efésios faltaria muita coisa se deixasse de levar em conta a questão de lugar.

5. *A Ocasão.* Quais foram as circunstâncias que incitaram ou produziram a mensagem?

6. *O Objetivo.* Todas as passagens da Escritura visam à vida piedosa em geral; mas qual era a resposta particular e imediata visada pelo orador ou escritor?

7. *O Assunto.* O assunto da passagem é obviamente o assunto da "análise" da passagem, porém não necessariamente o assunto de um sermão, porque este pode tratar primariamente de apenas um aspecto da passagem.

Na exposição da Palavra de Deus há uma grave responsabilidade sobre o pregador, a de comunicar a verdade sem distorção. A necessidade de exatidão é maior do que em qualquer outro tipo de informação ou conhecimento que se possa comunicar. A disciplina da estrita precisão deve ser aplicada a cada minúcia da preparação, até que essa precisão venha a ser um hábito fixo. Com eternidade em jogo, o ouvinte não pode estar errado e sair-se bem, como tampouco o pode o mestre espiritual em quem ele confia.

Como sabiamente disse um famoso americano, "Todo homem tem direito a sua opinião, mas ninguém tem direito de estar errado em seus fatos".² É uma experiência gratificante e recompensadora, quando se consulta material reunido há muito tempo, ver que o manuscrito ou anotações é uma garantia confiável da sua exatidão.

Ao reunir dados factuais, fazê-lo de modo completo dificilmente é menos importante do que a exatidão. Um dos mais seguros e rápidos caminhos para o domínio da Bíblia é dominar o pregador o conteúdo de cada passagem quando lida com ela e, também, os materiais de pesquisa relacionados com ela. Que a pesquisa seja feita de maneira tão completa que não precise ser repetida; e que os materiais sejam preservados cuidadosamente. Se não forem usados imediatamente, esses materiais são valiosos para uso futuro; e se forem usados, podê-lo-ão ser de novo. Quando se tem dominado um livro da Bíblia, quanto aos dados factuais, parece um desafortunado desperdício de tempo e de energia passar adiante sem pregar sobre uma série de passagens interrelacionadas. "Uma série conexa sobre qual-

2. Bernard Baruch, *apud* citação de *Pathfinder*, em *Reader's Digest* (março de 1948) p. 61.

quer assunto feita por um homem de bem moderada habilidade causará impressão mais permanente do que igual número de sermões isolados de um orador brilhante. Os ouvintes recordam o que foi dito na última vez e esperam em ansiosa expectativa o que será dito na próxima vez. . . ”³

Aceita-se a honestidade do púlpito como coisa líquida e certa — e assim deve ser. Mas o descuido no trato dos fatos pode colocar o pregador sob suspeita. Um escritor de alguns anos passados, Herbert H. Farmer, cita uma referência de Samuel Butler ao “irritante hábito de teólogos e pregadores de contar pequenas mentiras no interesse de uma grande verdade”.⁴

Há armadilhas de interpretação equívoca em que crentes devotos podem cair, resultando em distorções da verdade. Um pregador pode tomar emprestada uma interpretação de um devoto especialista em Bíblia que anteriormente a tomara emprestada doutro devoto especialista em Bíblia mas, talvez, mal orientado. E, assim, as invenções de homens devotos podem inconscientemente, passar por “Palavra de Deus”. Que a Bíblia fale por si mesma! Que diz ela realmente? E que pretende dizer?

A verdade escriturística tem sofrido muito com o desligamento de texto e contexto. Sermões repassados de ternura têm sido pregados com base no texto, “Um menino pequeno os guiará” (Is 11:6), em completa desatenção ao contexto: “. . . o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito. . . e o bezerro, e o filho de leão e a nédia. . . ”! Semelhantemente impróprio é o emprego, como bênção, daquela expressão de desconfiança mútua entre Jacó e Labão: “Atente o Senhor entre mim e ti, quando nós estivermos apartados um do outro” (Gn 31:49). E que freqüentador de igreja não foi desafiado a ir e “virar o mundo de pernas para o ar” pelo Senhor! De Paulo e Silas se disse que eles “viraram o mundo de pernas para o ar” (At 17:6, na versão utilizada pelo Autor). Quem disse isso, porém? Isso não foi o testemunho de aprovação de um escritor inspiado, mas a calúnia de uma turba incrédula! A integridade do púl-

3. Citado por Blackwood, em *The Preparation of Sermons*, p. 261, de B. H. Streeter, *Concerning Prayer* (Nova Iorque: The Macmillan Co., 1916), pp. 275, 276.

4. *The Servant of the Word* (O Servo da Palavra), Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1942, p. 73.

pito exige exatidão, trabalho completo, e escrupulosa atenção a texto e contexto.

O seguinte esboço de "Dados Preliminares", sobre Deuteronômio 6, sugerirá nos mínimos termos o substrato necessário para uma exata interpretação do capítulo. Este esboço é folha de trabalho do pregador, uma concisa anotação de fatos e referências que ele juntou e que poderiam ser úteis na elaboração do sermão. Vários desses itens são de tanta importância que quase certamente se refletirão no sermão. E material não utilizado especificamente é útil, todavia, como preparo de cenário de fundo.

Deuteronômio 6

Dados preliminares (Folha de Trabalho)

1. *Orador ou Escritor*
Moisés — 5:1
"Profeta" — 34:10
"instruído... poderoso em suas palavras e obras" — At 7:22
Idade, 120, milagrosamente conservado — 34:7.
"pesado de boca, e pesado de língua" — Êx 4:10.
40 anos líder de Israel — Êx 4:29 a Dt 34:6.
2. *Pessoas Visadas*
"Todo o Israel" — 5:1; 6:3,4.
Somente os que tinham menos de 20 anos em Cades — Nm 14:29.
3. *Data*
1451 A.C. (Moisés nasceu em 1571 A.C.; chamado em 1491 A.C., Êx 3).
Fim dos 40 anos no deserto, pouco antes da morte de Moisés.
4. *Lugar*
"Vale defronte de Beter-Peor" — 3:29; 4:46; 34:6 — nas "campinas de Moabe" — 34:1
Bete-Peor é uma cidade de Moabe, perto do monte Peor, a leste do Jordão, defronte de Jericó — 6 a 7 Km a N.O. do monte Nebo, na cordilheira de Pisga.
Bete-Peor, literalmente: "Casa da Abertura".
5. *Ocasão*
Sua morte próxima, e a antecipação da entrada de Israel em Canaã — 4:22.
6. *Objetivo*
Estabelecer em Israel o conhecimento, o temor, e o amor de Deus, e obedecer a Ele.
7. *Assunto*
Instruções para assegurar vida feliz para Israel em Canaã.

NOTA: Ao registrar os Dados Preliminares —

- (1) Use enunciados breves, normalmente uma linha, não parágrafos.
- (2) Se um enunciado excede a uma linha, corte a parte que a ultrapassou.
- (3) Faça abreviaturas onde possível, sem obscurecer o sentido.
- (4) Mostre autoridade bíblica para cada ponto, onde possível.

10

Análise da Passagem da Escritura

“Análise” não é “esboço de sermão”. A *análise* explica a passagem bíblica em suas partes; o esboço de sermão é uma *síntese* em que as partes componentes, oriundas de muitas fontes, são colocadas juntas para formar um todo.

Ao preparar uma análise, deve-se ter claramente em vista o seu propósito. Como já foi indicado, trata-se de uma “folha de trabalho” que visa a apresentar um verdadeiro esqueleto da passagem, revelando com clareza a estrutura e a progressão do pensamento. Sempre deve ser conciso, geralmente dentro da gama de doze a dezoito linhas.

Antes de reduzir concretamente a passagem a suas partes, deve-se examinar o contexto para confirmar os limites propostos da passagem e ajudar na compreensão dela. “Se conhecemos o curso do pensamento que vai para uma passagem, e o curso do pensamento que dela sai, podemos predizer com alguma certeza o curso do pensamento dentro da passagem.”¹ Deve-se prestar atenção, não somente ao contexto imediato, mas também às conexões mais amplas, que freqüentemente são decisivas para chegar-se à interpretação correta.

A análise de uma passagem da Escritura é feita em três passos:

1. Leia a passagem a primeira vez que para descobrir o assunto e a história, se se tratar de uma passagem narrativa; ou o assunto e principal empuxo, se se tratar de uma passagem didática.

1. Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, p. 137.

É importante estabelecer a ênfase maior, e igualmente determinar a relação dos temas subsidiários. "Então, se um dos temas secundários vier a ser o tema do sermão, deverá ser desenvolvido de maneira tal, que se veja claramente a sua relação com o tema principal."² Assim, seja qual for o tema do sermão, a atmosfera da passagem da Escritura se refletirá verdadeiramente.

2. Divida a passagem em parágrafos; depois extraia a sentença temática de cada parágrafo, ou enuncie doutro modo a sua idéia principal. Este passo traz à luz os principais pontos da análise.

3. Torne a ler cada parágrafo, tantas vezes quantas necessário, para descobrir as idéias subordinadas ou auxiliares que sustentam, explicam ou desenvolvem a idéia principal. Este passo traz à luz os pontos secundários.

Esteja particularmente alerta para as seguintes ajudas ou pistas:

(1) Qualquer mudança das pessoas que falam, ou às quais se fala, ou envolvidas de alguma outra forma (Os 14).

(2) Qualquer progressão ou quaisquer estágios sucessivos quanto a tempo, lugar, ação ou incidentes (Lc 15:11-32).

(3) Qualquer enumeração de exemplos ou casos (tais como os fatos da providência divina em At 7:2-53).

(4) Qualquer enunciação cumulativa de idéias, princípios ou ensinos (como em I Co 13).

(5) Qualquer emparelhamento, agrupamento ou paralelismo de idéias, com base na similaridade (Sl 19).

(6) Qualquer contraste, oposição ou intercâmbio de idéias (I Jo 4:1-5).

(7) Qualquer indicação de causa e efeito (Mt 25:34-43).

(8) Qualquer divisão do todo em suas partes (como do corpo, em I Co 12).

(9) Qualquer repetição de certas cláusulas, frases ou palavras (como "Pela fé", em Hb 11).

(10) Quaisquer cláusulas ou frases de transição; ou palavras conectivas como: "portanto, ademais, todavia, finalmente, senão, assim, mas, e, ou".

2. Miller, *The Way to Biblical Preaching*, p. 70.

Na formulação da análise —

1. Limite a análise ao conteúdo real da passagem.
2. Mantenha a seqüência do material como vem na passagem.
3. Indique com cada ponto principal todos os versículos incluídos nos seus pontos secundários.
4. Indique com cada ponto secundário o versículo ou os versículos cobertos.
5. Seja conciso, não “perdendo de vista a floresta por causa das árvores”.
6. Omita o material parentético, se incidental; doutro modo, indique que é parentético.

Para passar da análise para o esboço do sermão, o caminho pode estar claro ou óbvio, ou completamente o contrário. Neste último caso, as veredas mentais que levam a um esboço de sermão não são demasiado difíceis, como já esboçamos no capítulo que trata dos “Passos no preparo de um sermão expositivo”. Mesmo que a análise não forneça uma base estrutural para um esboço de sermão, seu preparo é útil. Como no caso do preparo dos “dados factuais” ou “preliminares”, o preparo da análise favorece aquela “saturação” que é tão necessária para a exposição eficaz e que tantas vezes fornece o trampolim para a mensagem a seguir. A introdução pode começar com alguma observação geral procedente da passagem ou dos dados factuais ou da análise; ou com alguma expressão notável encontrada, alguma questão levantada, ou algum pensamento ou incidente sugerido.

É nas passagens *didáticas* da Escritura que a preparação da análise é mais recompensadora. Aqui o modelo estrutural da passagem bíblica muitas vezes pode ser desenvolvido diretamente para um esboço de sermão, certamente com adaptações compatíveis. Nem sempre os escritores inspirados seguem claros modelos retóricos, e evidentemente não estavam preocupados com a conveniência homilética de uma época futura. Passagens fragmentárias e elípticas não são infrequentes. Um material parentético pode tornar difícil uma análise lógica. As traduções freqüentemente são imperfeitas. E passagens que eram compreensíveis sem dúvidas quando escritas, muitas vezes são obscuras para nós.

Seja o pregador agradecido por aquelas obscuridades que exigem profunda ponderação e estudo penoso. Para esse esforço não há substituto. O que muitas vezes é equivocadamente tomado por gênio é apenas uma eclosão daquilo que vem sendo depositado durante longo período de esforço consciente. Até um gênio tem que aprender tudo que sabe.

Após estudo intenso, deve-se reservar tempo para a mente subconsciente funcionar. Primeiro vem o trabalho de investigação; depois a incubação; depois a iluminação. Muitas vezes a gente fica espantado com os recursos que foram armazenados no subconsciente, e com o modo como fragmentos soltos, de há muito esquecidos, combinam-se no desenvolvimento de novas idéias. Mas a recuperação destes recursos escondidos pode vir lentamente. Portanto, os temas de sermões e as passagens bíblicas relacionadas devem ser escolhidos não depois da terça-feira antes do domingo em que o sermão é para estar pronto. As ilustrações virão à mente à medida que a semana avançar, como também novas idéias e revigorados modos de expressar verdades conhecidas. Começar o sermão uma semana antes pode ser melhor ainda, para evitar tensão nervosa e para dar mais tempo para o sermão amadurecer.

A seguinte "análise" abrange um capítulo inteiro de vinte e cinco versículos. Os seus pontos principais poderiam muito bem vir a ser os pontos principais para um esboço de sermão. Dever-se-ia suprir de uma introdução, incluindo-se uma tese ou proposição própria de sermão; uma conclusão também. A discussão, além de fazer uso de todos os "processos retóricos" (previamente examinados), deveria iluminar o capítulo inteiro, fazendo uso de material relativo à tese escolhida, e judiciosamente omitindo o restante.

Dt 6

Análise (Folha de Trabalho)

Instruções para a Felicidade de Israel em Canaã

Vv. 1-3 Importância destas instruções

- v. 1 são dadas por Deus
- v. 2,3 são destinadas a assegurar o favor de Deus na terra prometida
- v. 2 Que teus dias sejam prolongados
- v. 3a Que bem te suceda
- v. 3b Que muito te multipliques

Vv. 4,5 *Amá-lo*

v. 4 Como o único e supremo Senhor

v. 5 Com todos os poderes do corpo, mente e espírito

Vv. 6-9 *Declará-lo*

v. 6 Guarda as Suas palavras no teu coração

v. 7-9 Enche o teu lar do conhecimento de Deus

Vv. 10-12 *Recordá-lo*

v. 10 Introduzido na terra

v. 11,12 Quando te fartares

Vv. 13-25 *Servi-lo*

v. 13-16 Exclusivamente

v. 17-19 Diligentemente

v. 20-25 Perpetuamente

11

O Cerne do Sermão

Boa estrutura e transmissão eficiente dependem de uma tese ou proposição bem delineada. Esta constitui o cerne do sermão. Para isto, todas as partes do sermão devem ser pertinentes e estruturalmente ajustadas. A tese pode ou não englobar a palavra chave e a transição para os pontos principais do corpo do sermão. Se a palavra chave e a transição não estiverem expressas na proposição, deve-se providenciar uma sentença de transição separada, como adendo. Uma transição suave e eficiente é uma das decisivas marcas de excelência do sermão. E uma transição grosseira pode enfraquecer toda a estrutura e a comunicação.

Ocasionalmente, a tese pode estar tão claramente incluída na introdução do sermão que torna desnecessária a sua declaração formal; mas o pregador deve tê-la em mente de modo bem definido, e ela deve estar clara para os ouvintes também. Um sermão sem propósito e progressão reconhecíveis pode levar à confusão, e não à convicção e decisão. Naqueles raros casos em que parece melhor reter a tese até o fim, não é menos essencial que o pregador tenha a tese em mente com clareza, e que os ouvintes ao menos vejam a progressão no discurso.

A tese ou proposição deve ser testada pelos seguintes critérios:

1. Ela deve indicar o curso da discussão que se há de seguir. É uma promessa que o discurso deve cumprir fielmente; deve, pois, ser formulada com escrupulosa exatidão. Se for demasiado ampla, o desenvolvimento faltará à sua promessa; se for estreita, as expec-

tativas do auditório serão rebaixadas a um nível baixo demais para o ouvinte que sabe apreciar.

2. Ela deve ser, com efeito, uma generalização que transmita uma verdade universal e intemporal, enunciada moderada e modestamente, sem enfeites e sem exagero.

3. Normalmente deve ser uma sentença simples, conquanto possa ser incorporada como a cláusula principal de uma sentença que inclua também uma cláusula de pura transição.

4. Ela deve ser perfeitamente clara. Estruturalmente esta é a sentença mais importante do sermão inteiro, e deve estar isenta do mais ligeiro toque de ambigüidade. Em parte nenhuma a brevidade e a simplicidade estão a maior prêmio do que aqui. J. H. Jowett expressou a convicção de que "nenhum sermão está pronto para ser pregado, nem pronto para ser publicado, enquanto não nos for possível expressar o seu tema numa breve e fecunda sentença, tão clara como o cristal". Ele achava a obtenção dessa sentença "o mais difícil, exigente e frutuoso trabalho" no seu gabinete.¹

5. Ela deve abranger todo o pensamento do sermão. Ela é "a substância do sermão numa sentença".² "A parte restante do sermão, denominada corpo do sermão, é o desenvolvimento, de acordo com princípios específicos, daquela verdade ou idéia cristã particular".³ "O discurso é a proposição desenvolvida; a proposição é o discurso resumido."⁴

Confinar a proposição dentro de limites apropriados não é menos importante do que fazê-la cobrir o escopo total do sermão. Se for para estimular a expectativa, não deverá revelar demais, desde que a atenção e o interesse dependem grandemente do elemento de suspense.

1. *The Preacher, His Life and Work* (Nova Iorque: George H. Doran Co., 1912), p. 133; em português: *O Pregador, Sua Vida e Obra*, tradução de Odayr Olivetti, Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, 1969, p. 89.

2. Jones, *Principles and Practice of Preaching* (Princípios e Prática da Pregação), p. 84.

3. Blocker, *The Secret of Pulpit Power* (O Segredo do Poder do Púlpito), p. 18.

4. Vinet, *Homiletics* (Homilética), traduzido para o inglês e editado por Thomas H. Skinner, p. 67.

6. Ela deve ser suficientemente importante para garantir o desenvolvimento a seguir no corpo do sermão. "Nenhum púlpito tem lugar para proposições diminutivas."⁵

7. Ela deve ter natureza própria de sermão, expressando ou incluindo alguma reação, da parte dos ouvintes, rumo àquilo para o que o pregador está se movendo. "O discurso que não faz nenhum apelo ou exigência moral, não é sermão."⁶

A tese do sermão é, num sentido muito real, a *conclusão ao inverso*. A tese olha para diante, para a conclusão; e a conclusão olha para trás, para a tese. Cada qual acha na outra o seu complemento.

É preciso fazer uma distinção entre a *tese sermônica* e a *tese didática*. A tese didática visa a ensinar ou informar; a tese sermônica visa a persuadir e, portanto, leva consigo uma impulsão pessoal. Uma tese didática poderia afirmar: "Toda a autoridade repousa na mão de Deus". Mas aí não há expulso sermônico, como haveria na seguinte formulação: "O homem deve submeter-se à autoridade de Deus". Uma formulação melhor, psicologicamente, poderia ser: "Passamos otimamente bem quando nos submetemos à autoridade de Deus". Uma tese didática poderia dizer: "Os filhos de Deus manifestam certas características". Uma tese sermônica diria: "Os *verdadeiros* filhos de Deus...", ou: "Os filhos de Deus *devem* manifestar...".

Seja expressa como for, a proposição sermônica deve transmitir a idéia de necessidade, dever, ou desejo. Ocasionalmente uma tese pode ser didática na estrutura e, todavia, de natureza sermônica, como nas seguintes formulações: "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber". "Pode-se resistir vitoriosamente à tentação".

TESE E TRANSIÇÃO ILUSTRADAS

Exemplo I

TÍTULO: "Como Proceder com a Tentação"

5. Austin Phelps, *The Theory of Preaching* (Teoria da Pregação), Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1911, pp. 321, 322.

6. G. Campbell Morgan, *Preaching*, p. 88.

TEXTO: Mt 4:1-11

Introd.:

1. A tentação para pecar é nossa sorte comum.
2. A tentação, a que se resiste vitoriosamente, pode ser um meio para bênção espiritual.

TESE: 3. Pode-se resistir vitoriosamente à tentação.
(Interrogativa: Como?)

TRANSIÇÃO: A semelhança de Cristo, devemos preencher certas condições:
(Palavra Chave: "Condições")

- I. Temos que conhecer a Palavra de Deus. ("Está escrito.")
- II. Temos que crer na Palavra de Deus. ("Está escrito.")
- III. Temos que obedecer à Palavra de Deus ("Está escrito.")

Concl.: Se nós, como Cristo no deserto, conhecermos...
crermos... obedecermos..., também nos ergueremos
em triunfo...

(Aqui a Transição é indicada como um adendo à Tese. Portanto, é tratada como ponto secundário, sem ser numerada. Aqui a Tese é uma sentença "simples"; e a Transição, igualmente. A mesma Tese *poderia* ser enunciada como parte de uma sentença "complexa", como no exemplo seguinte.)

Exemplo II

TESE: *Pode-se resistir vitoriosamente à tentação*, com base em três condições cumpridas por Cristo:

(Aqui a cláusula principal sublimada é a Tese. Ordinariamente, a construção mais clara consiste em moldar a Tese na forma de uma sentença "simples", e acrescentar uma Transição igualmente "simples".)

Exemplo III

TESE: Cristo aqui preenche três condições para resistir vitoriosamente à tentação:

(Esta é a mais simples forma de Tese, em que fornece sua própria Transição e Palavra Chave, "Condições", e a resposta à sua própria Interrogativa implícita, "Como?")

12

Componentes Estruturais do Sermão

Os sermões poderosos são feitos de partes poderosas. O sermão que for poderoso numa parte e fraco noutra, será correspondentemente falto de eficiência. Se a estrutura for, toda ela, poderosa, a introdução introduzirá realmente, as ilustrações ilustrarão realmente, a conclusão concluirá realmente, e a mensagem será mensagem de fato.

1. O Título ou Tema.

(1) Deve ser breve. A brevidade tende a centralizar a atenção, ao passo que títulos compridos tendem a dispersar o pensamento. Andrew W. Blackwood, chama a atenção para um modo prático do mundo do jornalismo, no sentido de que “uma linha de propaganda de jornal não deve conter mais que quatro palavras vigorosas”.¹ Incluindo palavras breves como “o”, “a”, “os”, “as”, a preposição “a”, etc., uma boa regra geral parece limitar o total a perto de sete palavras.

(2) Deve ser atraente. Tem-se observado que o sucesso ou o fracasso de um livro muitas vezes é determinado por seu título, e que os sermões que se mantiveram vivos tinham geralmente títulos atraentes. O tema do sermão no quadro ou boletim de avisos, ou no jornal, é a primeira abordagem que o ministro faz ao seu auditério potencial, do qual apenas uma parte freqüenta um dos cultos

1. *The Preparation of Sermons*, p. 94.

dominicais. A indústria gasta somas enormes para elaborar lemas apropriados, para a venda dos seus produtos, e o ministro precisa exercer uma preocupação semelhante a essa, ao dar expressão aos temas dos seus sermões.

(3) Deve ser indicativo do conteúdo do sermão. Um bom tema sugere mais do que o que expressa. Mas embora leve consigo apenas uma insinuação quanto à substância do sermão, o que ele revela deve harmonizar-se estritamente com o material a ser apresentado.

(4) Deve adequar-se ao caráter sacro da faina de pregar. Um tema pode ser vívido, atraente, intelectualmente estimulante, sem sacrificar a reverência. Não é necessário que o tema seja inteligente; mas, reverente, sim.

(5) Deve estar relacionado com os interesses e as necessidades dos ouvintes. Estes não são apenas numerosos indivíduos; cada um deles é o centro de um universo, para o qual o ministro deve conseguir entrada com a verdade salvadora. Talvez não se preocupem com o que houve com os heteus e jebuseus; eles querem saber, "Que será de nós?" Eles vêm à igreja por três motivos: Por causa de Cristo, por causa de outros e por sua própria causa. De todos os motivos legítimos que trazem as pessoas à igreja, o último é o inferior, mas é o motivo que traz a avassalante maioria dos que vêm.

Talvez o definitivo quanto a temas felizes foi conseguido num folheto de Dwight L. Moody, distribuído entre os prisioneiros de uma penitenciária. Este folheto, intitulado "Como o Carcereiro Foi Apanhado" (o carcereiro de Filipos, Atos 16:25-34), foi lido por um convicto desesperadamente perverso, e veio a ser o instrumento da sua conversão e completa transformação. W. B. Riley² sugere um título similarmente atraente para mulheres que trabalham atrás dos balcões das grandes lojas: "A Conversão de uma Vendedora", baseado na conversão de "Lídia... vendedora de púrpura" cujo coração o Senhor abriu (Atos 16:14).

2. A Introdução.

(1) Deve preparar os ouvintes para uma favorável e inteligente recepção da verdade bíblica que está para ser apresentada. Isto é

2. *The Preacher and His Preaching* (Wheaton, Ill. Sword of the Lord Publishers, 1948), p. 99.

necessário mesmo quando precedido pela mais cuidadosa preparação indireta com hinos, orações e leitura das Escrituras. Prender a atenção não basta; é preciso que seja uma atenção *favorável*. O homem que deixou um folheto para a garçonete, mas se esqueceu de lhe deixar uma gorjeta, conseguiu atenção, não porém atenção favorável. A persuasão, que é o objetivo último do sermão, geralmente começa com a introdução.

Uma vigorosa declaração inicial é sumamente importante. Daí em diante, a introdução se desenvolve normalmente a modo de uma reação em cadeia, com cada ponto sucessivo fluindo do anterior. Em regra, os ouvintes preferem ser levados suavemente assim ao assunto, em vez de serem arrojados a ele.

(2) Deve enunciar a tese, revelando a linha de desenvolvimento proposta. Broadus observa que “enunciar uma idéia central como cerne do sermão nem sempre é fácil... mas o que se consegue vale o esforço”.³ E é mais provável que os ouvintes acompanhem com interesse, se lhes for dada alguma indicação da direção a ser tomada.

(3) Deve deixar clara para o auditório a relação do tema com a ocasião, com os ouvintes, com o texto e com a tese.

(4) Deve propiciar uma transição natural da tese para o corpo do sermão. Esta transição serve também como a ponte de ligação entre as divisões principais do sermão. Normalmente isto inclui o emprego de uma *Palavra Chave* que se encaixe exatamente em cada um dos pontos principais do sermão. Se não se puder encontrar palavra chave para todos os pontos principais, é preciso fazer uma revisão da estrutura. Se o esboço for logicamente válido, a transição será natural e fácil; doutro modo o pregador ficará titubeando. A realização homilética provavelmente não se refletirá em nenhum lugar mais seguramente do que na transição da introdução para o corpo do sermão. Transições insípidas, pedantes, trabalhosas desanimarão até os ouvintes mais benévolos.

No modelo “Básico” de sermão, o sermão avança *indutivamente* da sentença inicial para a tese; daí segue *dedutivamente* para a conclusão. Noutros modelos homiléticos, como os modelos “Narrativo” ou “Solução de Problema”, em que o empuxo sermônico é sustado

3. Broadus, *On the Preparation and Deliver of Sermons*, revisto por Jesse B. Witherspoon, p. 52.

até a conclusão, deve-se dar aos ouvintes o benefício de uma tese "didática" para possibilitar-lhes ouvir inteligentemente.

3. Os Pontos Principais (designados por algarismos romanos).

(1) Devem ser enunciados como sentenças ou cláusulas, concisas mas completas, exceto onde a sentença de transição ou o contexto completar o pensamento. Uma "deixa" ou um "tópico" pode ser insuficiente para fazer retornar o pensamento quando as anotações ganham frieza. Para uma ilustração, uma deixa ou um tópico geralmente é adequado; igualmente quanto aos pontos da "Análise" de uma passagem da Escritura, com a Bíblia aberta provendo-nos dos pormenores.

(2) Devem ser mutuamente exclusivos. A sobreposição pode ser desastrosa para a memorização e para a recordação, quanto à pregação extemporânea. Pode-se manter os pontos mutuamente exclusivos "seguindo-se o que se conhece como um *único princípio de divisão*, que significa que os tópicos são derivados da idéia principal ou tema do mesmo ponto de vista".⁴ Em Filipenses 3:13,14, por exemplo, o apóstolo Paulo salienta três classes de graça de que o cristão necessita: A graça de esquecer; a graça de concentrar-se; a graça de perseverar.

(3) Devem ser mutuamente adaptados quanto à proporção, à unidade e à seqüência. Os pontos coordenados devem ser de força e importância aproximadamente iguais, e devem receber proporções comparáveis de elaboração. A unidade requer que se testem os pontos consultando a proposição a que eles devem dar suporte, para garantir que este suporte seja real. A seqüência dos pontos geralmente pode ser determinada por uma ordem natural de pensamento que se sente intuitivamente.

Deve haver progressão, discernível para os ouvintes, e esta deve levar cumulativamente a um final vigoroso. Não significa que o clímax esteja invariavelmente no fim. Como assinala uma excelente autoridade, quando o povo fica esperando o clímax no fim, pode enrijecer-se contra o apelo antecipado, ou pode começar a procurar chapéu e luvas, sabendo que o fim está próximo. A melhor maneira,

4. Hunter e Johnson, *A Manual of Systematic Discourse* (Maryville, Tenn.: Edwin R. Hunter, 1947), p. 7.

sugere a referida autoridade, é não ter nenhuma ordem fixa, mas mudar quanto possível a posição do clímax.⁵

Os enunciados negativos pertencem à parte inicial do sermão. "Freqüentemente é necessário limpar o terreno antes de edificar a sua própria estrutura mas não se deve continuar limpando o terreno em suas sentenças conclusivas."⁶

O humorismo também pertence à parte inicial do sermão. Prudente e sobriamente usado, pode ter real valor. Serve para descontraír as pessoas e pode abrir a mente para alguma verdade ou apelo sério. Elementos patéticos podem ser úteis no começo ou no fim do sermão. No começo, podem preparar os ouvintes para a recepção da mensagem; no fim, podem aquecer os corações para o exercício do dever, da bondade ou do amor. Mas o patético, à semelhança do humorismo, deve ser usado parcimoniosamente e com grande cuidado, no púlpito.

(4) Devem ser paralelos, na forma, quanto possível. O paralelismo de idéias, expresso de forma paralela, é essencial à memória lógica e visual. Se o primeiro ponto for expresso como uma pergunta, os pontos restantes devem ser perguntas. A mesma uniformidade do modelo deve ser procurada com referência a frases, substantivos, adjetivos, ou outras partes do discurso que estejam na posição de ênfase, nos pontos coordenados.

Mas o paralelismo não deve ser levado ao ponto de expressões inaturais ou de fatigantes esforços pela uniformidade. O paralelismo na forma não pode tornar iguais pontos diferentes; e expedientes fantasiosos que produzem semelhança na forma podem com eles produzir confusão de pensamento. Deve-se exercer particular cautela no uso da aliteração e da antítese, que tantas vezes dão como resultado alguma coisa tão inútil e desagradável como uma rima forçada. O paralelismo de estrutura não pode levar à unidade pontos que não possam ser colocados sob uma palavra chave comum. E três ou quatro sermõezinhos não fazem um sermão, por mais paralelos se façam os enunciados dos pontos ou divisões.

Difícilmente menos importante que o paralelismo e a *coordenação* é o princípio de *subordinação*, relacionado com aqueles. É

5. Smith, *Extempora Preaching*, p. 53.

6. Carl S. Patton, *The Preparation and Delivery of Sermons* (Chicago: Willett, Clark & Co., 1938), pp. 63, 64.

um expediente homilético da mais alta importância, e que parece nunca ter recebido adequada atenção. A salvação de muitos esboços pode ser obtida por meio da judiciosa subordinação de pontos que são demasiado valiosos para serem dispensados e, contudo, de impossível coordenação com outros pontos de uma dada série. Embora se sobrepondo ou não com outros pontos de igual peso ou significação, um ponto desses poderia ter real valor como um ponto secundário subsidiando um dos pontos principais.

(5) Eles e a tese devem ser co-extensos. Às vezes pode ser necessário abreviar a tese proposta ou ampliar o escopo dos pontos principais, ou vice-versa.

(6) Devem ser fortalecidos com a Escritura. É desejável para todos os sermões, e essencial para os sermões expositivos, que cada ponto principal ou o ponto secundário mais importante que se lhe subordina, seja auxiliado com subsídios escriturísticos adequados, normalmente com as palavras exatas da Escritura. Estes subsídios devem ser visíveis, lógicos e incontestáveis. Isso estabelece autoridade, impede afastamento da passagem bíblica e ajuda a garantir exatidão na elocução. Mantém tanto o pregador como os ouvintes cientes de que ele está comunicando, não as suas opiniões, mas a Palavra de Deus.

4. *Os Pontos Secundários (Subdivisões)*, designados com algarismos arábicos. Em geral, os pontos secundários devem ser como os pontos principais: (1) enunciados completos; (2) mutuamente exclusivos; (3) mutuamente adaptados, e (4) paralelos, na forma.

Na pregação expositiva, sobre uma passagem narrativa da Escritura, um "Romano" pode ser uma generalização, enunciando uma lição, um princípio, ou uma verdade intemporal; ou pode ser uma particularização, enunciando um exemplo da aplicação de um princípio. Se o Romano for uma generalização, o principal "Árabe" subsequente deve fornecer da passagem bíblica dada uma aplicação específica daquele princípio. Se o Romano for uma particularização, o principal Árabe subsequente deve ser normalmente a enunciação de um princípio envolvido ou sugerido pelo caso particular dado no Romano.

Além do principal Árabe sob um dado Romano, há ampla largueza para explorar as "fontes de material para a pregação". Aqui quaisquer ou todos os "recursos homiléticos" podem entrar em cena (os "processos retóricos", as "interrogativas", a "palavra chave"). Com muita frequência os Árabes sob um dado Romano se desdo-

bração como os pontos da Introdução, à maneira de uma reação em cadeia, cada ponto fluindo naturalmente para o seguinte.

5. *Ilustrações.* Muito sermão tem sido salvo por uma ilustração eficiente. E muito pregador tem sido salvo da mediocridade graças a um talento especial para o uso de ilustrações. Ao que parece, nas capelas escolares o orador é mais vezes avaliado com base em suas ilustrações do que com base em qualquer outra coisa. A parte do sermão com maior probabilidade de ser lembrada é a ilustração. Por esta razão, declara um escritor, "Não sou muito amigo de ilustrações, exceto as oriundas da Bíblia, mormente porque muitas vezes vejo que elas são lembradas, ao passo que os pontos ilustrados são esquecidos".⁷ Não se deve, pois, desencorajar o uso de ilustrações; de fato, uma boa ilustração para cada divisão ou ponto principal ficaria bem. Mas a escolha das ilustrações exige o máximo cuidado.

(1) Devem ser conducentes ao propósito da mensagem. Não importa quão boa seja a ilustração, se não contribuir para o ímpeto, clareza e vigor do sermão, deve ser posta de lado. Algumas ilustrações são como janelas falsas que não deixam entrar luz nenhuma, e algumas realmente desviam a atenção do pensamento que a ilustração deveria reforçar. A ilustração não deve apenas ser adequada ao ponto; a sua significação pertinente deve ser imediatamente reconhecível para os ouvintes.

(2) Devem ser verdadeiras. A confiança na integridade do pregador é fundamental para a aceitação da sua prédica. Declarações negligentes no púlpito destruirão rapidamente esta confiança. Pior ainda, Deus não abençoará o uso da inverdade. Uma lenda, uma parábola, uma fábula, ou um sonho podem formar uma excelente ilustração, se claramente identificados como tais. Se houver a mais leve dúvida quanto à autenticidade de uma ilustração, que o orador indique a fonte; e que nunca se deixe tentar a relatar como sua experiência pessoal a de algum outro.

(3) Devem ser plausíveis. Há vezes em que a verdade é mais estranha que a ficção. Se uma história é verdadeira, mas não é plausível, é pior que inútil como ilustração.

7. Geoffrey W. Bromiley, em *My Way of Preaching*, editado por Robert J. Smithson (Londres: Pickering & Inglis, Ltd. 1956), p. 15.

(4) Devem ser de bom gosto. Em nenhuma outra parte o pregador exhibe mais claramente o seu requinte ou falta deste do que em sua escolha de ilustrações. Os padrões culturais do púlpito tendem a tornar-se, com o passar dos anos, os padrões culturais dos frequentadores; e se conhecem igrejas de gente perspicaz que rejeitam candidatos ao púlpito devido ao mau gosto na escolha de ilustrações. Inteligência não compensa a falta de bom gosto, e uma boa risada não pode apagar o seu efeito.

Um bocado de humor ocasional, se pertinente e concomitante com o propósito sério da mensagem, pode ser “um belo instrumento a serviço da verdade”;⁸ mas um comediante no púlpito não é o que as igrejas necessitam ou desejam.

6. *A Conclusão.* Quando Pedro, naquele poderoso sermão do Pentecoste, tinha avançado até certo ponto, os seus ouvintes clamavam pela conclusão: “Que faremos?” Esta é a pergunta que o sermão deve provocar, e que a conclusão deve responder. Reter a conclusão teria sido total dureza de coração da parte de Pedro. Na medida em que um sermão tem sucesso, cria a razoável expectativa de uma resposta às perguntas, problemas e necessidades antes expostas. Uma adequada conclusão é, pois, essencial. Não menos fútil que um diagnóstico sem um remédio, é um discurso desconexo que deixa uma confusa congregação a perguntar, “E agora, o quê?”

(1) A conclusão deve, de algum modo, refletir a proposição ou os pontos principais, ou ambos. Como se indicou anteriormente, a conclusão é, com efeito, a proposição ao reverso. Uma concisa recapitulação pode ser uma poderosa conclusão, e o valor da repetição não deve ser considerado ligeiramente. Webb B. Garrison⁹ chama a atenção para algumas significativas conclusões que brotam de extensos estudos sob a orientação de Arthur Jersild: “A repetição é o método individualizado mais eficiente de obter ênfase . . . (o) poder da repetição (é) maior quando as apresentações várias são separadas por outros itens do discurso . . . a ênfase ótima vem de três repetições”.¹⁰

8. Luccock, *In the Minister's Workshop*, p. 192.

9. *The Preacher and His Audience*, pp. 163, 164.

10. “Modes of Emphasis in Public Speaking”, *Journal of Applied Psychology*, Vol. 12 (1928).

(2) A conclusão deve levar a mensagem a um ardoroso foco. Há validade no velho axioma: "O objetivo do sermão é mais importante que o assunto"; e para este objetivo o sermão todo deve propender, até as últimas palavras da conclusão. Moisés encerrou um dos seus mais poderosos apelos com as palavras: "Escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência" (Dt 30:19). Josué concluiu o seu grandioso discurso de despedida com as palavras: "Escolhei hoje a quem sirvais" (Js 24:15). Jesus concluiu o Sermão do Monte com uma ilustração a respeito dos dois fundamentos (Mt 7:24-27); e outro dos Seus discursos com aquele desafio clássico: "Vai, e procede tu de igual modo" (Lucas 10:37).

(3) A conclusão deve apelar ao indivíduo para que reaja de alguma forma concreta: com uma atitude, ou decisão, ou compromisso de consagração ou reconsagração a Cristo nalgum ponto definido, ou com uma resposta de ação de graças. No transcurso do sermão todo, e particularmente na conclusão, é preciso fazer que o ouvinte sinta que a mensagem é pessoal: "Tu és o homem!" Esta é a impressão que todo sermão deve causar. O apelo pode ser expresso diretamente, ou mediante inferência — por meio de uma pergunta solene, um versículo da Escritura, ou uma simples e fervorosa declaração da verdade bíblica.

(4) A conclusão deve evitar a introdução de material novo, exceto alguma ilustração ou poema ou versículo bíblico pertinente, assegurando-se vigorosa sentença de encerramento para o impacto final.

13

O Caminho para a Pregação Livre de Anotações

Uma das maiores alegrias do ministério é a espontaneidade da pregação livre de anotações. Ficar livre das anotações vale o que custa. Isso depende de três fatores de preparação: saturação, organização e memorização.

Saturação

Seja qual for o método de preparação que o pregador siga, ele precisa ter pleno conhecimento do seu material. Deve conhecer o assunto em todas as suas ramificações. "Homem nenhum pode ser eloqüente num assunto de que não entende", como Cícero, o maior orador da antiga Roma, declarou há dois mil anos.¹ Nem mesmo a inspiração pode funcionar no vácuo.

O pregador não deve lamentar o tempo gasto para juntar os seus dados factuais e preparar a sua análise da Escritura rumo ao esboço do seu sermão. "É um princípio geral que tudo o que custa pouco ao produtor tem pouco valor para os outros."² Um dos cas-

1. Gilman, Aly, e Reid, *Speech Preparation* (Preparo do Discurso), Columbia, Missouri: Artcraft Press, 1946, p. 29.

2. Wilson T. Hougue, *Homiletics and Pastoral Theology* (Homilética e Teologia Pastoral, Winona Lake, Indiana: Free Methodist Publishing House, 1940, p. 31.

tigos do plágio é que ele faz atalhos demais nos processos de saturação. Para o gasto de tempo, pensamento e labor, não há substituto. Um bom processo é escolher logo o tema do sermão; meditar nele diariamente; deixar que o sermão cresça; depois escrever o esboço numa sentada.

A principal ocupação do pregador é preparar e pregar sermões. Não se reúnem igrejas fortes em torno de púlpitos fracos. E se a disciplina do trabalho completo e da precisão acurada no preparo parece rude a princípio, nada que o ministro faça é mais gratificante; e, com o tempo, a produção de sermões vem a ser uma das suas maiores alegrias.

Organização

Um professor de homilética que estivera ouvindo sermões de estudantes durante quase quarenta anos foi inquirido se tinha alguma impressão que se destacasse. Sua resposta, sem um momento de hesitação, foi: "Falta de conteúdo!" Se a organização há de ser significativa, tem que haver algo para organizar. A arte de pregar é mais que "a arte de expandir uma idéia de dois minutos num sermão de trinta minutos". Alguns sermões de fato evocam as palavras daquele membro do parlamento britânico que disse do seu oponente: "Ele tem talento para condensar um mínimo de pensamento num máximo de palavras". Mas, para cada sermão que falha por falta de conteúdo, provavelmente há outro que falha por sua organização inadequada.

Para retenção e lembrança, na pregação livre de anotações, a estrutura "deve ser simples, óbvia, natural, de modo que se fixe na mente; e deve ser claramente articulada em suas partes".³ Com um bom esboço, o pregador confia à memória uma progressão do pensamento, em vez de palavras, e nunca fica preso a uma fraseologia particular. Por outro lado, um discurso desconexo praticamente desafia a memorização e mantém o pregador preso às suas anotações.

Nas campanhas políticas a importância do contato visual é reconhecida pelo uso do "teleponto" ("teleprompter"), um recurso pelo

3. Richard S. Storrs, *Preaching Without Notes* (Pregação Sem Anotações), Nova Iorque: Hodder and Stoughton, 1875, p. 109.

qual o discurso preparado vai-se desenrolando na frente do orador, linha por linha, conforme a alocação avança. Da elevada posição do orador, parece que ele está olhando diretamente para os seus ouvintes quando na verdade pode ser que ele esteja lendo no teleponto. As suas mãos estão livres, não há o ato de virar páginas, e a ilusão é completa.

Para os artistas de cinema e televisão há um recurso conhecido pelo nome de "tela tola" ou "tela oculta" ("idiot sheet"). É uma ampla tela em que está o texto, para ajudar a memória no caso de esquecimento. É colocada de modo que dê a impressão de contato visual com o auditório, embora sirva a seu propósito de salvaguarda da memória.

Para o pregador, que não conta com o auxílio de recursos como o "teleponto" e a "tela oculta", há outros modos de pregar sem o uso de anotações. Os métodos variam grandemente quanto ao mérito e à praticabilidade, mas entre eles há um que é o melhor método para cada homem de Deus.

Um modo de pregar sem anotações é redigir e memorizar um manuscrito completo. Este foi o método de alguns dos nossos grandes pregadores. Mas memorizar um manuscrito de dez páginas para cada culto exige prodigiosas proezas da memória; e poucos pregadores poderiam agüentar as estonteantes exigências de tal procedimento duas ou três vezes por semana, ou mais. Tão-somente o fator tempo já seria proibitivo, em geral. Também há o perigo de que um manuscrito decorado tenda mais a dar a impressão de uma declamação do que de um sermão.

Se, no preparo para o púlpito, escreve-se um manuscrito completo partindo de um esboço cuidadosamente preparado, reduz-se grandemente o perigo de memorizar palavras em vez de pensamentos. Para muitos pregadores, porém, a memória visual e a memória lógica podem confundir-se quando eles tentam recordar o que foi redigido no esboço e nas muitas páginas do manuscrito. A mesma confusão é de temer-se quando o pregador redige primeiro o seu manuscrito e, depois, faz um sumário ou uma análise do seu manuscrito para uso no púlpito.

Alguns têm seguido a prática de levar o manuscrito completo ao púlpito, com os pontos cuidadosamente sublinhados em uma, duas ou três cores. É algo assim como o preparo para recitação ou para passar uma prova sobre um determinado livro-texto. Não se tenta decorar parágrafos ou páginas ou capítulos inteiros, mas o esquema

estrutural mínimo, nos termos das sentenças tópicas sublinhadas. Os pontos desse modo sublinhados constituem, com efeito, um sumário ou uma análise do manuscrito que é para ser reproduzido oralmente no púlpito. Uma análise assim pode diferir grandemente de um esboço construído independentemente, e seria muito menos eficiente. E haveria o problema enorme de virar tantas páginas no curso do sermão.

Para a grande maioria dos pregadores parece muito bem estabelecido que um esboço cuidadosamente preparado, produto de horas de trabalho, é a melhor preparação para o púlpito. Isto envolve uma vida inteira de disciplina com vistas à concisão e à arte de expressar-se com exatidão. Conquanto conciso, o esboço deve conter o suficiente do sermão para que possa ser recordado quando necessário, talvez semanas ou meses, ou mesmo anos mais tarde.

A disciplina da expressão acurada nos esboços de sermões é mais rigorosa que nos sermões escritos, e tem maior probabilidade de se manter através da vida toda porque não envolve as horas extraordinárias por semana para a redação dos sermões completos. Quando este esmero na expressão se torna habitual, ele passa para todo o discurso escrito e oral.

Idealmente, o esboço deve ser formulado de modo tal que os seus pontos principais (divisões) e muitos dos pontos secundários (subdivisões) se encaixem praticamente ao pé da letra no corpo do sermão. Isto conservará toda expressão conveniente que se tenha conseguido no curso da preparação. Se houver a devida preocupação com as transições e com os conectivos, e as palavras exatas do esboço forem empregadas na comunicação oral, os pontos haverão de fluir naturalmente e sem interferências no sentido do movimento do sermão. E não haverá a impressão de verbosidade que às vezes resulta da memorização de um manuscrito. Como um ouvinte observou, quanto a um sermão memorizado: "Nós podemos saber as nossas linhas *muito bem*".

Redigir o sermão todo não necessariamente garante precisão de expressão. Há muita redação extemporânea, como também muita alocação extemporânea. E a redação apressada, com desmazelo, pode ser mais danosa que benéfica para o estilo. Pode-se escrever melhor o sermão completo, depois de ter sido pregado, para evitar aquela confusão da memória lógica e visual que pode resultar de se ter um esboço e um manuscrito completo escrito de antemão. Além deste, pode haver um modo melhor ainda. Com as facilidades mo-

dernas para a gravação em fita, a prática de gravar todos os sermões quando pregados, e datilografá-los seguindo a gravação, tem muito a seu favor.

Algumas almas bravias vão regularmente para o púlpito sem anotações de nenhuma espécie. Para a maioria dos pregadores, com duas ou três mensagens novas para pregar por semana, isto seria uma consumada negligência, e um convite para o desastre. Apesar de que o ideal reconhecido é *pregar sem anotações*, um esboço cuidadosamente preparado é essencial no preparo e *pode* ser necessário na entrega da mensagem.

Quanto melhor for o esboço, maior será a probabilidade de não ser ele necessário no púlpito. Mas pode ser que haja ocasião em que o pregador, seja qual for a sua prática habitual, precisará das suas anotações. Isto poderá acontecer se ele estiver fatigado ou em más condições físicas, ou se foi impedido de preparar-se adequadamente, ou se estiver pregando para atender a uma emergência. Portanto, parece prudente ter anotações que possam ser levadas para o púlpito. Um manuscrito completo dificilmente funcionará. "Ou o orador começa logo a ficar preso à sua leitura, ou vai adiante sem consultá-lo nunca, até que, de repente, precisa dele e vai-se ver totalmente incapaz de achar o lugar próprio."⁴

Um autor sugere que "geralmente, as anotações serão amplas se abrangerem cerca de 1/4 das palavras do sermão". Estariam incluídas a proposição e as divisões principais escritas por extenso, com ilustrações e citações bíblicas indicadas por uma ou duas palavras apenas.⁵

Outro autor apresenta um plano de redação do sermão completo, fazendo depois um sumário que consistiria de títulos dos parágrafos, que cobriria um lado de meia folha de papel de recado, e que serviria para a fase final da preparação. Poderia ser levado para o púlpito para possível consulta, embora o autor insista em que o pregador lute para manter-se completamente livre das anotações no púlpito.⁶ O perigo que há em ter-se trabalhado com um manuscrito completo e com um sumário foi indicado anteriormente.

4. Hunter and Johnson, *A Manual of Systematic Discourse* (Manual de Discurso Sistemático), p. 77.

5. Smith, *Extempore Preaching* (Pregação Extemporânea), p. 18.

6. Zincke, *The Duty and the Discipline of Extemporary Preaching* (O Dever e a Disciplina da Pregação Extemporânea), p. 50.

John Erskine, o autor, agradecidamente recorda como um dos seus professores, George Rice Carpenter, o ensinou a escrever. Primeiro, exigia-se um esqueleto do ensaio, com cada parágrafo representado por uma única sentença. "Quando tínhamos modelado este esboço, para a sua e a nossa satisfação, nada restava senão preencher os parágrafos e aparar as arestas da estrutura."⁷ Este é um excelente processo para o preparo de um sermão, mesmo que se deva redigir um manuscrito completo depois.

Para manuseio conveniente, uma folha avulsa de um livro de anotações de 12 por 17 cm muitas vezes se distingue como primeira escolha. Tal livro de anotações é quase do tamanho de uma Bíblia comum, e uma folha se adaptará facilmente entre as páginas da Bíblia. Escrevendo nos dois lados, é possível levar um esboço completo de sermão nos dois lados de uma folha; ou poderá ser levado num lado de duas folhas opostas do livro de anotações. Isto pressupõe concisão e abreviaturas, onde possível.

Alguns pregadores muito bem sucedidos preferem usar uma folha tamanho carta (cerca de 20 x 26 cm) dobrada no meio para formar quatro páginas, assim feita para caber convenientemente na Bíblia. O esboço é escrito (à mão) nas duas páginas interiores, uma frente à outra. Qualquer material excedente é transposto para a terceira página, deixando-se em branco a primeira das quatro páginas.⁸

Um plano talvez melhor ainda, para o pregador razoavelmente confiante em não usar as suas anotações no púlpito, é colocar o seu esboço num lado de uma folha tamanho carta, contando assim com linhas mais longas e maior flexibilidade para a anotação. Dobrada uma vez, caberá facilmente na Bíblia. Apresenta a vantagem de manter à vista o esboço inteiro durante toda a fase de preparação, e de deixar lugar, no verso da folha, para dados detalhados com os quais não se deve sobrecarregar o esboço. Para brevidade, cada pregador deve desenvolver o seu próprio sistema de estenografia ou abreviaturas. Cerca de trinta e seis linhas, cerradamente escritas

7. Jones, *Principles and Practice of Preaching* (Princípios e Prática da Pregação), p. 89.

8. Harnish, em *We Prepare and Preach* (Preparamo-nos e Pregamos), editado por Clarence S. Roddy, p. 68. Ver também *The Public Worship of God* (O Culto Público a Deus), de J. R. P. Sclater (Nova Iorque: Richard R. Smith, Inc. 1930), p. 113.

a mão, num lado da folha, geralmente devem bastar. Este é o plano que o autor prefere veementemente, e que recomenda acima de todos os demais.

Em certos casos pode ser necessário, para estrita precisão, ler estatísticas ou citações demasiado complexas para confiar-se à memória. Mas no discurso público é geralmente melhor citar estatísticas em números redondos que podem ser trazidos na memória, tanto pelo orador como pelos ouvintes, e dar em paráfrase simples uma citação complexa demais para ser lembrada literalmente. No caso das citações da Escritura, o ministro enriquecerá constantemente os seus recursos para o púlpito se ele escolher cuidadosamente as frases, cláusulas e versículos exatos que usará, e os cita de cor. A mesma coisa vale com referência a estrofes de hinos e poemas curtos selecionados.

Memorização

No preparo para o púlpito, como em todas as áreas da aprendizagem, não há como escapar de uma certa dose de pura memorização. Talvez a metade do esforço total seja gasto com a "saturação"; quarenta por cento com a "organização"; e por fim dez por cento com a "memorização". Em grande parte, uma boa memória é resultado de cultivo. E o conteúdo de um assunto no qual estamos genuinamente interessados e com o qual estamos completamente familiarizados, não é difícil reter. "O melhor método não é tentar memorizar sentenças ou palavras. Faça que a mente fique inteiramente concentrada nas idéias a serem desenvolvidas, e o fim será realizado pelo sermão."⁹ Mas a observância de algumas regras simples, provenientes da experiência de muitos, através de longos períodos de tempo, ajudará enormemente para uma eficiente memorização.

1. *O uso de ajudas visuais no esboço.* Para a maioria das pessoas, a memória visual é mais forte que a oral, e talvez mais que a memória lógica. Isto explica a confissão comum: "Lembro-me da sua fisionomia, mas não me lembro do seu nome".

(1) *Separação graduada (ou recorte denteado).* A subordinação é instantaneamente reconhecida mediante a separação graduada. Co-

9. Smith, *Extempore Preaching*, p. 99.

loque-se o ponto secundário (subdivisão) à direita, cerca de seis espaços, sob o ponto ou divisão que ele apóia ou desenvolve. Coloque-se similarmente a ilustração, com um adendo ao ponto particular que ela ilustra.

(2) Sublinha. Esta geralmente se reserva para o título do sermão, a "Introd.", a "Concl.", e para os pontos principais (divisões). Alguns recomendam o uso de lápis de diferentes cores para manter o esboço com clareza em mente.¹⁰ Outros preferem definitivamente uma só cor. Sublinhar demais acaba nublando a imagem visual.

(3) Numerais, não letras. Use algarismo romano para cada ponto principal, algarismo arábico para cada ponto secundário, e algarismo arábico entre parênteses para ulterior subordinação — I, 1, (1). Na enumeração dos pontos, a mente não funciona em termos de "Argumento A", "Argumento B" e "Argumento C"; mas em termos de "Primeiro Argumento", "Segundo Argumento" e "Terceiro Argumento". Não se deve numerar um ponto se este não for um de dois ou mais pontos de uma série.

(4) Escreva a mão, não a máquina. Para uma anotação concisa, a escrita a mão propicia maior flexibilidade, especialmente para ter-se um ponto numa só linha. Além disso, a página escrita a mão, pelo esforço maior envolvido e pelas irregularidades do uso da caneta, oferece uma imagem visual mais vigorosa. Até já se argumentou que o esboço do sermão deve ser escrito a lápis e não a tinta, para que se possa apagar uma linha inteira e reescrevê-la, se necessário. Certamente, substituir um esboço no qual se trabalhou várias horas por uma cópia recém-datilografada é frustrar o benefício da imagem visual que já se imprimira na memória.

(5) Pontos e deixas, não parágrafos. "Deixa" é uma palavra ou frase que tem por fim trazer à mente um pensamento completo; "ponto" é a expressão do pensamento propriamente dito. Muitas vezes a deixa é adequada para evocar uma ilustração, mas para outros usos o ponto é preferível. Robert E. Speer, em seu bem conhecido opúsculo, *How to Speak Effectively without Notes* (Como Falar Eficientemente sem Anotações),¹¹ insiste em que cada ponto de um discurso seja colocado na forma de uma proposição, e não

10. Rhoades, *Case Work in Preaching* (O Estudo do Caso na Pregação), p. 19.

11. P. 15

de uma simples frase ou palavra guia. Subentende-se naturalmente que a proposição seja concisa, o que é da máxima importância para clareza e retenção na memória.

2. *Brevidade da proposição.* Cada linha representa um parágrafo; normalmente um parágrafo chega a perto de cem palavras; e um esboço para um sermão de trinta minutos deve estender-se até trinta e seis linhas. As abreviaturas podem ser usadas livremente, desde que fique claro o sentido; e palavras como “e”, “o”, “a”, etc., muitas vezes podem ser omitidas sem obscurecer o sentido.

A brevidade não é apenas uma conveniência; é também um elemento de força. “O que se pode dizer com cinquenta palavras e se diz com setenta e cinco é enfraquecido em cerca de cinquenta por cento.” O pregador que se disciplina para o uso de um lado de uma folha de papel tamanho carta (20 x 26 cm) para um esboço de sermão, não está somente se ajudando para uma pregação no púlpito livre de anotações; está ao mesmo tempo desenvolvendo duas qualidades adicionais, altamente desejáveis — exatidão e vigor.

A eloquência flui da saturação e do sentimento intenso; e sempre que o pregador estiver saturado, tiver assimilado plenamente o seu assunto, o esboço do sermão não precisará ser redigido elaboradamente. A mais breve referência trará de volta a idéia completa, exatamente como uma “deixa” de duas ou três palavras trará à mente uma ilustração que requer dois ou três minutos para contar. Pormenores que talvez seja necessário recordar meses ou anos mais tarde, e que não poderiam ser conservados na memória, podem ser transpostos para o lado de trás do esboço.

3. *Enunciado de pontos paralelos, de forma paralela, se possível.* Isto foi discutido no capítulo anterior.

4. *Limitação de pontos a um máximo de cinco numa série.* A memória tende a atolar-se quando há mais de cinco pontos numa série. Testes psicológicos no campo da educação revelaram que quando há mais de cinco itens dentre os quais escolher, o discernimento fica mais ou menos nebuloso e, por conseguinte, as escolhas são menos confiáveis. Talvez haja uma espécie de conexão entre a capacidade e os processos mentais de um homem e o fato de que ele tem cinco dedos em cada mão e pé. Os primitivos contam de cinco em cinco, ou por vintenas, indicando com um gesto a soma de todos os dedos das mãos e dos pés.

Não há mérito nem caráter sagrado ligado a qualquer número particular de pontos ou divisões. F. W. Robertson, de Brighton,

Inglaterra, citado por Andrew W. Blackwood¹² como "talvez o mais influente pregador-escritor dos últimos cem anos", tinha particulares inclinações para esboços com duas verdades contrastantes. T. W. Callaway, pastor batista do Sul, publicou um livro com mil esboços de sermão de três divisões cada.¹³

Harry Emerson Fosdick, que durante trinta e oito anos ensinou Teologia Pragmática no Seminário Teológico "Union" de Nova Iorque, dizia que o corpo do sermão normalmente não deve ter mais do que quatro pontos ou divisões; porque muitos pontos confundem o ouvinte. Todavia, em casos excepcionais, os seus sermões chegavam a cinco, seis ou até sete divisões.¹⁴

John A. Broadus¹⁵ assinala que quando há cinco ou seis pontos principais, "eles devem seguir-se uns aos outros numa ordem bem natural, ou o ouvinte comum não os reterá facilmente na memória. Por conseguinte, os pregadores judiciosos e habilidosos raramente têm mais que quatro pontos principais num discurso".

5. *Observância das leis naturais da memória.* A fórmula conhecida requer impressão, associação e repetição. Estas têm sido salientadas durante anos em muitos cursos de treinamento da memória e de métodos de estudo.

(1) *Impressão.* Ao instituir a ceia memorial pela qual Jesus, o Mestre e Senhor, tencionava ser lembrado "até que ele venha", Ele convocou quase todos os sentidos: visão, audição, paladar, olfato, sensibilidade, tato e movimento. Quanto mais sentidos envolvemos, mais impressões temos, e mais probabilidade temos de lembrar.

No uso da dramatização religiosa como meio de ministrar às almas, dá-se ênfase à importância da pantomima. Esta "expressão de idéias e movimentos através da ação corporal" é importante porque um drama tanto é *visto* como *ouvido*.¹⁶ A mesma coisa vale para

12. *Expository Preaching for Today* (Pregação Expositiva para Hoje), p. 14.

13. *One Thousand Threefold Scripture Outlines* (Mil Esboços Bíblicos Tríplices), Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1943.

14. Edmund H. Linn, "Fosdick as a Preacher" (Fosdick como Pregador), em *Andover Newton Quarterly* (Newton Centre, Massachusetts: Andover Newton Theological School, LIII, n.º 4, 1961), p. 35.

15. *On the Preparation and Delivery of Sermons* (Do Preparo e Alocação de Sermões), revisto por Jesse B. Weatherspoon, p. 113.

16. Fred Eastman e Louis Wilson, *Drama in Church* (Dramatização na Igreja), Nova Iorque: Samuel French, 1942, pp. 77, 81.

o ministro, cujos gestos, postura, expressão facial e mudanças de tom, compasso e intensidade desempenham papel igualmente vital na eficaz comunicação da palavra falada. Dado que estes fatores físicos são tão proeminentes na comunicação da mensagem, os participantes do drama são instruídos no sentido de fazerem o trabalho de memorização em movimento, acompanhando a ação e lendo as suas partes em voz alta. Assim a memória dos pensamentos e palavras é reforçada pela associação das impressões visuais e orais, e também pelos sentidos de tato e movimento.

(2) Associação. O processo de aprendizagem e recordação parte do conhecido para o desconhecido. De algum modo há que estabelecer uma relação. Não é preciso que as associações sejam lógicas, mas devem ser tão vívidas e vigorosas quanto possível, para fortalecerem a probabilidade de recordação.

(3) Repetição. De superlativa importância é a lei de esforço distribuído ou de aprendizagem espaçada. "O homem que se senta e fica repetindo uma coisa até finalmente fixá-la na memória, está usando o dobro do tempo e da energia necessários para conseguir os mesmos resultados quando o processo de repetição é feito a intervalos prudentes."¹⁷

"Um material estudado quinze minutos por dia em quatro dias ... será muito melhor lembrado que um material estudado uma hora uma só vez e nunca revisto."¹⁸ "O exercício de uma hora por dia durante cinco dias é mais eficiente que cinco horas num único dia."¹⁹

É possível uma pessoa estudar durante um período de tempo demasiado longo, e ver-se néscia afinal. Estudamos melhor quando estamos descansados, contentes, com boa saúde, e interessados. Uma boa noite de sono é uma excelente preparação para qualquer tipo de esforço mental. E uma prática que pode ser decisiva para que o pregador consiga ficar livre das anotações, pelo menos para as manhãs de domingo, é a de pregar o sermão para si próprio, a última

17. Dale Carnegie, *Public Speaking and Influencing Men in Business* (Como Falar em Público e Influenciar os Homens nos Negócios), Nova Iorque: Association Press, 1937, p. 109.

18. Thomas F. Staton, *How to Study* (Como Estudar) Nashville, Tennessee: McQuiddy Printing Co., 1954, p. 23.

19. Gilman, Aly, e Reid, *The Fundamentals of Speaking* (Elementos Fundamentais da Oratória), p. 133.

coisa a ser feita antes de ir para o leito sábado à noite. Mas deve ser a *última* coisa mesmo, antes de cair no sono. Depois, ao despertar, a primeira coisa, antes mesmo de se levantar da cama, pense no sermão todo outra vez. Muitas vezes é espantoso com que clareza o sermão todo retorna depois do trabalho noturno feito no subconsciente durante o sono.

O procedimento dos atores e atrizes, que têm enormes trabalhos de memorização, pode ser de sugestivo valor para o pregador. Comumente essa tarefa acarreta quatro passos: (1) Ler o texto completo; (2) Copiar o texto *por extenso*; (3) Gravar as palavras numa fita e tocá-la quase sem interrupção, na sala de estar, na cozinha, etc., até que as palavras tenham sido quase totalmente assimiladas; e finalmente (4) Escrever de novo o texto por completo, por extenso e de cor.

Mais uma precaução é importante: Pouco antes da hora de falar, reveja mais uma vez as anotações para refrescar a memória; confie em Deus e vá em frente!



O seguinte esboço abreviado reflete o modelo de anotações proposto — quanto à sublinha, ao uso de maiúsculas, à separação graduada ou recorte denteado, à numeração e enunciado dos pontos, ao paralelismo, e à brevidade. Omitem-se as ilustrações. Muitas palavras do esboço bem poderiam ser abreviadas, deste modo ajudando a memória por deixar mais lugar numa linha e mais espaço em branco na página.

ATOS 2

A IGREJA MAIS ATRAENTE DO MUNDO

Intr.:

1. A antiga "Primeira Igreja", nunca igualada em atratividade espiritual e em eficiência espiritual.
 - (1) Uma igreja feliz — "com alegria... louvando a Deus" (vv. 46,47).
 - (2) Uma igreja popular — "contando com a simpatia de todo o povo" (v. 47).
 - (3) Uma igreja frutífera — "acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia" (v. 47).

2. A antiga "Primeira Igreja" deve ter tido alguma coisa que nós não temos.
 - (1) Prosperar na antiga Jerusalém, não realização para igreja fraca.
 - (2) Elevar padrões baixos, deter a maré de desonestidade, corrupção, imoralidade hoje, tarefa formidável demais para igreja fraca.
 - (3) Para restabelecer poder do N.T., precisamos restabelecer padrão do N.T.

— Quatro elementos de força são revelados neste capítulo.

I. ERA UMA IGREJA UNIDA.

1. No Pentecoste — "todos reunidos no mesmo lugar" (v. 1).
 - (1) União, invariável esquema de poder — casa em prontidão para o Hóspede celeste.
 - (2) Falta de união, destruidora do culto, da evangelização — fios partidos, nenhuma luz.
2. Após o Pentecoste — "perseveravam ... na comunhão" (v. 42).

II. ERA UMA IGREJA INFORMADA — "todos nós somos testemunhas" (v. 32).

1. Conhecia o Evangelho — o maior corpo de verdades jamais reunidas num sermão (sermão de Pedro).
2. Compreendia a missão da igreja — Grande Comissão — evangelização e edificação.
3. Continuava aprendendo — "na doutrina dos apóstolos" (v. 42).
— cf.: "não quero que ignoreis", seis vezes no N.T.

III. ERA UMA IGREJA ESPIRITUAL.

1. Os 120 originais tinham ficado "cheios do Espírito Santo" (v. 4).
— Não como cálice, meio cheio, pateticamente tentando transbordar.
2. Os 3000 posteriores receberam o Espírito Santo (v. 38).
— Como 3000 relógios, de todos os tamanhos, movidos pela mesma corrente, mesmo tempo.
3. O grupo unido ministrava no poder do Espírito Santo.
— Nada tão atraente como real espiritualidade — nada de "pequena mas espiritual".

IV. ERA UMA IGREJA QUE TESTEMUNHAVA.

1. O modelo do Pentecoste: "Todos ... passaram a falar" (v. 4).
— Não necessário ser eloquente, mas, falar.
2. O imperativo divino: testemunho duplo — lábios e vida.
— "Exorta ... Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras..." (Tt 2:7,15).
3. A suprema dificuldade divina: falta de testemunhas consagradas.
— Esperança do mundo, não gigante ou gênio ocasional, mas multidão de pessoas comuns com mãos limpas, coração puro, testemunho expedito.

Concl.: A igreja ainda não perdeu a sua patente; Grande Comissão continua de pé; poder de Deus não diminuiu; restabeleça-se padrão do N.T., resta-belece-se poder do N.T.

14

O Caminho para o Vigor Permanente

Ser bom artífice não é necessariamente uma garantia contra a monotonia. É preciso algo mais. Como pertinentemente assinala Halford E. Luccock, “Temos obrigação moral de ser interessantes”.¹ Uma igreja letárgica não é uma igreja em marcha, e um membro de igreja bocejador não está em processo de dar ouvidos a um chamado para um terreno mais alto. William A. Quayle² declara que é pecado ser desinteressante na proclamação do Evangelho, e dedica um capítulo inteiro a uma discussão de “O Pecado de Ser Desinteressante”.

Para ser interessante, o orador precisa saber o que interessa aos seus ouvintes. “A diferença entre um bom palestrante e um enfadonho é que o enfadonho não descobriu a distinção entre o que lhe interessa e o que interessa aos seus ouvintes.”³

O pregador deve aprender o que de há muito aprenderam os agricultores, que “colheita rotativa é a regra da fertilidade”. Para o pregador isto significa constante mudança de materiais, métodos e ênfases. “Nem sempre deve esforçar-se para levar os ouvintes para além de si próprios, nem para arrebatá-los a êxtases; mas sempre deve satisfazê-los, e manter neles estima e avidez pela piedade prá-

-
1. *Communicating the Gospel* (Comunicando o Evangelho), p. 138.
 2. *The Pastor-Preacher* (O Pregador-Pastor), pp. 124-133.
 3. Whright, *A Preacher's Questionnaire* (Questionário do Pregador), p. 66.

tica.”⁴ Isto requer certas salvaguardas para o vigor homilético que a experiência desenvolveu:

1. Adapte a pregação aos tempos e ocasiões variáveis, e às variáveis necessidades, disposições de ânimo e circunstâncias da congregação. No domingo seguinte ao ataque a Pearl Harbor, alguém fez a observação, numa das nossas grandes cidades, de que a maioria dos temas dos sermões anunciados para aquele dia não dava idéia de que o pregador sequer ouvira falar de Pearl Harbor, ou de que estava ciente de que o nosso país (E.U.A.) mergulhara na guerra. Certamente Deus teria uma mensagem para fortalecer o Seu povo para os medonhos dias que se avizinhavam! O caráter oportuno da mensagem propicia o seu vigor. E isto não elimina a intemporalidade, se o pregador extrai o bastante das Escrituras para a sua mensagem.

2. Adapte a pregação, nas diferentes ocasiões, aos diversos grupos etários e aos vários níveis de interesse intelectual, social e econômico que há na igreja. Esta experiência alargará os horizontes do pregador e do seu público, e desenvolverá uma congregação simétrica. Jesus mostrou igual interesse pelo fariseu de alta posição, Nicodemos, e pela mulher samaritana decaída. Paulo ministrou igualmente a judeus e a gregos, ao rei Agripa e ao escravo Onésimo. “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Co 9:22).

3. Use uma variedade de abordagens dentre “Os Sete Apelos Básicos da Pregação Bíblica”, discutidos num capítulo ulterior.

4. Varie os tipos homiléticos do sermão, dentre o “Modelo Básico” (Expositivo, Textual, Tópico), o “Modelo da Solução de Problema” e o “Modelo Narrativo”, discutidos num capítulo anterior.

5. Varie o material bíblico e a ênfase bíblica, evitando a rotina e as idéias fixas. De certo pregador culto, mas monótono, disseram: “Se ele não te enterrar mortalmente com a raiz grega, mortalmente te prenderá com a raiz hebraica”. O pregador não deve temer certa medida de repetição; esta é necessária e desejável. Um só sermão sobre dado assunto pode não ser suficiente. Como o fez Pedro, o pregador deve estimular com lembranças as mentes puras (2 Pe 3:1);

4. John Claude, em *The Young Preacher's Manual* (Manual do Jovem Pregador), de Ebenezer Porter (Nova Iorque: Jonathan Leavitt, 1829), p. 140.

e deve manter certa pressão sobre os insubmissos até que sejam ganhos. Mas a repetição deve ser com variedade.

"Toda Escritura é inspirada por Deus e útil..." (2 Tm 3:16). Portanto, nenhuma parte dela deve ser negligenciada, quer por sua obscuridade, quer por ser muito conhecida. "Como uma linda paragem da natureza muito bem divulgada pela publicidade e mal explorada, o real esplendor de muitas passagens foi obscurecido pelo pesado tráfico a que foram sujeitas."⁵ Às vezes o tráfico é apenas sazonal, e o mesmo texto, quando tratado fora da estação, pode provar-se delectavelmente vívido. Ou, o contexto imediato de uma passagem reservada para certas épocas, pode conter sugestões ricas de possibilidades para renovado tratamento sermônico.

Para o perene vigor, o recurso principal é a Bíblia, mas o pregador deve captar-lhe a vida. Dificilmente menos importante que a dieta é o modo como é servida. Os nutricionistas hospitalares reconhecem a necessidade de que a bandeja de comida seja tão atraente e tentadora quanto possível para encorajar o apetite do paciente. Muitas vezes o apetite é estimulado só com a troca dos pratos em que a refeição é servida.

6. Aborde a tese ou proposição de vários ângulos. Austin Phelps sugere cinco possibilidades:⁶

- (1) O orador. "Quero partilhar convosco..."
- (2) O auditório. "As dificuldades que alguns de vós estão enfrentando..."
- (3) A ocasião. "A observância deste dia exige..."
- (4) O texto. "Esta passagem explica..."
- (5) O sermão. "Esta mensagem trata de..."

7. Varie o número de pontos principais e pontos secundários (divisões e subdivisões). Não use três divisões só porque é o número mais usado, e não evite o uso de três pontos só porque tem havido

5. Roach, *Preaching Values in the Bible* (Valores Bíblicos para a Pregação), p. 270.

6. *The Theory of Preaching* (A Teoria da Pregação), Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1911, pp. 362, 363.

abusos nesta prática. Se o número de divisões for sempre apropriado ao texto ou tese a ser desenvolvida, não haverá monotonia...

8. Dramatize incidentes da Escritura, especialmente os obscuros ou pouco conhecidos. Pode-se fazer isso sem tornar-se teatral ou sensacional, ou satisfazendo o gosto popular da multidão. Sobre Jesus está registrado que "a grande multidão o ouvia com prazer" (ou, na versão usada pelo Autor, "a gente comum o ouvia alegremente", Mc 12:37). As pessoas simplesmente ficavam fascinadas tanto pelo que Ele dizia como pela maneira vívida e pictórica como o dizia. "Sem parábolas nada lhes dizia" (Mt 13:34). Os ouvintes gostam do pitoresco.

Um excelente exemplo de visualização de cenas bíblicas acha-se na mensagem de Alexander Whyte sobre "O Homem que Bateu à Porta à Meia-noite".⁷ Noite escura... Luzes apagadas... todos na cama... uma batida à porta... um amigo pede três pães... ninguém atende... bate de novo... uma voz cansada se ouve de dentro... uma recusa... mais espera... bate outra vez... abre-se a porta... o amigo lhe dá tudo que necessita. "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Lc 11:5-10).

9. Extraia material para pregação de ampla gama de fontes: Escritura, história, literatura alheia à Escritura e à história, experiência, imaginação (objeto de discussão num capítulo anterior). "Nenhuma soma de arranjo inteligente pode encobrir a pobreza do conteúdo..."⁸

10. Cite ocasionalmente poemas ou hinos notáveis, especialmente estrofes pouco conhecidas de hinos conhecidos ou estrofes de hinos desconhecidos. Às vezes a verdade refulge com maior brilho quando vestida de versos, e grande parte da poesia mais inspiradora do mundo acha-se nos hinários.

11. Amplie o vocabulário, especialmente quanto a "palavras chaves" e "verbos transicionais". Os sinônimos e os quase sinônimos freqüentemente são bem-vindos como reparo das "palavras chaves" excessivamente usadas. Em vez de meios, use vias, métodos, processos, canais; ou substitua como por orientações, instruções, sugestões,

7. *Lord, Teach Us to Pray* (Senhor, Ensina-nos a Orar), Nova Iorque: George H. Doran Co., 10.^a edição, p. 169.

8. Bromiley, em *My Way of Preaching* (Meu Método de Pregar), editado por Robert J. Smithson, p. 14.

ou insinuações. E em vez de razões ou motivos, use encorajamentos, incentivos, estímulos, motivações, etc. O uso ocasional de uma paráfrase da sentença transicional pode acrescentar ajuda.

12. Evite a prática de indicar invariavelmente o número de pontos ou divisões que serão dados. Muitas vezes o elemento de antecipação pode ser mais bem sustentado pelo uso de termos como "diversos", "alguns", "certos", "vários" ou "os, as", do que pela indicação de um número exato. Pesa uma punição psicológica sobre a prática de proferir demasiado completamente na introdução o que vai ser apresentado no corpo do sermão.

Fundamental para o vigor sempre renovado no púlpito é a exigência de que o pregador seja ele mesmo, e não um imitador de outros. Deixados por sua própria conta, nem sequer dois pregadores desenvolverão o mesmo sermão sobre dado texto, porque não há dois pregadores que tenham as mesmas qualidades intelectuais ou o mesmo lastro de experiência individual.

15

Elementos Essenciais de um Eficiente Culto com Pregação

O efeito de um culto com pregação deve ser medido por seu resultado espiritual. Objetivo claro é uma qualificação primordial do apóstolo moderno, como o era dos apóstolos do Novo Testamento. João dá testemunho “para que, crendo, tenhais vida” (Jo 20:31); “para que não pequeis” (1 Jo 2:1); e “para que a nossa [ou “vossa”] alegria seja completa” (1 Jo 1:4). O interesse de Pedro em seu primeiro sermão era que se arrependessem e fossem batizados (At 2:38); e nas palavras finais da sua última epístola era que crescessem “na graça” (2 Pe 3:18). Paulo rogou: “que vos reconcilieis com Deus (2 Co 5:20); e “que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados” (Ef 4:1).

Como garantir o frutuoso resultado da pregação cristã? Quais são os fatores fundamentais?

Bom Auditório

Além dos melhores esforços do pregador, qualquer que seja o seu preparo ou a sua condição espiritual, o resultado dos seus labores dependerá grandemente dos seus ouvintes. Segue-se que todos os meios legítimos deverão ser empregados para assegurar boa assistência. Webb B. Garrison fala, com relação a isto, de uma pretensa receita de guisado de coelho num antigo manual de culinária irlandês. Cada passo é cuidadosamente explicado. O primeiro passo é: “Pegue o seu coelho”. “Os sistemas de discurso público possibilitam falar

a cada vez mais pessoas, se bem que, na maioria, os oradores estão falando a cada vez menos.”¹

A assistência, só, não basta. É preciso que haja ouvintes cooperativos. Se o auditório estiver favoravelmente disposto e der firme atenção, conseqüentemente o orador se sentirá inspirado. “Diga-se enfaticamente, pregar não é da responsabilidade exclusiva do pregador apenas. Para a prédica eficiente, o ouvinte contribui, se não tanto como o pregador, então certamente muito mais do que geralmente percebe.”² De acordo com Geoffrey W. Bromiley, “Os sermões falham mais vezes pelo mau ouvir do que pelo mau pregar”.³

Ainda mais decisivo que a atitude dos ouvintes para com o pregador, é o estado espiritual deles. Como assinala Earle V. Pierce, “O poder do pregador se multiplica ou se reduz, de acordo com a plenitude ou falta de plenitude do Espírito Santo da parte da igreja ... pelo menos metade do poder espiritual está nos ouvintes”.⁴ Num auditório comum há homens e mulheres de visão e entendimento espiritual, e outros que têm escassa porção tanto daquela como deste. Em qualquer situação, é preciso haver disposição para receber a verdade. “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá...” (Jo 7:17). Mas Deus não se revelará a olhares relutantes; Ele não falará a ouvidos relutantes; não visitará com Sua bênção corações relutantes.

Com todas as diversidades de um auditório comum, é preciso que o pregador obtenha atenção favorável e procure alcançar os corações de todos. Façam-se cultos atraentes, e removam-se todos os empecilhos, para garantir uma condição ambiente favorável para a mensagem.

Boa Condição Ambiente

1. *Um cuidadoso serviço de recepção* ajuda a conseguir-se bom começo para o culto. A boa recepção talvez nem se faça notar, mas

1. *The Preacher and His Audience* (O Pregador e Seu Auditório), pp. 17, 18.

2. Herbert H. Farmer, *The Servant of the Word* (O Servo da Palavra), Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1942, Prefácio.

3. *My Way of Preaching* (Meu Método de Pregar), editado por R. J. Smithson, p. 16.

4. *Ye Are My Witnesses* (Vós Sois Minhas Testemunhas), Filadélfia: Judson Press, 1945, p. 102.

uma recepção infeliz abrirá caminho aos gritos rumo à sensibilidade do visitante. A sua primeira e a sua última impressão do culto podem vir-lhe através do oficial recepcionista. Um bom serviço de recepção envolve muito mais do que conduzir o adorador a um banco onde assentar-se, e fazer a coleta logo depois. O oficial não deve apenas estender amistosas boas-vindas e certificar-se de que o adorador tem em mãos uma ordem do culto e um hinário; ele deve ficar alerta durante o culto todo, atento a toda e qualquer circunstância que ameace a comodidade física do adorador.

Um manual do oficial atendente para o pastor e para o principal encarregado desse serviço pode ser de imensa utilidade. Há bom número de excelentes manuais disponíveis a preços insignificantes.⁵ É bom que o diretor do serviço de recepção dirija o seu grupo na leitura e discussão do manual, e que um grupo de oficiais de reserva seja igualmente preparado. A prática de pedir a cada membro da igreja, do sexo masculino, que faça o seu turno no serviço de recepção é muito recomendável, desde que receba adequada instrução para a tarefa.

2. *Temperatura apropriada.* Um recinto quente demais ou mal ventilado produz sonolência e desconforto. E uma temperatura muito fria num só culto dominical pode fazer decrescer a frequência durante semanas, depois disso. O desconforto físico e a disposição para bem ouvir não andam juntos.

3. *Iluminação adequada.* Templos mal iluminados, obscuros, muitas vezes deprimem o espírito, e o pregador achará mais difícil manter desperto o seu auditório, do que num santuário bem iluminado. Quanto aos ocupantes dos bancos ou poltronas, eles esperam contar com luz suficiente para a leitura dos hinos e da ordem do culto, sem esforço.

4. *Acústica adequada.* A estimativa geral é que cerca de trinta e cinco por cento dos frequentadores de igreja têm audição deficiente nalgum grau. E os que têm audição normal, muitas vezes

5. Willis O. Garret, *Church Usher's Manual* (Manual do Oficial Atendente da Igreja), Filadélfia: Judson Press, 1924.

Principles of Church Ushering (Princípios da Recepção na Igreja), compilado pela Church Ushers Association of New York, 1951.

Paul H. D. Lang, *Church Ushering* (St. Louis, Missouri: Concordia Publishing House, 1946).

se vêm frustrados pela acústica má ou pelos defeitos do sistema de som do púlpito. Como é angustiante para o pregador, após ter feito o máximo no púlpito, ver que alguns dos presentes não o puderam ouvir! Aqui, de novo, oficiais atentos e bem treinados podem ajudar a salvar o serviço.

5. *Atmosfera favorável.* Reverência, distinção e atitude amiga no púlpito geralmente se refletem nos presentes. Os serviços de comunhão, por sua própria natureza, incentivam a reverência; igualmente o faz um ofício de batismo bem dirigido. Os pastores evangelistas têm observado que os cultos que se iniciam com a ordenança do batismo são os que têm maior probabilidade de encerrar-se com respostas visíveis ao convite evangelístico.

6. *Cânticos e música pertinentes,* com cada hino e cada interpretação musical contribuindo definidamente para o impacto espiritual do serviço. A música durante a oração tende a dispersar os pensamentos dos ouvintes. Ou a oração, ou a música, ou ambas ficarão muito prejudicadas para a congregação. A um belo número musical deve-se dar um lugar que lhe seja próprio, e igualmente à oração audível.

7. *Atenção aos pormenores:* (1) A Bíblia do púlpito aberta de antemão; (2) Os hinos indicados no respectivo quadro; (3) Cópia da ordem do culto dada ao organista com bastante antecedência; (4) Fones de ouvido e sistema de amplificação testados antes de cada serviço; (5) Relógio regulado e colocado bem à vista do pregador, mas por trás do auditório, donde não o distraia do culto; (6) Início pontual. Começar com cinco minutos de atraso significa cinco minutos de irritação no princípio; terminar com dez minutos de atraso significa dez minutos de irritação no fim. Juntos, somam cinquenta horas desperdiçadas, para um auditório de duzentas pessoas; e muito deste desperdício representará irritação total.

Bom Sermão

Absolutamente não há limite para o número de pessoas que podem ficar afastadas de uma pregação ruim. As exigências do púlpito requerem os esforços máximos do mais hábil pregador, com os preparativos mentais e espirituais mais abundantes. Quando um pregador vai para o púlpito com menos que o seu melhor, ele começa a arruinar-se. Isto talvez explique a perda de impacto que

ocasionalmente se vê no ministério de um homem que foi proeminente aos trinta anos e medíocre aos cinquenta. Mesmo quando o pregador tenha feito o máximo que pode no preparo mental e espiritual e ao pregar o seu sermão, pode fracassar, por fatores invisíveis e que escapam ao seu controle. Afortunadamente, tais experiências ocorrem raramente.

Num sábado frio, chuvoso e sombrio, certo pastor ficou trabalhando no seu sermão desde o jejum até ao meio-dia, com pouco que mostrar do trabalho da manhã. Impaciente, depôs a pena e ficou ali sentado, olhando desconsoladamente pela janela, aborrecido consigo mesmo por lhe ocorrerem tão vagarosamente os seus sermões. Então relampejou em sua mente um pensamento que haveria de ter profundo efeito em seu ministério posterior. "Os seus ouvintes gastarão mais tempo do que você com este sermão. Eles virão de uma centena de lares; somando tudo, viajarão mais de mil quilômetros para estarem no culto; passarão trezentas horas participando do culto e ouvindo o seu sermão. Não se queixe das horas que está gastando para prepará-lo; o seu rebanho merece tudo o que você puder dar-lhe!"

Boa Comunicação

Certamente que a dignidade e a vivacidade são básicas; uma sem a outra seria fútil. Além disso, o orador deve projetar a sua voz com suficiente volume para ser ouvida pela pessoa mais distante no seu auditório, e com enunciação de tal modo clara que possa ser imediatamente entendida. Tom e cadência convenientes são igualmente importantes para uma comunicação agradável. Um auditório que ouve mais rápido do que o pregador fala, fica entediado. E um auditório distraído pelos maneirismos ou defeitos de linguagem, vestuário ou decoro, ficará parcialmente arruinado para o ofício divino. Uma boa comunicação pode tornar razoavelmente eficiente um mau sermão; uma comunicação ruim pode tornar ineficiente o melhor dos sermões.

16

Os Apelos Básicos da Pregação Bíblica

Em todo apelo legítimo do púlpito, o pregador está se dirigindo à consciência do ouvinte. A consciência é a percepção da voz de Deus falando por meio do Espírito Santo à alma — instruindo, animando, aprovando; ou corrigindo, advertindo, repreendendo. Pregar sem confiar na cooperação do Espírito Santo mediante a voz da consciência, seria pura presunção. Mas, enquanto que todo apelo bíblico é, em última instância, um apelo dirigido à consciência, há muitas *vias* para o coração. É possível enumerar uma longa lista de apelos; mas, eliminando-se quanto possível a sobreposição, parece que há cerca de sete apelos básicos pelos quais o pregador pode abordar o seu auditório.

Um pregador com somente um apelo é como um instrumento musical com uma só toada. Por mais agradável que esta seja, quando perde a sua novidade, perde o seu encanto. Às vezes o pregador não percebe quão monótono se tornou em seu apelo evangelístico, e quão vulgar e surrado no seu vocabulário de púlpito. Tem-se dito que cada geração precisa de uma nova cunhagem da terminologia teológica. Os velhos termos, pelo uso prolongado, parecem deslizar pela mente sem se fixar, como uma velha e gasta moedinha, tão lisa e fina que escorrega quase imperceptivelmente por entre os dedos. O renovado vigor do apelo, de parilha com uma base bíblica ampla, cada vez mais ampla, da pregação, ocasiona pastorados longos e propicia crescimento constante do rol de membros — homens e mulheres, crianças e adultos, ricos e pobres, de alta posição e de condição humilde.

A apresentação da verdade teológica deve ser suficientemente compreensiva para iluminar a mente, estimular as emoções, mover

a vontade, ganhar o homem integral — “coração, alma, entendimento e força” (Mc 12:30). Para cada homem e cada temperamento há uma abordagem eficaz e uma ineficaz. E para toda abordagem há graus de atratividade e de força persuasiva. Um professor de uma escola de medicina estava incentivando os seus alunos, talvez espiritualmente, com esta convicção: “Oitenta por cento dos seus pacientes ficarão bem — com a sua ajuda, sem a sua ajuda, apesar da sua ajuda”. Mas o ministro não conta com esse tipo de consolo. Ele sabe que, se os seus ouvintes não receberem a receita certa e não forem persuadidos a aceitar o remédio, um rotundo cem por cento estará perdido. Nem um só dos sete apelos básicos pode ser negligenciado sem risco.

1. *O apelo para o altruísmo*, benévola consideração pelos interesses dos outros.

Quando Moisés estava apelando a Hobabe para guiar o povo de Israel através do deserto, rumo à Terra Prometida, disse-lhe: “Vem conosco, e te faremos bem”. Hobabe não acedeu. Mas quando Moisés rogou a Hobabe que fosse pelo bem que ele poderia *fazer*, em vez de pelo bem que ele *receberia*, Hobabe respondeu afirmativamente (Nm 10:29-33). O apelo para o altruísmo atinge muitos que não atenderiam a nenhum apelo baseado no interesse próprio. O segundo mandamento, que fala de visitar Deus “a iniquidade dos pais nos filhos”, presta-se para este apelo (Dt 5:9). E muitos têm ficado comovidos com as palavras de Jesus: “há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lc 15:7,10).

2. *O apelo para a aspiração*, para a fome espiritual de felicidade espiritual — para o senso de perfeição.

Os mais nobres da humanidade refletem esta sede de santidade, e a mais abjeta alma que respira tem momentos santos, quando o melhor de si busca expressar-se. Este anelo teve expressão no ladrão na cruz: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino” (Lc 23:42). O rico e jovem governante falou de uma aspiração semelhante: “que me falta ainda?” (Mt 19:20).

Noutros casos, o anseio é por qualidades e satisfações espirituais que se perderam. Pela lembrança de melhores dias, muitos corações podem ser alcançados pela mensagem de esperança, perdão e restauração. “Às margens dos rios de Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião” (Sl 137:1). Quando Ezequiel se assentou “no meio deles” (Ez 3:15), sem dúvida encontrou muitos corações receptivos à graça de Deus. Para a apóstata

igreja de Éfeso, com suas ricas tradições de poder espiritual, a coisa mais natural era que o apelo fosse como foi: "Lembra-te... de onde caíste..." (Ap 2:5).

No ministério extraordinariamente frutífero de George W. Truett, o apelo para a aspiração e para o altruísmo desenhavam-se grandiosos.

3. *O apelo para a curiosidade*, suscetibilidade para o que parece novo, desconhecido, misterioso.

Este apelo poderia ser considerado como um apelo para a imaginação, em que promete trazer à vista a realidade. Por sua insinuação mantém o elemento de ansiosa expectativa e antecipação, do qual o interesse do ouvinte depende em tão grande medida. Jesus fez eficiente uso deste apelo. A Natanael, que nunca se encontrara com Ele, disse Jesus: "Eu te vi, quando estavas debaixo da figueira" (Jo 1:48). A mulher samaritana, Ele disse: "Se conheceras..." (Jo 4:10). A Zaqueu, que nunca tinha visto a Jesus, Ele disse: "... me convém ficar hoje em tua casa" (Lc 19:5).

Os seguintes temas de sermão fazem legítimo uso deste apelo: "A Curiosidade dos Anjos" (1 Pe 1:12); "Pescando do Lado Errado do Barco" (Jo 21:6); "Orando do Lado Errado da Baía" (evidentemente baseado nalgum incidente extrabíblico). O apelo para a curiosidade está peculiarmente sujeito a abuso, em termos de irreverência, e até de desonestidade, caso em que a veracidade sofre às mãos da habilidade.

4. *O apelo para o dever*, o imperativo divino a que se faça algo porque é certo, ou que se deixe de fazer algo porque é errado.

Com relação à maioria das pessoas, este é provavelmente o apelo menos popular de todos. Não obstante, é uma abordagem bíblica familiar: "Devíeis... fazer estas cousas" (Mt 23:23); "Importa obedecer a Deus" (At 5:29); "É mister socorrer aos necessitados" (At 20:35); "Seis dias há em que se deve trabalhar" (Lc 13:14). Para algumas pessoas que farão qualquer coisa que acham que *devem* fazer, este pode ser o mais poderoso de todos os apelos.

5. *O apelo para o temor*. Este apelo bíblico tem sido muito negligenciado, para grande prejuízo da igreja e daqueles que a igreja, por esta omissão, deixou de ganhar. Castigo não é tema popular para pregadores e congregações, em parte porque sobre isso têm sido pregadas algumas coisas falsas, estranhas ao espírito do

Novo Testamento, e que desonram a Deus. Deus não é vingativo ou vindicativo. A ira de Deus, sinônimo de juízo de Deus, não é como “a ira dos homens”, que “não executa a justiça de Deus”. Mas, como as leis punitivas do nosso país no melhor dos casos, a punição imposta por Deus é terapêutica, dissuasiva e protetora da sociedade.

Deus utiliza este apelo quando apelos menores falharam. Saulo de Tarso, quando Deus lidou com ele, caiu por terra, trêmulo e cheio de espanto (At 9:4,6). O carcereiro de Filipos “entrou... trêmulo” (At 16:29). Jesus empregou este apelo no Sermão do Monte — “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o” (Mt 5:29); na parábola do rico insensato (Lc 12:16-21); e em Sua referência à família com um dos seus membros no inferno (Lc 16:19-31). Os profetas usaram este apelo. Natã, confrontando-se com o rei Davi, induziu-o ao remorso e ao arrependimento — “Tu és o homem” (2 Sm 12:7). Jonas agitou Nínive — “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (Jn 3:4). Nos tempos apostólicos, “sobreveio grande temor a toda a igreja” (At 5:11); e quando Paulo pregou “acerca do juízo vindouro, ficou Félix amedrontado” (At 24:25).

O medo do castigo não é o incentivo mais elevado para a conduta reta, mas muitas vezes obtém sucesso onde outros apelos falharam. “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23). O temor de serem apanhadas mantém honestas muitas pessoas, e impede que muitos pratiquem crimes. O temor determina despesas fantásticas com armamentos, e motiva bastante a conduta individual. Uma espantosa porcentagem de cristãos converteu-se a Cristo pelo temor, juntamente com jeitosa e amorosa orientação rumo ao caminho da salvação.

6. *O apelo para o amor.* Todo apelo que se pode conceber é para um destes três amores: a si próprio, ao próximo, ou a Deus. Todos os três estão refletidos no “grande e primeiro mandamento” e no “segundo, semelhante a este” (Mt 22:37-40). “Amarás o Senhor teu Deus ... o teu próximo ... a ti mesmo” (Lc 10:27). A motivação calculada em qualquer apelo é a esperança de propiciar o temor de aborrecer ou ofender a si mesmo ou a Deus ou a outros. A suprema motivação é o amor a Cristo. “O amor de Cristo nos constrange” (2 Co 5:14). “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4:19). Conhecer a Cristo é amá-lo, e pregar “a Cristo” (2 Co 4:5) continua sendo a suprema função e prerrogativa do homem no púlpito.

7. O apelo para a razão. O profeta Samuel arrazoou com o seu povo (1 Sm 12:7). O profeta Isaías fez apelo similar: "Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor" (Is 1:18). E no versículo central do Novo Testamento está registrado que o apóstolo "arrazoava" com os judeus e outros diariamente na sinagoga e no mercado (At 17:17, A.R.V.). Jonathan Edwards e Charles G. Finney tinham notável sucesso com o apelo à razão, que simplesmente é um apelo para o inteligente interesse próprio. Para muitas pessoas pensantes é o mais poderoso de todos os apelos.

Sejam quais forem as inclinações ou aptidões especiais do pregador, ele fortalecerá o seu ministério, ampliará a sua produtividade e impulsionará o seu próprio desenvolvimento mental e espiritual, mantendo uma variedade de apelos, com as muitas diversidades do seu povo constantemente em vista.

17

O Vocabulário do Ministro

Uma das mais manifestas evidências de cultura ou de falta de cultura está no uso que a pessoa faz das palavras. Um dos mais seguros meios de determinar a idade mental ou a inteligência geral é o teste de vocabulário. Ser pobre nas palavras em geral é ser pobre na mente. Os processos do pensamento são grandemente delimitados pelos limites do vocabulário que se tem. E para aumentar o alcance do pensamento, é necessário aumentar o vocabulário por meio do qual o pensamento da pessoa é articulado. "Testes de mais de 350.000 pessoas de todas as esferas da vida mostram que, mais freqüentemente do que qualquer característica mensurável, o conhecimento dos significados exatos de grande número de palavras acompanha notável sucesso."¹

Um vocabulário rico constitui poderosa vantagem no púlpito, capacitando o pregador a projetar uma idéia, da sua mente para a de outros, sem perda ou obscurecimento. No desenvolvimento de tal vocabulário, três objetivos devem ser mantidos constantemente em mente.

1. *Precisão.* Uma boa regra prática para o ministro é manter três livros invariavelmente junto da sua escrivaninha, onde os possa alcançar sem esforço e sem sair da sua cadeira: A Bíblia, a Concor-dância /ou Chave Bíblica/ e o Dicionário do vernáculo. Ele não

1. Blake Clark, "Words Can Work wonders for You" (As Palavras Podem Fazer Maravilhas por Você), *Reader's Digest* (maio de 1961), p. 73.

pode permitir-se passar por alto uma palavra desconhecida sem examiná-la. Como se soletra? Como se pronuncia? Que significa? Assim se desenvolve um vocabulário, e certa sensibilidade para com o sentido das palavras e suas várias nuances de significado. O pensamento esmerado e o esmerado linguajar andam juntos. E, à medida que o pregador paciente se disciplina para a precisão no modo de expressar-se, também consegue renovado vigor, pelo uso de um vocabulário que cresce constantemente.

A precisão contribui para que haja força. Como pertinentemente declarou Mark Twain, "A diferença entre a palavra certa e a palavra quase certa é a diferença entre um relâmpago e um vagalume".² E mais força se obtém ainda com o emprego de termos específicos, em vez de termos gerais. Muitos têm pago tributo ao "poder do específico".³ Assim, uma referência a uma tempestade pode ser menos eficiente do que falar dela como um vendaval, um temporal, uma chuva de pedra, uma nevasca ou uma tempestade de areia. Igualmente, pode haver maior força nos termos, fraude, mentira, roubo, do que no termo geral, desonestidade.

Para a precisão na comunicação do sentido de uma passagem da Escritura, às vezes é necessário consultar a língua original. Uma leitura errônea que se faz comumente [nos países de língua inglesa], nos serviços de comunhão, ocorre pela má colocação da ênfase na passagem, "Bebei dele todos", que, em inglês, pode ler-se "Bebei todos vós dele" ou "Bebei-o todo". A versão grega, pelas terminações ou declinações, imediatamente elimina toda a dúvida, e diz: "Bebei dele todos" (Mt 26:27).

2. *Clareza.* Empregue sempre a palavra mais curta, mais simples e mais conhecida que se enquadre exatamente. Isto não limita o pregador a um vocabulário escasso. Ao contrário, se houver riqueza e amplitude de pensamento, é essencial ter-se um grande vocabulário, se se há de expressar cada pensamento com palavras que se lhe *enquadrem exatamente*.

Ilion T. Jones cita uma expressão válida de Fritz Kunkel, que caracterizou as palavras como "dispositivos para ignição".⁴ Ele assi-

2. Gilman, Aly, e Reid, *Speech Preparation (Preparação do Discurso)*, p. 113.

3. Luccock, *In the Minister's Workshop (Na Oficina do Ministro)*, p. 189.

4. *Principles and Practices of Preaching (Princípios e Prática da Pregação)*, pp. 14, 36.

nala que não basta que o Evangelho seja *proclamado*; é preciso que seja *comunicado*. Para este fim, as palavras empregadas devem ser compreensíveis para os ouvintes; caso contrário, a "ignição" falha. Isto não elimina o dever que o pregador tem de alargar os horizontes mentais do seu povo e, com pensamento disciplinado, expandir-lhe o vocabulário; mas salienta uma das condições da pregação eficiente.

As pessoas gostam que lhes falem em linguagem que possam entender. Quando Marcos diz: "E a grande multidão o ouvia com prazer" (ou, na versão usada pelo Autor, "as pessoas comuns..."), uma razão era a simplicidade com que Jesus expressava as verdades que ensinava. No Sermão do Monte, aproximadamente quatro quintos das palavras são de uma sílaba.

3. *Distinção*. Que o pregador retire do vocabulário simples do vernáculo básico, quanto for preciso; mas que não desça às cruezas do linguajar de cordel ou da gíria. A linguagem pura e digna, por simples que seja o vocabulário, atingirá as pessoas dos "dois lados da pista". Quando o apóstolo Paulo falou de fazer-se "tudo para por todos os modos, salvar alguns" (1 Co 9:22), ele não estava sugerindo o abandono do bom gosto ou da gramática.

Ao ministrar a crianças ou a pessoas de escasso conhecimento da língua, como as que os missionários encontram, deve-se recorrer a um vocabulário mínimo.^{5, 6} O uso de *A Bíblia Viva* será de excelente ajuda.

Se a linguagem do pregador for pedante, ou cheia de floreios, ou sem gramática, é provável que distraia a atenção do ouvinte, desviando-o da mensagem para o mensageiro. Neste caso, o mensageiro poderá tornar-se um estorvo para a sua mensagem e para a livre operação do Espírito Santo. A mesma coisa se pode dizer se o pregador violar as regras da retórica quanto à abundância, expressões vulgares, desagradáveis combinações de sibilantes ou outras combinações vocabulares desagradáveis ao ouvido. Como a limpeza e a simplicidade no vestuário e no comportamento, a linguagem do pre-

5. Lincoln Barnett, "Basic English: A Globalanguage" (Inglês Básico: Linguagem Global), *Life*, (18 de outubro de 1943), p. 57.

6. *The New Testament in Basic English*, que só utiliza 1.000 palavras e tem propiciado notável sucesso na comunicação do Evangelho. Preparado sob a direção de S. H. Hook (Nova Iorque: E. P. Dutton & Co., Inc., 1941).

gador deve prestar-se para o desimpedido fluxo da idéia, do coração do pregador para o coração do ouvinte.

"Seja tal o seu estilo que os ouvintes atendam somente ao pensamento, sem considerar que você tem algum estilo."⁷

7. Griffin, *On the Art of Preaching* (Da Arte de Pregar).

18

Sistemático Arquivamento do Material

Um adequado sistema de fichamento pode fazer a diferença entre um ministério de púlpito pobre e um abundante. Mas é preciso que o sistema seja tão simples que assegure a permanente perseverança no seu uso. A experiência infeliz de muitos ministros tem sido a de estabelecer um sistema, atolar-se no seu uso, para depois abandoná-lo e ficar sem nenhum sistema. Desanimado com a complicação dos sistemas propostos, muitas vezes os jovens ministros se deixam levar pela atração dos seus primeiros anos sem sistema nenhum. E quando se desenvolve um sistema simples, eficiente e adequado, o lamento comum é: "Se tão-somente o tivesse começado há anos!"

A hora de começar é quando o aspirante ao ministério começa o seu preparo no colégio e no seminário. O sistema aqui recomendado, que leva em conta a experiência e o conselho de muitos ministros e excelentes escritores que tratam do assunto, pode começar com relativamente poucos fichários, e desenvolver-se com o passar dos anos rumo a qualquer grau de aprimoramento almejado. Não há necessidade de desperdiçar nem de desfazer nada.

Uma excelente discussão sobre fichamento e classificação, de materiais limitados e ilimitados, é a de L. R. Elliott, em *The Efficiency Filing System*¹ (Eficiência no Sistema do Fichamento). Este sis-

1. (Nashville: Broadman Press), 1959.

tema é apresentado com pormenores suficientes para uma grande biblioteca, e pode precisar de alguma adaptação e simplificação para o principiante. O Dr. Elliott sugere fichários de tamanho padronizado, com sulcos no fundo para permitir expansão. Cada memorando ou recorte, ao ser inserido, deve ser identificado quanto ao assunto e à fonte. Pequenos fragmentos devem ser montados em folhas de 22 x 27 cm, com cola ou fita adesiva.

Outro plano excelente, de há muito em uso por ministros, é o de Andrew W. Blackwood, em *Planning A Year's Pulpit Work*² (Planejando o Trabalho de Púlpito de um Ano). Ele propõe o uso de fichários de tamanho padronizado, e um armário-fichário que dê para as quatro classes: Bíblias, Assuntos, Cartas, Sermões. Em acréscimo, ele sugere um fichário de fichas de classificação, com cartões 10 x 15 cm, para classificação dos materiais contidos nos livros.

Uma síntese das idéias mais úteis, colhidas de muitas fontes, poderia tomar a seguinte forma, delineada com vistas à simplicidade e exeqüibilidade para o ministro comum:

1. Instale um arquivo de fichários ou pastas de tamanho padronizado (24 x 30 cm) para levar memorandos até folhas tamanho carta (22 x 27 cm). Providencie pastas ou fichários alfabéticos para arquivar cartas. Para o restante do arquivo, pastas ou fichários com abas de "terceiro corte" (de 1/3 da largura da pasta ou fichário) geralmente são os mais práticos. Escolha fichários com abas reforçadas e com sulcos no fundo para permitir ampliação à medida que o fichário for ficando cheio.

2. Providencie classes separadas (gavetas separadas ou seções separadas na mesma gaveta) para as seguintes classificações de materiais:

(1) *Datas*. Esta classificação dificilmente incluiria mais que uma dúzia de seções ou pastas de fichário, para materiais de interesse para dadas épocas do ano, interesse relacionado com dias especiais, como os seguintes:

Ano Novo	Dia das Missões
Domingo de Ramos	Dia da Criança
Semana da Paixão	Dia de Ação de Graças
Dia do Trabalho	Natal
Dia das Mães	

2. (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press), 1942, pp. 225-231.

(2) *Assuntos*. Com o correr do tempo, haverá várias dezenas de fichários separados para assuntos que variarão de acordo com os interesses especiais do pregador individual, tais como:

Amizade	Hinologia
Amor	História
Batismo	Igreja
Bíblia	Imortalidade
Caráter	Inferno
Ceia do Senhor	Influência
Céu	Juízo
Ciência	Justiça
Civismo	Lar
Comunhão	Ministério
Consciência	Missões
Consagração	Mocidade
Consolo	Mordomia
Crime	Mundanismo
Cristo	Mundo espiritual
Denominações	Obras
Dia do Senhor	Pecado
Disciplina	Perdão
Escola Dominical	Personalidades bíblicas
Espírito Santo	Personalidades históricas
Evangelização	Profecia
Fé	Retidão
Felicidade	Salvação
Funerais	Segurança
Graças cristãs	Temperança
Guerra	Trabalho
Humildade	Verdade
Humor	

Haverá inevitavelmente alguma sobreposição. Portanto, deve-se manter os assuntos mais em termos gerais; caso contrário, poderia ser difícil achá-los quando necessários. Alguns definem o arquivamento

como "sistemático sepultamento do material fora de toda a possibilidade de recuperação".

(3) *Bíblia*. Afinal, conforme se acumulam os materiais, esta seção chegará a ter 66 fichários, um para cada livro da Bíblia, e, para certos livros, provavelmente mais de um fichário.

(4) *Sermões Pregados*. Ao arquivar estes esboços, tenha o cuidado de anotar no verso de cada um a data e o lugar onde o sermão foi pregado.

Arquive os sermões cronologicamente, com o sermão mais recente na parte da frente do fichário. Com o tempo haverá, afinal, um fichário para cada ano do calendário. Se um sermão foi pregado repetidamente, arquive-o de acordo com a data da sua utilização mais recente. Pode-se levantar a questão: Por que não arquivá-lo por ordem alfabética, de acordo com o título? Porque o pregador pode mudar o título quando usar o sermão outra vez. Por que não arquivá-lo por assunto? Porque há muitos sermões que poderiam ser arquivados sob qualquer dos vários assuntos, tais como salvação, graça, arrependimento, fé, perdão, reconciliação, etc. Por que não arquivá-lo pelo texto? Porque podem estar proeminentemente envolvidas várias passagens; e passagens cognatas ou paralelas podem aparecer em cada um dos quatro evangelhos, ou em cada um dos livros históricos de Samuel, Reis e Crônicas. Além disso, muitas passagens são citadas pelos escritores mais recentes das Escrituras.

Mantenha um registro cronológico de cada sermão pregado, num livro bastante largo para que uma linha (traçada através das duas páginas opostas) possa conter os dados completos: (1) Data, (2) Título do sermão, (3) Passagem bíblica, (5) Assistência, e (6) Comentários sobre o culto. Para rápida consulta, o valor deste registro simples, conciso e dinâmico dificilmente pode ser apreciado exageradamente. Uma caderneta — como de registro de matrícula de alunos — de 20 x 25 cm, de 70 a 100 páginas quadriculadas, servirá admiravelmente; e, com cerca de 25 linhas por página, uma caderneta conterá o registro de anos de pregação.

3. Arquive imediatamente, no fichário apropriado, qualquer material útil que lhe venha às mãos, seja que o artigo em particular cubra uma página inteira, de 22 x 27 cm, seja um diminuto memorando de qualquer tamanho ou forma, seja ainda um recorte de revista ou jornal, tendo o cuidado de identificar na margem do artigo o assunto e a origem, incluindo autor, publicação, página. Se o memorando contiver uma idéia ou citação ou apenas uma referência a

um livro ou outra publicação, coloque-o no mesmo fichário dos outros memorandos sob aquele assunto ou texto ou classificação por épocas ou datas especiais. Se não se mantiver um arquivo de consultas de livros e revistas, junte à parte de trás de cada fichário uma folha inteira para registrar estas consultas ou referências a materiais relacionados. Se houver uma multiplicação de pedaços pequenos, estes podem ser montados em folhas inteiras de papel, com cola ou fita adesiva. Não permita que se perca nenhuma boa idéia por falta de papel próprio para anotações. Onde quer que a idéia estale, registre-a em qualquer tipo de papel disponível; aproveite esse memorando; e archive-o!

Conforme se acumula o material sob determinada classificação, tratamentos sermônicos se sugerirão espontaneamente; e com acréscimos posteriores ao arquivo, estas idéias amadurecerão gradativamente, chegando ao pleno desenvolvimento sermônico.

Não deixe que nada atrase o início do referido arquivo, com pelo menos 100 fichários de tipo comum, relativamente barato. Quando o estudante não tem um armário de arquivo imediatamente disponível, será melhor temporizar, limitando-se ao uso de uma caixa de papelão (com 30 cm de largura e a fundura adequada), do que protelar o início de um processo de arquivamento sistemático.

4. Quando é retirado material do fichário e é incorporado ao sermão, os memorandos são postos fora. O material não utilizado é devolvido ao fichário, juntamente com quaisquer idéias novas que tenham surgido, incluindo-se possíveis títulos para futuros sermões sobre o mesmo assunto, ou sobre a mesma passagem da Escritura. Naturalmente os arquivos devem manter-se livres de materiais que se tenham tornado inúteis.

5. Só acrescente novos fichários quando lhe venha às mãos material adicional que os torne necessários.

6. Ademais do arquivo, pode haver necessidade de um armário com gavetas para folhetos e opúsculos, ou para outros materiais que se tenham tornado demasiado volumoso para os fichários comuns, ou para os sermões em processo de preparação.

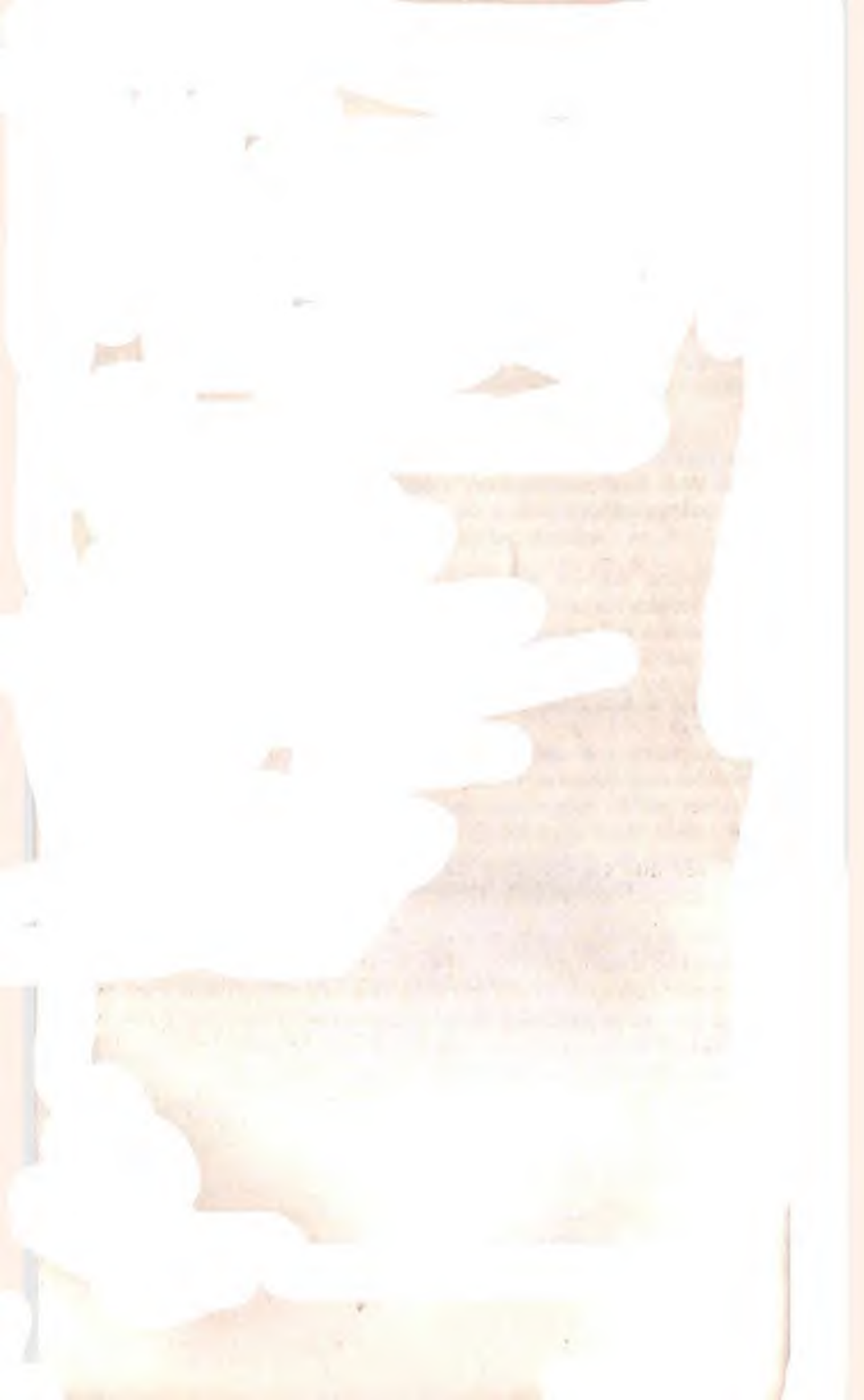
*
* *

“Vós com alegria tirareis águas das fontes da salvação” (Is 12:3). Esta é a experiência normal do fiel ministro de Jesus Cristo. E entre

as facilidades para o adequado exercício do ministério, não há nenhuma outra que lhe dê satisfação mais intensa do que um arquivo em boa ordem, no qual a respiga entesourada, da sua experiência e leitura, está pronta para uso imediato. O que o ministro geralmente não compreende é que o arquivamento pode ser tão simples — como vem indicado neste capítulo — que ele não corre o perigo de ficar atolado nessa operação. Então, que alegria, quando chega a hora de um sermão sobre uma *ocasião* ou *data particular*, ou de um *assunto particular*, ou de uma *passagem bíblica particular*, encontrar no fichário próprio os valiosos materiais que vêm sendo colecionados!

APENDICE

Um Sermão Expositivo



A Família de Cristo

Texto bíblico — 1 Jo 3:1-3

1. Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo.

2. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é.

3. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro.



“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus!”

Com esta exclamação, o apóstolo expressa um misto de espanto, humildade e exaltação. No capítulo anterior ele vinha advertindo solenemente contra as fraquezas e erros a que estão sujeitos os santos de Deus. E agora exclama: como é maravilhoso que nós, com todas as nossas deficiências e imperfeições espirituais, com todos os nossos defeitos e incoerências, devêramos ser privilegiados e honrados por Deus, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus! Olhemo-nos a nós mesmos! Na melhor das hipóteses, que bando somos, de sujeitos prevaricadores, faltosos e propensos a tropeçar! E contudo, somos “filhos de Deus”, nascidos para um alto destino.

Em seu olhar para cima, esta passagem tem muito em comum com o hino de comunhão que gostamos de entoar em toda celebração da Ceia do Senhor:

Benditos laços são
os do fraterno amor,
que assim em santa comunhão
nos unem no Senhor.

O laço que nos une em santa fraternidade uns aos outros e a Cristo, o primogênito entre muitos irmãos (Rm 8:29), e o laço que nos une em santa filiação ao Pai, são um e o mesmo laço.

A experiência pela qual nos tornamos filhos de Deus, e a experiência pela qual nos tornamos irmãos uns dos outros, são uma e a mesma experiência. O Senhor Jesus lhe chama novo nascimento. Quando nascemos de novo, quando nascemos do Espírito, na família de Cristo e na casa de Deus, tornamo-nos não somente filhos de Deus; mas, como prova disso, tornamo-nos irmãos uns dos outros. Segue-se que a fraternidade dos homens, em medida nunca atingida neste mundo, tem que ser alcançada mediante a Paternidade de Deus. Naturalmente é certo que, em termos da criação, todos os filhos dos homens são filhos de Deus. "De um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra..." (At 17:26). Mas no sentido predominante no Novo Testamento, nem todos os filhos dos homens são filhos de Deus, de maneira nenhuma. Somente "a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de *serem feitos* filhos de Deus..." (Jo 1:12). E, como filhos de Deus, tornamo-nos "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm 8:17).

A singular herança da família de Cristo inclui privilégios, graças e certezas que estão refletidos em muitas passagens da Escritura; mas provavelmente não há nenhuma passagem que descreva com maior beleza os valores que compõem a herança da família, do que a passagem aqui assinalada para nossa atenção.

1. O Nome da Família — os "filhos de Deus" (v. 1.^a).

1. Os filhos de Deus distinguem-se nitidamente, segundo as Escrituras, do restante da humanidade.

A um grupo heterogêneo de crentes que incluía os extremos opostos da sociedade humana, Jesus declarou: "... vós todos sois irmãos ... só um é vosso Pai, aquele que está no céu... um só é vosso Guia, o Cristo" (Mt 23:8-10). Certamente o Senhor Jesus, nos dias da Sua carne, nunca realizou um milagre maior do que quando juntou numa irmandade santa e harmoniosa aqueles rudes e variados indivíduos que formavam aquele primitivo grupo de discípulos. De todas as criaturas que andavam ou se arrastavam na terra,

provavelmente nenhuma era mais profundamente desprezada ou mais amargamente odiada pelo judeu comum do que o publicano. Com muita frequência ele próprio era judeu, geralmente não muito escrupuloso, um mercenário de Roma, e sua função era recolher impostos que os judeus nunca achavam que tinham o dever de pagar. E dos que odiavam o publicano, provavelmente não havia ninguém que o odiasse com maior fúria e rancor do que o zelote. Este era um agitador fanático que nunca parava de clamar por libertação do odioso jugo romano. Todavia, a quem encontramos naquele grêmio de discípulos? — Mateus, o publicano, e Simão, o zelote!

Aos incrédulos Jesus negava a Paternidade de Deus. “Não sois de Deus... se Deus fosse de fato vosso pai, certamente me havíeis de amar... vós sois do diabo, que é vosso pai (Jo 8:47,42,44). A distinção entre “filhos de Deus” e “filhos do diabo” aflora noutras passagens do Novo Testamento (1 Jo 3:10; At 13:10). Assim, a paternidade do diabo não é menos doutrina bíblica do que a Paternidade de Deus.

Os irmãos de Jesus por parte de mãe, que vieram a ser crentes e testemunhas tão firmes depois da ressurreição, foram excluídos, na época da sua incredulidade, de todo e qualquer relacionamento de verdadeira irmandade com Jesus. “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te”, alguém Lhe dissera. A isto respondeu Jesus: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” E Ele estendeu a mão para os discípulos, e disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12:47-50). Noutra conexão Jesus tinha dito: “O que é nascido da carne, é carne: e o que é nascido do Espírito, é espírito” (Jo 3:6). E infinitamente mais importante que os laços da carne, que o túmulo dissolve, são os laços do Espírito, que unem para todo o sempre a família de Cristo.

O pária sem linhagem nem casta, se tiver nascido de novo, é saudado pelo Senhor Jesus como um dos filhos de Deus, um irmão bem-amado. Ao mesmo tempo, o fariseu de alta classe e linhagem, em sua incredulidade, com todas as suas excelências morais, é repudiado como nenhum dos Seus. A família de Deus é para os filhos de Deus, e ao céu se chega, não por mérito, mas com base num relacionamento.

2. Os “Filhos de Deus” têm um outro nome de família, não menos apreciável que a designação “Filhos de Deus”. “Em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos” (At 11:26).

Antioquia ficava na Síria; e o nome "Christian" (= Cristão) é típico de muitos nomes sírios, sendo composto de duas partes — "Christ", o chefe da família, mais a característica terminação síria "ian", que significa "da família de". Originariamente, o termo "cristão" parece ter sido apenas um termo de conveniência para identificar os seguidores de Cristo, como o termo "herodianos" identificava os defensores da dinastia de Herodes. Mas os cristãos sírios deram ao termo "cristão" ("Christian") uma versão mais íntima: "da família de Cristo". O termo significa imensuravelmente mais, para nós, quando nos damos conta de que, toda vez que nos chamamos "cristãos" a nós mesmos, estamos declarando: "Eu sou da família de Cristo".

II. A Vida da Família — "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (v. 3).

1. O apóstolo João acentua sabiamente os efeitos terrenos da nossa esperança celestial, o suporte prático das nossas relações espirituais, a prova visível daquela realidade invisível da qual damos testemunho toda vez que declaramos: "Sou cristão".

Primeiro, ele nos eleva ao resplendor das altitudes celestes, lembrando-nos que somos filhos de Deus, nascidos para um alto destino (v. 2); depois nos traz de volta à terra, à semelhança do antigo profeta Isaías — "Os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam" (Is 40:31). A prova da genuinidade do nosso relacionamento com Deus não está apenas naqueles momentos de "glória-aleluia", que constituem tão preciosa experiência e tão querida lembrança para o crente. Uma prova mais convincente do influxo da graça e poder talvez esteja na capacidade de perseverar na vida piedosa e no serviço cristão quando outros estão desistindo ou sucumbindo de pura exaustão.

"Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rm 8:14). "Pelos seus frutos os conhecereis (Mt 7:20). "O fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5:22,23). Assim existe uma analogia da família universal entre os verdadeiros filhos e filhas de Deus. Seja qual for a raça, a cor, a língua ou o nível cultural da pessoa quando o Espírito Santo penetra nessa vida, a mesma frutescência nômula aparece. E uma analogia de família é uma das mais convincentes provas de um relacionamento de família.

2. O apóstolo Paulo, num similar desafio aos cristãos de Filipos, refere-se ao grupo como a uma "colônia do Céu" (Fp 3:20, Moffatt). Deste modo, eles eram uma colônia *dentro de* uma colônia, visto que Filipos era uma colônia romana implantada numa vasta área não romana. Uma das mais poderosas considerações com que inspirar ou reprimir o filipense era lembrá-lo de que ele era cidadão romano e devia conduzir-se de conformidade com isso, perante um mundo estranho. Semelhantemente, o apóstolo apela à minoria cristã de Filipos para ajustar-se à cidadania mais elevada de todas, sua cidadania no céu. Este desafio tem perpétua relevância para os filhos de Deus. Estamos colonizando para Cristo; mantemos nossa cidadania no céu; estamos em diária comunicação pessoal com o próprio soberano do céu. Quando se mantém vívida consciência disto, não nos é possível falhar e levar uma vida cristã mesquinha.

Durante os tempos da escravidão, alguns visitantes nortistas em Nova Orleans estavam observando um grupo de escravos que ruidosamente e de má vontade percorriam as docas, de volta ao seu trabalho. Apáticos, aparentemente indiferentes para com a própria vida, arrastavam-se. Mas um deles, em extraordinário contraste, cabeça ereta e ânimo indômito, andava a passos largos entre eles, com a nobre postura de um triunfal conquistador. "Quem é aquele sujeito?", perguntou alguém. "Será o capataz, ou o proprietário dos escravos?" "Não", foi a resposta; "aquele sujeito não consegue tirar da cabeça que é filho de um rei." E assim era. Fora levado cativo quando criança, mas lhe haviam ensinado que ele não era uma pessoa comum; ele era filho de rei, e tinha que se manter como tal, enquanto vivesse. Agora, depois de levar a metade de uma existência de dureza e abuso, que quebrantara o espírito dos outros, ele continuava sendo filho de rei! Essa é a inspiração e a força dos filhos de Deus!

III. A Esperança da Família. Uma tríplice esperança se nos antepõe (v. 2).

1. "Quando ele se manifestar." Não é como se o Senhor Jesus se tivesse afastado dos negócios do Seu reino. "E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos" (Mt 28:20). Esta promessa tem sustentado os servos de Cristo através de inumeráveis crises, reveses, desalentos e perseguições. Ao imortal George W. Truett perguntaram, numa ocasião em que o panorama do mundo era particularmente ameaçador: "A tarefa de evangelização é destituída de esperança?" "Não fora o elemento divino", respondeu Truett, "eu a abandonaria agora mesmo." É claro que não a abandonou, mas perseverou com todos os seus poderes, recebidos de Deus,

confiante na presença divina e na promessa do retorno final do Salvador ao mundo.

2. "Havemos de vê-lo." Na igreja primitiva havia aqueles que temiam que a morte poderia privá-los, ou aos seus entes queridos, da suprema experiência de testemunhar o glorioso retorno do Senhor Jesus. Daí esta convicta afirmação do apóstolo João, e afirmações similares do apóstolo Paulo (1 Ts 4:13-18).

3. "Seremos semelhantes a ele." Talvez seja este o mais "espetacular fundamento" para o crente em toda a revelação bíblica. Quando ficamos completamente desanimados com a nossa pecaminosidade, com os nossos inescusáveis erros e com os nossos miseráveis fracassos na vida cristã, é-nos dada a certeza de que na plenitude dos tempos estaremos de pé diante do nosso Senhor, com a imaculada semelhança do Filho de Deus — puros, inculpáveis, com a beleza da santidade em nós. Finalmente seremos aquilo que em nossos melhores momentos sempre sonhamos, esperamos e rogamos que pudéssemos ser.

Isto não será realizado mediante o nosso próprio esforço, mas pela graça de Deus, tendo sido estabelecido antes do nosso nascimento. Na eternidade passada, quando éramos conhecidos como os que abririam seus corações e vidas para a obra salvadora de Cristo, Deus nos predestinou para sermos "conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8:29,30). Deus não largará o crente no meio do caminho, mas o levará àquela gloriosa realização. "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1 Co 2:9).

Como família de Cristo, somos uma família deveras favorecida, com um elevado destino e uma rica herança — o nome da família, a vida da família, a esperança da família. Para os filhos de Deus, esta é uma mensagem de gozo, para colocar um cântico em cada coração. Aos nossos amigos e entes queridos que ainda não se entregaram, o Chefe da família acena e diz: "Vinde", com todo o encanto que a graça divina pode pôr no convite. E quando Cristo se torna Senhor da vida de alguém, torna-se Salvador da sua alma e Guardião do seu destino.

Índice Remissivo

- Abordagem, 52, 53, 56-58, 98, 99
- Abordagem múltipla, 52, 53, 56-58
- Ação, 15
- Acústica, 104, 105
- Adaptação, 98
- Ajudas visuais, 90, 91
- Altruísmo, 108
- Amor, 110
- Análise, 16, 54, 66-70
- Analogia, 44
- Anotações, pregação sem, 5-7, 30-36, 84-96
- Antecedentes, 60
- Apelo, 83
- Apelos básicos, 107-111
- Aplicação, 47
- Argumentação, 47
- Arquivamento (fichários), 5, 116-121
- Aspiração, 108
- Assimilação, 92
- Assistência (presenças), 103
- Associação, 94
- Atendentes (oficiais at.), 103, 104
- Atmosfera, 105
- Auditório, 102, 103

- Bíblia, leitura da, 22, 23
- Bíblia, modelos de apresentação da Escritura, 16-23
- Bíblia, sermões sobre livros da, 27
- Brevidade, 92, 95

- Cenário (localização), 61
- Cerne do sermão, 5, 71-74
- Caráter, 9, 10
- Comunicação (transmissão), 106
- Conclusão, 56, 82, 83
- Consagração, 14
- Contato visual, 85
- Conteúdo, 11, 12, 39

- Contexto, 63
- Coordenação, 79, 80

- Dados preliminares, 54, 59-65
- Deixas, 91, 92
- Dever, senso do, 109
- Divisões (pontos principais), 78-80, 82, 87, 92, 99, 101
- Doutrinação, 15
- Dramatização, 100

- Esboço, 38, 54-58, 87-96
- Escrita a mão vs. datilografia, 91, 95
- Escrituras, 41, 100
- Espírito Santo, 39
- Estrutura, 37, 75-83
- Exortação, 47
- Experiência, partilhando da, 43, 100
- Exposição, 17

- Fichários (arquivamento), 5, 116-121
- Figuras de linguagem, 44, 45
- Foco, 83
- Fontes de material para a pregação, 40-45, 100
- Função do ministro, 10

- História, uso da, 42, 100
- Homilia, 21
- Humorismo, 79, 82

- Iluminação (luz), 104
- Ilustração, 46, 47, 81, 82, 100
- Imaginação, 43-45, 100
- Impressão, 93, 94
- Inspiração, 15
- Intemporalidade, 98
- Interpretação, 46
- Introdução, 56, 76, 77

- Leis da memória, 93-95
 Leitura da Bíblia, 22, 23
 Lembrança, 85
 Literatura, 42, 43, 100 ,
 Localização (cenário), 61
- Manuscrito, 86-88
 Memória, leis da, 93-95
 Memorização, 86, 90-96
 Mensagem, 11-15
 Mensageiro, 9-11
 Metáfora, 44
 Modelos de apresentação da Escritura, 16-23
 Modelo Básico, 16-19, 77, 78, 98
 Modelos relacionados com o Básico, 19-21
 Modelos não-relacionados com o Básico, 21, 22
 Modelo Narrativa, 20, 21, 77, 78, 98
 Modelo solução do problema, 19, 20, 77, 98
 Música, 105
- Narração, 46
- Objetivos da pregação, 13-15, 62, 102
 Oficiais atendentes, 103, 104
 Organização, 75-83, 85-90
- Palavra chave, 5, 48-52, 55-58, 77, 100
 Parábola, 44
 Paralelismo, 79, 80, 95
 Passagens didáticas, 68
 Personificação, 44
 Poesia, 100
 Pontos principais (divisões), 78-80, 82, 87, 92, 99, 101
 Pontos secundários (subdivisões), 80, 81, 87, 92, 93, 99, 101
 Pregação biográfica, 28, 29
- Pregação, conceito bíblico da, 9-15
 Pregação expositiva, 17, 18, 24, 54-58, 98
 Pregação, poder da, 12, 13
 Pregação problema, 26
 Pregação situação da vida, 26
 Pregação tópica, 24, 98
 Processos retóricos, 46
 Proposição (tese), 71-74, 78-80, 82, 99
- Razão, 111
 Recapitulação, 82
 Recepcionista (oficiais atendentes), 103, 104
 Recorte denteado (separação graduada) 90, 92, 95
 Recursos homiléticos, 46-53
 Repetição, 82, 94, 95, 98
 Resposta, 83
 Retenção, 85
- Saturação (e assimilação), 84, 85, 92
 Sentenças tópicas, 87
 Separação graduada (recorte denteado), 90, 92, 95
 Sermão textual, 18, 19, 24, 98
 Sermões, tipos de, 98
 Sermões sobre livros da Bíblia, 28
 Sublinha, 91, 92
- Temor, 109, 110
 Temperatura, 104
 Tese (proposição), 71-74, 78-80, 82, 99
 Tipos de sermões, 98
 Título ou tópico, 75, 76
 Transmissão (comunicação), 106
- Variedade, 98
 Vigor, 97-101
 Visualização, 44, 100
 Vocabulário, 100, 101, 112-115
 Vocação (chamamento), 9, 10

Prezado leitor,

Sua opinião acerca deste livro é muito importante. Escreva-nos. Peça também nosso catálogo. Você o receberá gratuitamente. Nosso endereço:

EDITORA MUNDO CRISTÃO
 Caixa Postal 21.257, 04698-970 – São Paulo, SP

Os Editores

**PARA SUA EDIFICAÇÃO ESPIRITUAL
LEIA ESTES LIVROS DA
EDITORA MUNDO CRISTÃO
Caixa Postal 21.257, 04698 — São Paulo, SP**

Série Cultura Bíblica — Comentários:

Gênesis, Introdução e Comentário	<i>Derek Kidner</i>
Êxodo, Introdução e Comentário	<i>Alan Cole</i>
Levítico, Introdução e Comentário	<i>K. Harrison</i>
Números, Introdução e Comentário	<i>Gordon J. Wenhan</i>
Deuteronômio, Introdução e Comentário	<i>J.A. Thompson</i>
Juízes e Rute, Introdução e Comentário	<i>Cundall/Morris</i>
Esdras e Neemias, Introdução e Comentário	<i>Derek Kidner</i>
Ester, Introdução e Comentário	<i>J.G. Baldwin</i>
Jó, Introdução e Comentário	<i>Francis Anderson</i>
Salmos (1-72), Introdução e Comentário	<i>Derek Kidner</i>
Salmos (73-150), Introdução e Comentário	<i>Derek Kidner</i>
Provérbios, Introdução e Comentário	<i>Derek Kidner</i>
Eclesiastes e Cantares, Introdução e Comentário	<i>Michael A. Eaton</i>
Isaías, Introdução e Comentário	<i>J. Ridderbos</i>
Jeremias, Introdução e Comentário	<i>R.K. Harrison</i>
Ezequiel, Introdução e Comentário	<i>John B. Taylor</i>
Daniel, Introdução e Comentário	<i>J.G. Baldwin</i>
Ageu, Zacarias e Malaquias, Introdução e Comentário	<i>J. G. Baldwin</i>
Mateus, Introdução e Comentário	<i>R.V.G. Tasker</i>
Marcos, Introdução e Comentário	<i>Norio Yamakami</i>
Lucas, Introdução e Comentário	<i>Leon Morris</i>
João, Introdução e Comentário	<i>F.F. Bruce</i>
Atos, Introdução e Comentário	<i>Howard Marshall</i>
Romanos, Introdução e Comentário	<i>F.F. Bruce</i>
I Coríntios, Introdução e Comentário	<i>Leon Morris</i>
Gálatas, Introdução e Comentário	<i>Donald Guthrie</i>
Efésios, Introdução e Comentário	<i>Francis Foulkes</i>
Filipenses, Introdução e Comentário	<i>Ralph P. Martin</i>
Colossenses e Filemom, Introdução e Comentário	<i>Ralph P. Martin</i>
I e II Tessalonicenses, Introdução e Comentário	<i>Howard Marshall</i>
I e II Timóteo e Tito, Introdução e Comentário	<i>J.N.D. Kelly</i>
Hebreus, Introdução e Comentário	<i>Donald Guthrie</i>
Epístolas de João, Introdução e Comentário	<i>John R. Stott</i>
I Pedro, Introdução e Comentário	<i>Enio Müller</i>
II Pedro e Judas, Introdução e Comentário	<i>Michael Green</i>
Apocalipse, Introdução e Comentário	<i>George Ladd</i>

ADOLESCÊNCIA FELIZ! *James Dobson*
Uma exposição aberta, clara e objetiva dos problemas enfrentados pelos adolescentes.

A AGONIA DO GRANDE PLANETA TERRA *Hal Lindsey*
Uma análise das profecias bíblicas sobre o fim do mundo!

O AMOR QUE NÃO SE APAGA *Dr. Ed Wheat*
Para casais que desejam construir um ótimo casamento. Um campeão de vendas no exterior!

O AMOR TEM QUE SER FIRME *Dr. James Dobson*
Como melhorar um casamento ou o relacionamento que está enfraquecendo e onde há desrespeito. O autor dá nova esperança!